



2021

Marco N° 1 - Cevide



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel



Taxa Paga Portugal Linda a Velha

Prioritário

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1450 | 1 Maio de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Renovação da Creche e Jardim de Infância da Santa Casa P.7



Espaço Altice de apoio ao teletrabalho P.25



Manuel Fernandes retoma militância do PSD e apresenta José Passos Rodrigo como candidato às autárquicas P.12



Recuperação da Igreja de Paderne vai mesmo avançar P.24



Mais de 400 moinhos em Melgaço? P.29 e 32



O Ciclo da Flor P.26-27



INAUGURADA LINHA ELECTRIFICADA DE VIANA A VALENÇA **P.3**

BODAS DE OURO MATRIMONIAIS EM CASTRO **P.6**

O MELHOR DISCURSO PRESIDENCIAL NO 25 DE ABRIL 2021? **P.11**

GUERRA ENTRE OS LABORATÓRIOS FABRICANTES DE VACINAS **P.11**

SÓCRATES: A TENDA E AS TEIAS DA JUSTIÇA **P.13**

SCM DISTRIBUI MENSALMENTE 1,5 TONELADAS DE ALIMENTOS FORNECIDOS PELO BANCO ALIMENTAR **P.14**

O PRÓXIMO VERÃO SERÁ O QUE CADA UM QUISER **P.16**

TSF EMITIU DESDE CEVIDE **P.17**

VINHO E TERRITÓRIO - RUBRICA DE LUÍS ANTÓNIO CERDEIRA **P.19**

JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DEIXOU-NOS INESPERADAMENTE **P.20**

DESCRIÇÃO DE MELGAÇO HÁ 200 ANOS **P.28**

VIAJAR PELA BIRMÂNIA **P. 30-31**

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Triplo Ouro no Concurso 2021 da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Mês de Maio, mês do Rosário

Carlos Nuno



O papa Francisco pediu para fazermos uma maratona de oração do Rosário, a partir de 30 santuários marianos de todo o mundo, onde se inclui naturalmente o de Fátima, no dia 13, a fim de pedirmos que termine quanto antes esta tremenda pandemia do Covid 19.

O Rosário é uma especialidade da Igreja Católica. É uma oração que utiliza muita Palavra de Deus. O Pai Nosso é o melhor modo de rezar na fé comum. Ora, as dezenas do rosário são introduzidas pelo Pai Nosso. Mais, a 'Avé Maria', em mais de metade, utiliza expressões bíblicas, sendo o resto uma invocação à Mãe para que interceda por nós pecadores e na hora da nossa morte. O 'Glória' conclui cada mistério e afirma o primado da graça sobre a natureza, que a fé cristã comum reconhece e proclama.

O Rosário é uma verdadeira 'Bíblia dos pobres', cuja eficácia não é meramente estética, mas vivida nas vozes e nas pessoas que a recitam. Alguns objectam que o Rosário é uma espécie de 'mantra'. Mantra deve ser aqui entendido como hino ou oração repetido segundo determinadas prescrições rituais com a finalidade de obter uma graça. E o teólogo Giuseppe Lorzio (in *Avvenire*, 28 de Junho) responde: «E que há de mal se o rosário for um lugar de encontro entre o humano

religioso e a fé cristã?». E refere a sua própria experiência: de pequenino, não conseguia andar e os pais estavam preocupadíssimos. Havia naquela localidade o são costume de rezar o rosário em família e com a participação dos vizinhos. E aconteceu que, inesperadamente, numa das vezes em que recitavam o Rosário, eu me aparteí do abraço de minha mãe e dei os primeiros passos. Não foi um milagre no sentido ordinário do termo, mas uma experiência decisiva, pela qual iniciei o meu caminho no mundo, acompanhado por uma oração coral, que ainda ressoa nos meus ouvidos, quando nela penso».

A humanidade deve recomeçar a caminhar, a expor-se, a percorrer os caminhos da história. A Igreja Católica acompanha-a com este 'mantra' da oração coral que a encoraja e lhe oferece estímulos e seguranças.

O Papa pede-nos que nos unamos em oração do rosário, de um lado e do outro do mundo, não para obrigar Deus a resolver os nossos problemas, mas para nos deixarmos acompanhar pela sua Palavra no caminho da nossa vida, e ao mesmo tempo darmos os primeiros passos em direcção a um futuro que esperamos seja mais humano e, precisamente por isso mesmo, mais cristão.

Sem fé, tudo desaba. E sem oração, a fé apaga-se

Carlos Nuno

Na conclusão da semana de oração pelas vocações, pareceu-me muito oportuno trazer para aqui as reflexões do Papa Francisco na Audiência Geral de 14 de Abril, mais uma vez dedicada à oração. Além do mais, dão resposta a muitas interrogações que hoje se colocam à Igreja em si, às reformas a empreender para que a Igreja posa realmente ser sal da terra e luz do mundo.

Francisco tem bem claro que: «não se pode crescer sem momentos de crise, pois que as crises fazem crescer. Para crescer, é necessário entrar em crise. E o alento da fé é a oração: cresceremos na fé tanto quanto aprendermos a rezar. Depois de certas passagens da nossa vida, damo-nos conta de que, sem a fé, não conseguiríamos superar as situações de trevas. E damo-nos conta, ainda, de que a oração foi a nossa força. E não só a oração pessoal, mas também a oração dos irmãos e irmãs, bem como da comunidade que nos acompanhou e sustentou na provação, da gente que nos conhece, das pessoas a quem pedimos para rezar por nós».

O verdadeiro motor que faz avançar o mundo é rezar e trabalhar em comunidade. Por isso foi e é tão importante o trabalho do monaquismo.

«Tudo na Igreja nasce da oração, e tudo cresce, graças à oração». A melhor maneira de combater a Igreja é secar as suas fontes, impedindo-a de rezar. «Vê-se isso em certos grupos que se põem de acordo em levar por diante reformas na Igreja, organizam-se e contam até

com o apoio dos meios de comunicação, mas não se vê que haja oração. Não se reza. 'Devemos mudar isto, tomar esta decisão, que é muito importante, até um pouco forte...' Parece uma proposta muito interessante, muito debatida e assinalada e apoiada nos media, mas onde está a oração?' A oração é a chave que abre a porta ao Espírito Santo, que é quem, verdadeiramente, inspira para ir avante. Sem oração, as mudanças na Igreja são apenas mudanças de grupo... e, por inércia, as propostas até se aguentam algum tempo, mas depressa a Igreja se dá conta de que se tornou um invólucro vazio, em que o motor propulsante desfaleceu, e, por isso, carece da fonte do calor e do amor».

Realisticamente, o Papa afirma: «As mulheres e homens santos não têm uma vida mais fácil que a dos outros. Mais: têm, como todos, problemas a enfrentar e, além disso, são muitas vezes objecto de oposições várias. Mas a sua força é a oração, pois bebem sempre do 'poço' inexaurível da mãe Igreja. Com a oração, alimentam a chama da sua fé, tal como se fazia com o óleo para as lâmpadas poderem alumiar. E é assim que caminham e avançam na fé e na esperança. Os santos que, aos olhos do mundo, tantas vezes, valem muito pouco, na realidade são aqueles que o sustentam, não com as armas do dinheiro e do poder, dos meios de comunicação e outros que tais, mas com as armas da oração».

Os nossos Amigos

Carlos Nuno

Relembramos aos que estão em atraso de 2 e mais anos que façam o pagamento da assinatura ou em Melgaço, nos 3 locais habituais, ou em Braga, na Administração do largo da Senhora-a-Branca, 105, ou por vale postal ou cheque, ou melhor ainda por transferência bancária:

IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105

Pagaram 2021 como amigos: Maria Amélia Doutey, de França, Augusto de Jesus Pires, de Braga; Dr. José Domingos Alves Silva Neves, do Porto, Fernando Vaz Alves, do Porto; Miguel Peixoto, de Braga, pagando também 2022, e Lucinda dos Anjos Guerreiro Ranhada, de Gaia, que também pagou 2022.

«A lâmpada da fé estará sempre acesa, enquanto for alimentada pelo óleo da oração. A lâmpada da verdadeira fé da Igreja estará sempre acesa sobre a terra enquanto houver o óleo da oração. É ela que faz avançar a fé e a nossa pobre vida, débil, pecadora, pois a oração fá-la avançar com segurança. Há uma pergunta que nós cristãos devemos fazer: rezo? Como rezo? Como papagaio, ou com o coração? Como rezo? Com a segurança de quem se sente membro da Igreja e com Ela reza, ou 'rezo um pouco de acordo com as minhas ideias, fazendo com que as minhas ideias se tornem oração'? Porque esta é uma oração pagã; não uma oração cristã».

Qual é, então, a missão essencial da Igreja? : «rezar e educar para a oração; transmitir de geração em geração a lâmpada da fé com o óleo da oração. A lâmpada da fé que ilumina, que coloca verdadeiramente as coisas no seu lugar, e que sabe que só pode avançar com o óleo da oração. De outra maneira, apaga-se. Sem a luz desta lâmpada, não poderemos ver o caminho para evangelizar. Mais: nem sequer poderemos ver o caminho para acreditar de verdade; não poderemos ver os rostos dos irmãos de quem nos aproximamos e a quem servir; não poderemos iluminar a sala onde nos encontramos em comunidade. Sem a fé, tudo desaba; e sem a oração, a fé apaga-se. Fé e oração caminham juntas. Não há outro caminho. Por isso, a Igreja, que é casa e escola de comunhão, é casa e escola de fé e de oração».

Só na medida em que a Igreja for verdadeira escola de fé e de oração surgirão as vocações de especial consagração e à vida matrimonial que configurarão cada vez mais a Igreja como verdadeira casa e escola de comunhão. E por isso, realmente evangelizadora e atenta aos sinais dos tempos.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa - Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde - Melgaço
Alberto Magno P. Castro - Valença

Alcídio Silva Figueiredo - Porto
Álvaro Carvalho - Braga
António Costa Guimarães - Braga
António Jorge Tavares - Açores
Armanda Urze - Melgaço
Arménio Augusto de Melo - Braga
Arturo Diaz (Dr.) - Barcelos
Helena Matos - Braga
José Afonso Marques - Orense
José Albano Domingues (Dr.) - Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) - Faro
José Marques (Cónego e Doutor) - Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) - Viana
Júlio de Sousa Domingues - Ancora

Manuel José Pereira - Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) - Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) - Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) - Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) - Lisboa
Maria Nadalete Costa Lopes (Dra.) - Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) - Leiria
P.º Manuel Domingues - Viana
Olinda Carvalho (Dra.) - Lisboa
Rui Ribeiro - Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de "A Voz de Melgaço"

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal - 22,50 Euros
Estrangeiro - 30 Euros

Inauguração do Comboio Eléctrico, de Viana do Castelo a Valença do Minho

Julio de Sousa Domingues



Combóio eléctrico, em VALENÇA DO MINHO, que efectuou a Viagem desde o Porto

No dia 25 de Abril, fez-se a ligação eléctrica, a este meio de transporte, ligando a capital de Distrito, à cidade de Valença do Minho.

Não podendo deixar passar este grande benefício sem testemunhar o facto pessoalmente, fiz o trajecto até à cidade Minhota, junto do Rio Minho.

...“mais rápido”: .. “sereno e suave”; “mais confortável e silencioso”; .. foram algumas das muitas expressões, dos que comigo, tiveram a boa ideia desta nova experiência, podendo desfrutar das lindas vistas das margens do Rio Minho, agora com as suas bermas limpas, tendo a bonita Galiza ali mesmo, com um olhar para o Mar Atlântico com as suas belas praias de Afife, Vila Praia, Moledo.. e o casario das nossas seculares aldeias.

Durante o percurso, pudemos recordar na imaginação, os tempos da juventude, para os estudos e para o serviço militar, em que, nós jovens, desde Monção, apanhavam o comboio para Nine/Braga, Porto, Lamego, Coimbra, Figueira da Foz, Lisboa e outras terras, semanalmente, enchendo as grandes carruagens, onde cabia sempre mais um passageiro, de dia e de noite..

Contudo, só no dia seguinte, dia 26 de Abril, se procedeu à inauguração oficial, pelo Governo, que veio até Valença, tendo a presença do 1º Ministro e do Ministro das Infraestruturas e Transportes, para além de outras Entidades Oficiais.

O novo sistema, possui os seguintes benefícios:

- Comboio Intercidades (I) até Valença do Minho;
- Ligação directa entre a Linha do Norte e a Linha do Minho;
- Redução de transbordos;
- Maior conforto;
- Reforço aos fins de semana;
- Transporte ecológico.

Em Vila Praia de Âncora, no seu apeadeiro, constam afixados todos os novos horários com a respectiva Tabela de Preços, realçando a ligação directa a Coimbra B, desde Valença, com redução de preço (25%), para os jovens até aos 25 anos (Regional e Internacional).. Este trajecto, leva cerca de 03 H 12 M, e tem um custo de 16,85 Euros..

De referir, que o denominado CELTA, liga as cidades do Porto a Vigo/Galiza, com paragem apenas em Nine; Viana do Castelo e Valença do Minho.

Os comboios que servem Valença, são os: CI; R; RF; R e C., sendo que 2 comboios Intercidades (I), fazem cerca de 05 H 19 M, de Valença a Lisboa.

Haverá 10 comboios Inter-Regiões (IR), com Coimbra.B e 10 comboios Regionais, entre Viana e Valença..

A modernização da Linha do Minho, devia ter sido concluída em Janeiro de 2 019. E, ainda falta a sua sinalização electrónica (PLANO FERROVIA 2020).

De harmonia com o Projecto (PNI2030), se a sua 1ª Fase se concretizar, a viagem de Porto/Campanhã a Valença, realizar-se-á numa hora apenas..

No ano de 1 887 - 25MAR., foi Inaugurada a Estação Ferroviária de Viana do Castelo, por Fernandes Pereira de Melo.

No ano de 1 878 - 30JUNHO, foi inaugurada a Linha de caminho de ferro, até CAMINHA, com a Ponte de Viana, uma das maiores maravilhas da engenharia de então, por obra da CASA EIFFEL.

No ano de 1 867, O nosso Rei D. Luís, empenhou-se pessoalmente no Projecto da Linha do Minho e enviou todas as diligências tendentes à construção do caminho de ferro para Viana do Castelo, conforme Lei de 2 de Julho de 1 867.

A ferrovia em Portugal, conta hoje com o mesmo número de Kms., que possuía em 1 893 (há quase 130 anos).

De referir o bom trabalho de reportagem efectuado pela jornalista, Ana Peixoto (J.N.), transmitido na Rádio TSF, com a voz inconfundível e saber do Jornalista Fernando Alves, que há dias esteve em Melgaço, e que viajou nas primeiras composições, fazendo o percurso desde Viana, com entrevistas aos passageiros.

* * *

PASSAGEM PEDONAL INFERIOR (À Travessa do Teatro), EM VILA PRAIA DE ANCORA.

Com a presença do senhor Ministro das Infraestruturas e Transportes, Dr. Pedro Nuno dos Santos e o senhor Presidente da Câmara de Caminha, Dr. Miguel Alves, e outras Entidades, foi inaugurada esta obra,

reivindicada pela população local há vários anos (quem se lembra do “trabalho do Zorro” ??), fazendo a ligação pedonal, por viaduto, da Vila à praia.

* * *

25 DE ABRIL, EM V. P. DE ÂNCORA

A Junta de Freguesia local, como tem sido habitual, procedeu ao içar da bandeira nacional,

com uma Placa alusiva ao dia e à época difícil que atravessamos, oferecendo cravos roxos, na Praça junto da Igreja de Nª Sª da Bonança.

A distribuição dos CRAVOS ROXOS, representou o propósito de chamar a atenção para o estado de degradação em que o nosso País e as suas Instituições se encontram mergulhados, realçando a CORRUPÇÃO E O ENRIQUECIMENTO ILICITO de pessoas ligadas aos seus Governos e várias instituições públicas e privadas.

Também referem na aludida placa, cujo texto foi entregue aos presentes, os milhares de cidadãos que serviram na Guerra do Ultramar, como fazendo parte da História de Portugal.

* * *

1º DE MAIO:

Já decorrem os trabalhos de embelezamento desta já linda Vila, com uma população de simpatia extrema, para o mês de Maio, que se aproxima, com a colocação de flores, nas principais ruas e em frente da Igreja de NªSª da Bonança.

Felicitemos os seus autores, pela boa imaginação e pelo bom gosto.



1º DE MAIO: Largo com flores

INVESTIMENTO PRIVADO: LAR PARA IDOSOS:

- Foi anunciado pela Câmara Municipal, o investimento particular de cerca de 9 milhões de euros, na edificação de Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI), nos terrenos da antiga Escola Cooperativa Ancorense, de V. P. de Ancora, a concluir em 2 023, criando cerca de 40 postos de trabalho.

Terá uma ligação directa à E.N. nº 13.

Nas redondezas, já existem outros serviços, como Escolas,. Piscinas, Pavilhão, Centro de Saúde.

Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.



EstheticSmile
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.

Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.



Do “Vale do Lima” XXIX

P. M. Domingues

Faço memória de alguns episódios pitorescos da vida “militar”. Aliás, é uma vida que marca muito quem por ela passa. Cada um destes episódios remete, implicitamente, para o contexto mais amplo duma vida!

1 - O meu baptismo de voo foi num Nord Atlas, velho avião militar de carga, de Cabinda para Luanda. Rangia por todos os lados e eu, com receio de confessar o medo, fui-me aguentando sem tremer. Só quando reparei num grupo de oficiais que jogavam às cartas descontraídos é que entrei em total tranquilidade. Dali em diante, sempre que se proporcionava, era o meu meio de transporte preferido. Aviões de todo o tipo, helicópteros, táxis aéreos, de tudo experimentei.

2 - Uma vez, fui convidado para ir a uma sanzala rezar com uma família indígena. Como não ia em missão militar, vesti uma batina que tinha comigo e, a pé, lá vou eu tranquilamente. Passando junto de machambas onde os nativos labutavam, fiquei surpreendido com a alegria com que era saudado e quase abraçado. Abençoada batina que me fez sentir *padre do povo*!

3 - Uma noite, tive de partilhar o quarto de dormir com um alferes miliciano. Antes de deitar, enquanto eu fazia as minhas orações silenciosamente, o alferes, de joelhos junto da cama, rezou longamente. Belo exemplo que recebi!

4 - A primeira vez que celebrei “*missa do galo*”, foi numa igreja lá do sítio onde estava. Celebração solenemente participada e cantada em Gregoriano (e latim) pelos cristãos nativos. Os “meus” soldados ficaram “de boca aberta”, não seriam capazes de tanto!

5 - “Meter o chico” para prosseguir vida militar nem sempre era bem visto pelos milicianos. Certa ocasião, um “*corajoso*” que o fez, viu-se de tal modo “*gozado*” que só o ombro do capelão lhe valeu de apoio! Também passava por aí a minha missão.

6 - Cometi algumas “gafes” em termos de disciplina militar; uma altura, quase fui considerado “*desertor*” para valer numa aflição e ausentar-me sem licença.

7 - Tenho que lembrar o Mateus (tantos outros podia), um pobre e velho negro cristão que vivia no Belize, Cabinda. Nunca faltava à missa, se a havia na igreja de S. António do Belize. Costumava brincar com o nome dele reportando-me ao evangelista. Quando me vim embora, deixei-lhe um abraço e ele chorou! Também me comovi. Atender de confissão um leproso, foi uma experiência complicada que vivi sem lhe manifestar a repulsa que o seu odor pestilento me causava.

8 - Um dia, fui chamado de urgência para administrar a Santa União a um alferes que “*estava a morrer*”. Quando cheguei, vi-o rodeado de colegas e realmente numa aflição enorme. Debrucei-me sobre ele para tentar dizer-lhe umas palavras e, de repente, dá um salto, os camaradas soltam uma gargalhada e eu aparvalhado no meio daquilo tudo. – Desculpe, capelão, foi a maneira que encontramos para o convidar para uma “*tainada*”, doutro modo era capaz de não vir! Quem não há-de ter gosto em partilhar estas memórias?!

9 - Um dia, passou, em trânsito, pelo Ambrizete, um alferes miliciano, chegado da metrópole, para substituição individual. Naquela noite dormiu na mesma casa destinada a oficiais fora do aquartelamento. Altas horas, sinto bater na minha porta, abro e era ele. – Senhor capelão, reze. – Que se passa? – Parece que vamos ser atacados, já vieram chamar o alferes X, reze! – Está bem, mas tenta dormir, não tenhas medo... Passados momentos, outra vez e a mesma preocupação. Pensei pra mim: e mandam esta gente prá guerra sem o mínimo de condições psicológicas e ainda por cima com funções de comando!... Que terá sido feito de ti, meu caro alferes maçarico?! ...

10 - O Ambrizete, norte de Angola, era uma vilória do “mato”, embora situada à beira mar e era a sede da CCS do meu Batalhão. Também era sede de Posto. Tinha um gerador para fornecer energia eléctrica e havia uma sala de cinema. Quando estava, aproveitava para ver uns filmes que eram um passatempo agradável para militares e civis do sítio, incluindo garraizada negra a

quem os soldados pagavam um bilhete. Civis brancos eram muito poucos e só uma ou duas raparigas, que povoavam as fantasias da tropa. Uma delas, linda e algo provocadora no vestir, tornava-se companhia desejada na sala mas, não sei porquê, o único que recebia bilhete, sentado à beira dela, era eu. Sobretudo os alferes ficavam altamente chateados e invejosos e até ciumentosos! Mas eu dizia-lhes: ó mauta, cada um só tem o que merece. Se eu mereço confiança e vós não, o problema não é meu! ... Ó vida, que tempos!

11 - Numa capelinha de sanzala onde às vezes celebrava a missa para os nativos, o catequista local quis fazer uma reflexão muito emotiva dando a notícia do acontecimento do dia, que era a viagem do primeiro homem à lua. De seguida entrou o régulo do sítio que, embora não fosse cristão, queria pedir para que se rezasse a pedir a chuva.

12 - Noutra localidade, os cristãos negros quiseram edificar uma capela. Fizeram os adobes e levantaram as paredes. A Missão Católica deu-lhes chapas de zinco e eu levei um soldado carpinteiro para fazer a estrutura e assentar as chapas, mas o trabalho não ficou concluído nesse dia. De noite formou-se uma enorme trovoadas e caiu um torrencial de chuva. Na cama, pensei pra mim: lá se foi a obra! De manhã fui ver. Tudo no chão e os adobes desfeitos. Que desolação geral! Como íamos mudar de zona, deixei-lhes algum dinheiro (e o povo de Parada do Monte colaborou) para que refizessem a capela.

11 - No princípio da minha missão, entregaram-me duas meninas: uma chamava-se *defensiva* e a outra *ofensiva*. Ficaram a morar num roupeiro do meu quarto na CCS. No fim da comissão, devolvi-as *virgens*! Eu estava para morrer, se calhasse, mas não para matar!

12 - O meu major não gostava de mim porque eu o denunciava sem querer e na brincadeira como agente da PIDE. Brincar com coisas sérias é o que dá! Mais tarde, já na disponibilidade, encontramos-nos e ele tinha esquecido.

Flashes do Ciclo

As comemorações de datas Históricas

Arménio Melo

Nos últimos 30 dias, os portugueses festejaram 3 datas, correspondentes a factos importantes, nomeadamente: 25 de Abril, de 1974, a Constituição de 1976 e o 1 de Maio. Estas Comemorações, vistas analiticamente, tornam-se curiosas, principalmente o 25 de Abril e a Constituição. Com efeito, no 25 de Abril, não se diz a verdade do que verdadeiramente se passou nesse dia, aparecendo covardes considerados heróis e olvidando os que efectivamente foram heróis, considerando ridículo, os militares, que aparecem na Assembleia da República, sejam apontados, como representantes da vitória dos cravos, quando podem, sim, ser considerados traidores. Efectivamente, a quem devemos o facto de não haver sangue, é a Marcelo Caetano. Nesse dia, eu estava de Chefe de serviço no comando da PSP de Braga e, às 03 horas, recebi uma mensagem do Comando Geral, a informar o seguinte: “Forças Armadas sublevadas por decisão de Sua Excelência Senhor Presidente do Conselho, não ripostar, mas concentrar o pessoal e defender os aquartelamentos. Passadas cerca de uma hora, recebo nova mensagem do Comando Geral, que dizia. Sua Excelência, o Senhor Presidente do Conselho, deseja não ver sangue” o que, obviamente me convence ser Marcelo Caetano o responsável único de não haver sangue. Todavia, houve sangue após o dia 25 de Abril, chegando a morrer crianças. Porque o partido comunista, fiel a Moscovo, sabia que uma mudança, em paz, como estava combinada, não lhe convinha, visto que, democraticamente,

não ganha eleições, só com terrorismo, é que ganham e governam, criando assim, elos de carácter terrorista, de que se notabilizaram as forças populares 25 de Abril, com Otelo à frente e as brigadas revolucionárias com Isabel do Carmo e Carlos Antunes, obviamente cobertas, pelo Conselho da Revolução, o verdadeiro elo do Partido Comunista. Se houvesse justiça, só havia comemoração do 25 de Novembro e os seus heróis que, nesse dia sim, houve heróis. Quanto à Constituição, de 1976, já pouco resta. Com efeito, foi uma constituição feita contra a vontade do partido comunista, chegando o Cunhal a declarar que não chegava ao fim, acontecendo vários intentos, para não ser feita, chegando os constitucionalistas, a serem sequestrados, na Assembleia da República. Para ser assinada, foi preciso fazer como o Partido comunista desejava. Assim, o CDS votou contra e o PSD, votou a favor, mas Sá Carneiro declarou que votava assim, porque entendia, que era melhor uma Constituição má, que nenhuma, mas que ia lutar, por uma constituição, mais democrática. Foi o que fez, logo que assumiu o poder, com as alterações na revisão de 1980, conseguindo eliminar o Conselho da Revolução, órgão ligado ao partido comunista, com altos poderes. Esta Constituição, já sofreu sete alterações, das quais se destacam a citada de 1980, de Sá Carneiro e a de Cavaco Silva, com Victor Constâncio, que libertou Portugal da mordaza que ainda existia, O partido comunista, votou contra as sete alterações. Obviamente, não estranhei a atitude de Jerónimo de

Sousa, quando disse que defendia a Constituição, mas que havia forças que a queriam alterar, mas estranho que haja comentadores, a considerar este partido democrático, quando a democracia que desejam é a de Cuba ou Coreia do Norte.

Para terminar, desejo prestar um esclarecimento. Valter Alves, no seu Artigo da Voz de Melgaço, do mês findo dedicou-o a CAVALEIROS E À SUA CAPELA e, na parte que se fere à CAPELA, diz ser possível já ali ter havido uma capela dedicada a S.Mamede. Eu nasci em Cavaleiros e ali vivi até aos 25 anos. Em frente à Capela, na margem direita do rio do Porto, a cerca de um Km existe o Monte de S. Mamede e, no cume desse monte, ainda me lembro de se verem sinais onde diziam que havia sido o local da Capela, cuja pedra foi levada para construir a de Cavaleiros. Também me lembro de uma lenda que havia por, a situação da Capela ser diferente. Efectivamente, as Igrejas e Capelas tinham a porta virada para ocidente, aliás, quem estudou Topografia, isso constava, nos métodos de orientação, significando que, a Religião cristã veio do Oriente para Ocidente. Assim diziam, que a CAPELA DE CAVALEIROS, foi feita nos mesmos costumes, mas que o S. Mamede, aparecia no altar com as costas para o povo e virado para o monte onde havia estado, pelo que a desmancharam para fazer a vontade a S.Mamede, virando a porta, para o monte de São Mamede. O que não posso dizer, é se foi o monte que deu o nome, a S. Mamede ou se foi o contrário.

Hissopo – Planta Sagrada

Teresa Tábuas

Se pretende uma planta rústica, que resiste bem à seca e tolera solos tanto argiloarenosos, como francos e calcários, desde que conte sempre com boa drenagem, para ornamentar o seu jardim e ter em simultâneo acesso a uma planta condimentar e medicinal, pode eleger o hissopo (*Hyssopus officinalis*).

É uma bonita planta aromática que atrai abelhas e ajuda a combater a mosca branca das couves, é benéfica para as videiras, mas não gosta de ser consociada com rabanetes, sendo, portanto, uma aliada no combate a algumas pragas de insetos.

De aroma forte, intenso e agradável a cânfora e hortelã, o sabor das suas folhas, de cor verde-escura é refrescante, porém forte, ardente e um tanto amargo semelhante a hortelã. O seu sabor lembra o alecrim, a segurelha e o tomilho.

A planta utiliza-se como melífera, em apicultura, produzindo um excelente mel rico em aroma.

O hissopo contém terpenos, óleo volátil, incluindo cânfora e betapineno, flavonoides, taninos, hissopina e resinas. Muito utilizado em forma de infusão para tratar infeções do aparelho respiratório, pois gripe e doenças respiratórias em geral costumam trazer sintomas como a tosse e a congestão nasal, que podem ser combatidos pelo consumo do chá de hissopo, que é **naturalmente expectorante**. Ele pode ajudar principalmente quem sofre de asma, bronquite, rinite, sinusite tosse, constipações, gripe, bronquite, sinusite, asma, entre outras doenças deste foro. É também utilizado em forma de gargarejos para aliviar dores de garganta, gengivites e amigdalites.

Aumenta o apetite, funciona como digestivo e combate a flatulência e a prisão de ventre

Usa-se ainda para aromatizar e desinfetar ambientes.

Conquanto toda a planta é intensamente aromática, deve ser colhida preferencialmente em temporada de floração, para aproveitar as **florescências** floridas; em condições ótimas pode obter-se uma colheita no fim da primavera e outra em inícios de outono.

Por ter folhas que absorvem líquido, o hissopo era amarrado em forma de molho e utilizado como uma espécie de brocha. Era muito utilizado para aspergir líquido, fosse água, sangue ou vinagre.

A textura do hissopo é semelhante às folhas de hortelã, ásperas e com um bom aroma. Devido a essas características, o hissopo era utilizado em rituais de purificação, no tratamento de leprosos e na preparação do cadáver para o sepultamento, entre outras utilidades. A palavra “Hissopo” deriva do hebreu “Ezoph” e do grego “Azob”, sendo utilizada por estes povos purificar os ambientes e o corpo para a meditação, oração e cura, sendo por estes motivos considerada uma planta sagrada.

Crê-se ainda que Cristo quando desceu da cruz lavaram-lhe a cara com água de hissopo.

Como tempero, usam-se as folhas. O hissopo tem um sabor picante, azedo e levemente amargo e aroma pronunciado, razão pela qual é um componente importante de muitos pratos, contribuindo não apenas para melhorar a sua qualidade, mas também para enriquecê-los com substâncias úteis.



É fundamental na indústria da salsicharia alemã.

Na culinária caseira, são utilizadas folhas frescas e pedaços de galhos com flores, que são adicionados à carne picada, sopas e pastas. Esse tempero é frequentemente usado para encher salsichas e ovos. O hissopo é considerado indispensável na preparação de pratos como carne de porco frita e ensopado. O Hissopo combina bem com os pratos de queijo, mas é adicionado aos acompanhamentos de legumes e pratos em pequenas quantidades e com cautela. Um número muito pequeno de ramos floridos adiciona sabor e melhora o sabor das saladas de tomate e pepino. No Oriente, o hissopo é usado mesmo na preparação de bebidas.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

- Vai um carioca?!...
- Não, vai um café duplo.

Quantos serões, noite dentro, a escrever a notícia do momento!... A escrita fluía como se tivesse vontade própria. Deixava que o ar fresco da noite, que se respirava naquela Avenida Central, entrasse e se misturasse com o ambiente da redacção. Que bem sabia aquele cigarro, tarde e a más horas!... Um Chivas vinha mesmo a calhar!...

O cigarro já era!... E um Chivas continua a ser uma bebida para boas ocasiões!... Um destes dias vou cobrar ao meu amigo de muitos anos o licor de whisky prometido: Drambuie.

Cada época é uma época!... Retrocedo no tempo e visualizo o tempo em que as tabernas eram locais de

convívio que davam lugar a zaragatas de bêbados! Não era bonito ver homens num estado lastimoso!... O vinho tinto carrascão inebriava homens de família, e não só!... E as bebedeiras continuam a fazer das suas!... Que gozo dá a esta juventude “emborcar” até cair?!... Ir a uma Queima e assistir ao espectáculo degradante de jovens universitários é doloroso.

Vá-se lá entender o provérbio:
- Quem bebe não sabe os danos do vinho; quem não bebe não sabe suas virtudes.

A sobriedade é uma qualidade que nos honra e fortalece. É uma qualidade que só a nós diz respeito e faz a diferença na consciência das nossas vidas. Temos que ser sóbrios na maneira de ser e de enfrentar os desafios e as dificuldades que nos impõem.

Não é só o álcool que inebria!...
Há quem fica ébrio com o poder!...
- Vai um café?!...
- Aceito um mazagran.

Ouçõ o silêncio da noite e procuro respostas para a inquietação do momento. Estou farto do confinamento. Ai se eu pudesse pegar no Portaro, atrelar a Caravana e seguir viagem rumo ao Santuário de Fátima!... Ao passar na Cidade Invicta recordaria as boas memórias. E ao apanhar a Estrada Nacional entraria em contacto com os “macanudos”!... E quando chegasse a Cascais, depois de respirar o ar de Lisboa, daria por bem empregue o tempo passado.

Toca a desconfinar!...
A vacina já cá canta!...

Os mais belos elogios provêm do Amor

Helena Matos

E lá vem o Mês de Maio com roupagens coloridas e alegres que nos fazem agradecer o melhor da vida!...

Maio traz um mistério de beleza que nos convida a partilhar as boas energias que a Primavera espalha de mãos dadas com a Natureza.

Em Maio homenageamos as mulheres que nos dão o dom da vida. Homenageamos, ao mesmo tempo, os filhos que nos proporcionam ser mães e os homens da nossa vida.

Maio é moço e moça!...

Maio é a alegria da chuva e o colorido dos arco-íris!...

Maio é Lar e Família.

Sou grata pela Mãe que tive. Pela Avó que me acompanhou. Pelas Tias que me ajudaram a crescer. Pelas Mulheres que tocaram meu coração e me fizeram uma pessoa melhor.

Sou privilegiada pela filha que tenho e que todos os dias da minha vida enobrece e fortalece os laços que nos unem.

Tenho o privilégio de ser abençoada como Mãe. Sou feliz por ter quem me cerca de mimos e atenção nos dias menos alegres e mais pesados.

Um dia, numa troca de “ vaidades”, quis saber se estava um pouco anafada!... Sim, as curvas, com a idade tornam o corpo mais volumoso! Toda a mulher gos-

ta de se sentir confortável com sua aparência. Gosta de ser elegante, bem-parecida. Já lá vai o tempo em que a beleza feminina retratada pelos grandes artistas privilegiava umas certas “gordurinhas”!... Não é por acaso que “gordura é formosura”!... Ora no meio da conversa obtive a melhor resposta e o melhor elogio que poderia receber:

- Oh Mãe, tens corpo de Mãe!

Que definição mais bela e terna!

A generosidade e grandiosidade da resposta encheu-me de amor e alegria sem limites.

Como é belo o regaço materno!...

Mascarados e... Formatados!

António Jorge Tavares

Todos os dias somos surpreendidos com novos dados de mortes por esse mundo fora, provocados pelo Covid.

Interrogamo-nos e procuramos saber quando esta angústia terá o seu fim, e não obtemos respostas concretas, apoiados apenas que a vacina poderá travar a pandemia, nos tempos mais próximos.

É a esperança que temos no nosso horizonte, para travar a avalanche de mortes que até agora provocou, a maioria delas nos idosos, numa perfeita razia impen-sável.

O confinamento a que todos nós temos estado obrigados, quer se queira quer não, veio alterar o nosso comportamento no dia-a-dia.

As mudanças verificadas nos últimos tempos, levadas a cabo pelo homem nas áreas da tecnologia, acabaram em muitos aspectos por o aniquilarem para outras motivações, embriagado no frenesim do sucesso e do lucro fácil, esquecendo-se ele próprio que tudo isso é rápido e efémero, e acaba por deixar um vazio que nunca mais será preenchido.

Fica para trás, é que muitos desses sucessos são pouco consistentes, pois foram assentes em alicerces, a maioria das vezes frágeis, tendo o seu início numa conjuntura de explorar ao máximo o trabalho do homem, não o respeitando como ser humano.

Antigamente, uma empresa, quando prosperava, um dos factores do seu progresso, era o aumento dos seus funcionários; hoje em dia é o sinal contrário: é a dispensa de trabalhadores, motivada pelo avanço das tecnologias. Veja-se o caso dos bancos, onde os funcionários foram substituídos por máquinas e pela internet, a qual permite tratarmos de muitas operações bancárias na nossa própria casa. Tudo isto foi feito na presença

dos seus próprios trabalhadores, muitos deles à espera de deixar de trabalhar, para entrarem num “dolce far niente” cujas consequências estão à vista. Não me refiro só ao caso dos bancários, mas de muitas outras actividades básicas, onde a presença humana era indispensável. Veja-se o caso dos professores, alicerces dos jovens em tantos aspectos, onde às vezes o sentido de Família andava ausente e davam o seu apoio a muitos jovens.

Gostaria aqui de referir uma frase absolutamente fantástica desse grande homem que foi Nelson Mandela: “A educação é a arma mais poderosa, que você pode usar para mudar o mundo”.

O que é que tem sido feito nesse aspecto? O futuro de um país e daqueles que o integram, deve começar por esse princípio da educação e do respeito que devemos ter todos uns pelos outros. Sem essa base, não iremos a lado nenhum, por muito dinheiro que entre no país vindo da Europa, cada vez ela própria mais insegura.

Com a pandemia e o isolamento a que muitos estão “confinados”, a situação acaba por tomar proporções, cujas consequências ainda não estão avaliadas no momento.

Outra consequência desta pandemia é a falta de conhecimento que todos temos sobre o assunto; também muitos não procuram saber as consequências que vamos ter no futuro. A morte cada vez está mais banalizada, atendendo ao enorme número de mortes por esse mundo fora. Ainda há dias, uma pessoa amiga me dizia que tinha pessoas que conhecia, as quais lhe diziam que não tinham pena de morrer! Chegadas a este ponto, situações destas assustam.

Claro que um dos grandes males desta sociedade moderna foi o consumismo desenfreado a que chegou,

com consequências desastrosas para todos. É difícil já estancar ou refrear esse consumismo, porque todos os canais de televisão, as redes sociais através dos smartphones (os próprios aparelhos muitos deles super-caros), incitam a isso, em especial aos mais jovens.

É necessário um novo comportamento social, mais solidário e fraterno, e isso ainda não começou a dar os seus frutos. Existem, felizmente, muitas cadeias e movimentos de solidariedade que estão a melhorar e a socorrer muitas famílias necessitadas, e é de louvar esse voluntariado de muitas pessoas, porque senão a situação seria ainda mais grave.

Não quero acabar sem referir dois casos chocantes recentemente vindos a público pela comunicação social televisiva: uma idosa que foi multada por um agente policial, por estar a tomar um café na entrada do mesmo, no passeio; o outro caso também deveras chocante, o de uma pessoa que estava a comer dentro da sua própria viatura, e foi autuada porque o não poderia fazer. Estranho país este que tem como zeladores, agentes de autoridade que se dedicam somente a passar multas, deixando outras tarefas bem mais importantes como a nossa segurança e prevenção, tarefas essas para que essas forças policiais foram criadas.

É no fundo também a nossa privacidade que está ameaçada no futuro, com o desgoverno dos confinamentos que proliferam por este país fora, e não vemos frases do estilo: “Fique em casa pela sua saúde”!

Aguardemos que o processo da vacinação termine com sucesso, e depois, com redobrada paciência, possamos dizer que “já vemos a luz ao fundo do túnel”. Não devemos perder essa esperança.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Nas Bodas de Ouro Matrimoniais de Anselmo Conde e Amabélia Afonso

Foi no jornal de 1 de Maio de 1971, página 4, que foi dada notícia de um «Casamento Elegante» em Castro Laboreiro, em 24 de Abril. O Anselmo Conde, emigrante no Canadá e assinante do jornal, uniu-se em matrimónio com Amabélia Afonso, professora do ensino básico. Ele era filho de Firmino Conde e Constança Domingues Conde, e ela era filha de Manuel Joaquim Afonso e Virgínia Domingues, todos naturais de Castro Laboreiro.

O matrimónio cristão celebrou-se na igreja de Castro Laboreiro e foi presidido pelo pároco, padre Aníbal Rodrigues. Por parte do noivo foram padrinhos (testemunhas) o seu primo José Conde e sua tia Umbelina Domingues. Da noiva foram padrinhos seus tios Manuel Rodrigues e sua esposa Ermelinda Domingues.

A notícia, da autoria do que era correspondente em Melgaço, Afonso do Paço, informa ainda que o almo-

ço, abundante e de qualidade, foi servido na há pouco inaugurada Estalagem de Castro Laboreiro. Foram muitos os convidados presentes. Os noivos gozaram ainda de uma inesquecível viagem de núpcias.

Passados 50 anos, dadas as restrições impostas pela pandemia, o casal celebrou na intimidade a data com almoço muito íntimo. E quer muito poder ir à Peneda agradecer todas as bênçãos recebidas ao longo deste percurso feliz, sobretudo a filha Carmen Leonor Afonso Conde, o genro Armandino Rodrigues e o neto Hugo Alexandre Rodrigues, licenciado em Relações Internacionais.

Aos prezados amigos e nossos assinantes desejamos que possam continuar a celebrar mais anos de vida em comum e que o possam fazer com saúde e alegria.



MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio
Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Santa Casa apresentou renovação de Creche e Jardim de Infância

Lar Pereira de Sousa é o desafio de 3,5 milhões ainda sem data de intervenção

João Martinho



A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço convidou a autarquia a visitar a intervenção “quase terminada” no edifício da Creche e Jardim de Infância da instituição. No dia 28 de Abril, o presidente da Câmara Municipal, Manoel Batista, a vice-presidente Maria José Codesso e a vereadora Maria José Dias conheceram as melhorias no edifício da infância, agora com “todas as comodidades” e devidamente licenciado.

Com a renovação das valências de Creche e Jardim de Infância – privilegiando o piso de borracha e relva sintética no exterior, assim como o redimensionamento de espaços e eliminação de degraus no interior – a Misericórdia melgacense receberá as cerca de cem crianças que diariamente utilizam aquelas instalações com mais conforto.

“É mais um passo para a Santa Casa responder à sua comunidade, e é o edifício de infância mais bonito do país”, subleveu o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, reconhecendo no entanto o quase limite da “única resposta de Creche no concelho” devido a um “acréscimo de natalidade” e conseqüente procura.

No rol de inaugurações, e finalizada esta intervenção, a Misericórdia melgacense soma a terceira instalação renovada e devidamente licenciada, no cumprimento dos requisitos legais actualmente em vigor. O Lar “Cantinho dos Avós”, em 2015, foi a primeira das obras certificada, a que se seguiu o Centro de Actividades e Tempos Livres (CATL) em 2017 e, em 2021, o recém-intervencionado edifício de Creche e Jardim de Infância.

“Não tínhamos licença porque os requisitos legais da altura da construção não obrigavam, e agora são outros”, explicou o provedor da Misericórdia, enumerando pequenos ajustes como a eliminação de barreiras, degraus, aumento de salas e espaços técnicos para que o licenciamento tivesse efeito.

Com esta conclusão, a Misericórdia melgacense olha agora para o seu projecto “mais delicado”. A intervenção para remodelação e licenciamento do Lar Pereira

de Sousa implica um investimento na ordem dos 3,5 milhões de euros, que a instituição espera financiar através do Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES) ou PRR (Plano de Recuperação e Resiliência).

“Queremos acreditar que a nossa candidatura ao PARES será bem-sucedida. É uma prioridade, e tendo nós o projecto devidamente elaborado e licenciado por todas as entidades, se correr mal nesta candidatura iremos fazer o que é preciso fazer naquele edifício”, reforçou o provedor Jorge Ribeiro.

A intervenção prevista, “complicada e delicada” pelo facto de implicar a mobilização de 55 utentes para uma nova (a construir) durante o processo de reconfiguração das actuais instalações, obriga a “muita programação e faseada”.

As actuais instalações, que geram obstáculos legais e inclusive a candidaturas a programas de eficiência energética, motivam a instituição a uma remodelação profunda de todo o edifício do Lar Pereira de Sousa, do qual permanecerão “apenas as paredes exteriores”, tudo o resto será redesenhado. Com esta ampliação “quase obrigatória”, o edifício passará a dispor de 82 camas, mais 27 do que a oferta actual.

No final da visita às instalações destinadas à infância, Manoel Batista corroborou a “urgência” da requalificação das respostas sociais.

“A Santa Casa tem um conjunto grande de respostas, na terceira idade e na infância e a requalificação dessas respostas é prioritária. É com agrado que visito as instalações, acompanhado pela vice-presidente, e percebo a qualidade desta intervenção e requalificação. É um aumento de qualidade enorme”, observou.

Sobre o apoio às renovações que a Santa Casa tem levado a efeito e aos desafios futuros, o edil melgacense frisa que “a postura do executivo tem sido sempre a de estar ao lado das organizações”. “Estaremos, com



estivemos para esta resposta de infância, que apoiamos com 48 mil euros para esta requalificação”.

“Sei que a Santa casa tem outros desafios, de forma muito concreta o Lar Pereira de Sousa, o mais antigo de Melgaço, construído nos anos 80 e a precisar de uma grande intervenção”, reforçou Manoel Batista, perspectivando resultados favoráveis às candidaturas que a instituição eventualmente submeta aos programas de apoio, vincando no entanto o “compromisso assumido para apoiar as requalificações no Lar Pereira de Sousa, que aconteçam o mais rapidamente possível”.

“Não podemos conceber um país que não tenha esta capacidade de se requalificar, melhorar para apoiar as respostas sociais, só assim conseguimos dar resposta as necessidades que temos”, considerou ainda o autarca, relativamente às ferramentas do próximo quadro comunitário, que permitirão ao Estado “maior atenção às instituições do sector social.

“Atenção na requalificação física e financeira para a gestão, que permita às instituições ter quadros qualificados e bem remunerados, o que hoje não acontece. Espero que haja sensibilidade também para, depois da pandemia, se tratar essa matéria”, sublinhou.



6º MELGAÇO ALVARINHO TRAIL

QUINTAS DE MELGAÇO

23 MAIO | 2021

CAMINHADA 14 KM

TRAIL CURTO 19 KM

TRAIL LONGO 27 KM

TRAIL ULTRA 48 KM

SERIES 100

SERIES 150

MAIS INFORMAÇÕES EM: Melgaço Alvarinho Trail

MELGAÇO ALVARINHO TRAIL



Hotel Castrum Villae: hospitalidade, natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 reservas@hotelcastrumvillae.pt

Castro Laboreiro - Melgaço hotelcastrumvillae.pt

CASTRUM VILLAE
HOTEL

VENDE-SE

Casa de morada, no centro de São Gregório (junto à capela) com dois pisos e garagem de 60m², totalmente mobilada e equipada.

Bom preço

MOTIVO: Mudança de residência do proprietário.

Tlm. 933 871 728 ou 939 794 503



Melgaço cumpriu tradição catalã (e homenagem a São Jorge) no dia Mundial do Livro

João Martinho



No dia 23 de Abril assinalou-se o Dia Mundial do Livro, comemorado desde 1996 por decisão da UNESCO, no mesmo dia em que se assinala também o Direito de Autor.

A data foi escolhida com base na tradição catalã segundo a qual, neste dia, os cavaleiros oferecem às suas damas uma rosa vermelha de S. Jorge – santo patrono da Catalunha, que se assinala neste dia – e recebem em troca um livro, testemunho das aventuras do heróico cavaleiro. Em simultâneo, é prestada homenagem à obra de grandes escritores, como Shakespeare, Cervantes e Garcilaso de La Vega, falecidos em Abril.

Em Melgaço, o dia assinalou-se con-

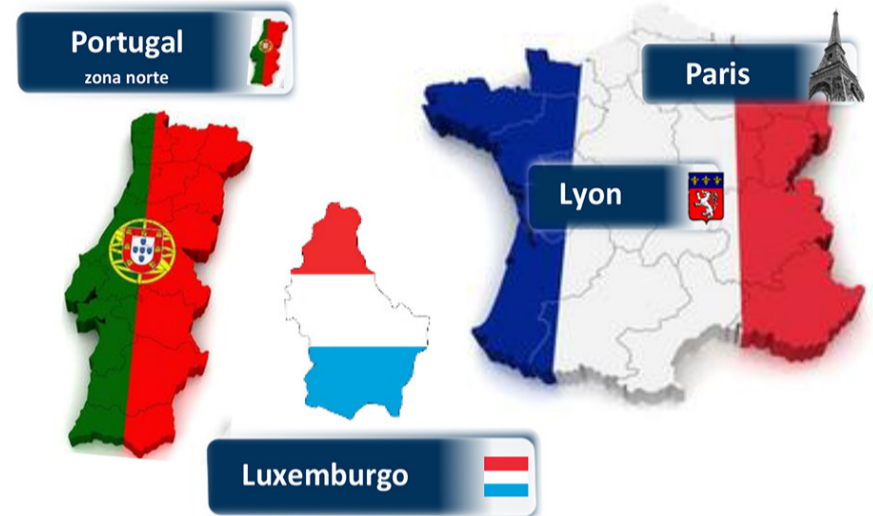
forme os preceitos da tradição catalã, oferecendo uma rosa vermelha e um livro a quem visitou neste dia a Biblioteca Municipal ou o pólo de Castro Laboreiro.

Este ano, a obra escolhida para agradecer os visitantes foi o livro “Melgaço – Memórias dos tempos passado e presente”, de J. Marques Rocha, onde o antigo jornalista da RTP procura retratar todas as obras realizadas no concelho entre 1982 e 2007.

A corrida às duas bibliotecas do concelho surpreendeu os serviços da autarquia, tendo esgotado ainda a meio da tarde de 23 de Abril a meia centena de rosas e livros destinados ao brinde.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT Nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

UKUBO

Contabilidade
Apoio ao cidadão – IRS

A entrega do IRS de 2021, referente aos rendimentos auferidos em 2020, decorre de 1 de abril a 30 de junho de 2021.

Precisa de apoio na submissão do seu IRS? Contacte-nos!

Serviços

- Contabilidade;
- Consultoria de Gestão;
- Assessoria Fiscal;
- Direitos da Empresa;
- Gestão de Recursos Humanos;
- Apoio ao Contribuinte;
- Portugal 2020.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715-398 Braga

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Moradia com terreno
Podame, Monção, Viana do Castelo

Quintinha com casa centenária e apalaçada. Possui casa anexa em pedra, espigreiro e furo de água. A propriedade é toda murada e encontra-se localizado em local calmo. Terreno com cerca de 3570m2.

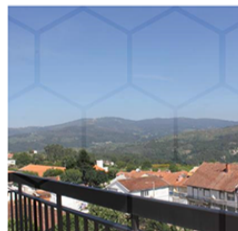
160.000€ 125.000€
00033 E



Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 localizado no centro da Vila de Melgaço com 99 m2 de área útil. Possui três quartos, duas casas de banho e a cozinha está totalmente equipada. Caixilharia em alumínio com vidro simples. Detém, ainda, uma garagem individual fechada com 25m2.

130.000€ 110.000€
01086 D



Restaurante no centro da Vila de Melgaço
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Restaurante localizado no centro da vila com 65 m² de área total e capacidade para 34 pessoas. Dispõe de uma cozinha totalmente equipada. Detém ar condicionado, teto com isolamento acústico, condutas de circulação de ar, sistema de som e armazém para arrumos.

80.000€
01541 C



Moradia no Centro Histórico
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V3 em bom estado com dois quartos, uma suite e uma cozinha totalmente equipada. Dispõe, ainda, de aquecimento central/ar condicionado, lareira e varandas. Possui comércio no R/C totalmente equipado. Garagem ampla com espaço para arrumos.

Sob Consulta
01601 E



Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 no Sto. Cristo com 110 m2 de área útil. Possui três quartos, duas casas de banho e a cozinha está totalmente equipada. Caixilharia em alumínio com vidro duplo. Detém, ainda, aquecimento, garagem e um terraço espaçoso com churrasqueira.

130.000€ 125.000€
00780 C



Terreno com aptidão construtiva
Prado e Remoães, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com aptidão construtiva com 5.400m2 e excelentes acessos. Localizado próximo da Vila de Melgaço.

250.000€ Excluído do SCE, ao abrigo do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 118/2013, de 20 de agosto, na sua atual redação.
01139



Moradia com dois pisos Mobilado e Terrenos Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia bem conservada situada no centro de S. Gregório. Casa com duas assoalhadas e duas divisões. Vários anexos, espigreiro e duas garagens amplas. É acompanhada de terrenos de cultivo e montes espalhados pela freguesia num total de 14600m2.

230.000€
01586 E



Moradia para reabilitação
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia para reabilitação no centro histórico da Vila. Tem 3 pisos, rossios e parte habitável.

195.000€
00355 E



Triplo ouro para os vinhos da Quinta do Regueiro

Marca de Alvaredo foi a estrela da gala de entrega de prémios dos “Melhores Verdes 2021”

João Martinho



Os vinhos do produtor Paulo Cerdeira Rodrigues, que lidera o projecto familiar sediado em Alvaredo, foram o grande destaque do concurso promovido pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV), com a conquista de três prémios, entre os quais a Grande Medalha de Ouro

Os “Melhores Verdes 2021” foram anunciados na noite de 29 de Abril, em gala em formato digital promovida pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV). A cerimónia de entrega de prémios, conduzida por Carla Cunha, da CVRVV, e José João Santos, da Essência do Vinho, distinguiu os melhores vinhos verdes, distribuídos por dez categorias.

A Quinta do Regueiro esteve em destaque com a conquista de três prémios: Verde Ouro, na categoria Vinho Verde Alvarinho com o Quinta do Regueiro Reserva Alvarinho 2020; Verde Ouro na classe que distinguiu os vinhos de Colheita anterior a 2018, com o Quinta do Regueiro Reserva Alvarinho 2013, o mesmo vinho que levou o produtor a conquistar a Grande Medalha de

Ouro nesta gala anual que premeia os melhores vinhos verdes do país.

“É com um enorme orgulho que recebemos estes prémios, que são para nós muito mais do que as próprias distinções, são o reconhecimento do trabalho que a Quinta do Regueiro tem vindo a desenvolver nos últimos anos e, num ano tão difícil como o que todos passámos e ainda estamos a passar. A distinção da CVRVV é para a Quinta do Regueiro uma força, uma motivação para continuar a fazer mais e melhor e mostrar ao mundo o que de melhor se faz na região, o potencial que os vinhos verdes têm para serem grandes no mundo do vinho” congratulou o produtor Paulo Cerdeira Rodrigues.

A atribuição dos prémios “Melhores Verdes 2021” resulta das escolhas de um júri especializado, composto por representantes da Câmara de Provadores da CVRVV e de outras Câmaras de Provadores nacionais, bem como representantes de institutos de investigação e ensino, da Direcção Regional de Agricultura e da comunicação social, que prova todos os vinhos a concurso, e elege os melhores do ano de acordo com rigorosos critérios de selecção.

Os vinhos da Quinta do Regueiro noutras conquistas

Em 2019, para assinalar os 20 anos, a Quinta do Regueiro lançou o Jurássico, um vinho com 10 anos de estágio em inox e dois anos em garrafa, que “nasceu quase por acidente na adega, depois de estar guardado numa cuba e lá ir ficando porque não se vendia”, e acabou por fazer furor e ser premiado como o Melhor Vinho Branco Nacional 2019 pela Revista de Vinhos.

Do mesmo ano, o Quinta do Regueiro Barricas – como o próprio nome indica, faz a sua fermentação em Barricas – veio também a ser distinguido com o mesmo título: Melhor Vinho Branco Nacional 2019, desta vez pela revista Vinho Grandes Escolhas.

Em 2020, o ano começou em grande para a Quinta do Regueiro, que a par destes prémios ganhou a distinção de Produtor do Ano 2019 pelo mesmo título da especialidade. 2021 figura agora entre os grandes anos para a Quinta do Regueiro, com a conquista destes três prémios no concurso “Melhores Verdes 2021”.

ADEGA RESTAURANTE JR SABINO

ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adega-sabino.com

25 de Abril: provavelmente, o melhor discurso do Presidente

Costa Guimarães

Provavelmente, a melhor cerveja do mundo — é um anúncio que não nos sai da memória. Este é o mote para afirmarmos que Marcelo Rebelo de Sousa fez, neste dia 25 de Abril de 2021, provavelmente o melhor discurso de um Presidente da República de Portugal.

“Não há, nunca houve um Portugal perfeito — admite o nosso Presidente. Como não há, nunca houve um Portugal condenado. Houve, há e haverá sempre um só Portugal. Um Portugal que amamos e nos orgulhamos para além dos seus claros e escuros também porque é nosso. Nós somos esse Portugal”.

É uma peça política com reflexões atuais porque “nada como o 25 de Abril para repensar o nosso passado quando o nosso presente ainda é tão duro e o nosso futuro é tão urgente” mas eivada de contradições insanáveis.

Deixo ao leitor o encargo de concluir que não tenho razão — ou até tenho — sessenta anos sobre o início de um tempo que haveria de anteceder e determinar o 25 de Abril de 74.

Seja qual for o seu veredicto, estamos diante do apelo de quem foi “o filho de um governante na Ditadura e no Império, que viveu na que apelida de sua segunda Pátria o ocaso tardio inexorável desse Império, e viveu depois, como constituínte, o arranque do novo tempo democrática. Charneira como milhões de portugueses, entre duas histórias da mesma História e nem por exercer a função que exerce olvida ou apaga a história que testemunhou. Como nem por ter testemunhando essa história deixou de ser eleito e reeleito pelos portugueses em democracia. Democracia que ajudou a consagrar na Constituição que há 45 anos nos rege”.

Trata-se de um tempo que, para sempre, marcou a vida de mais de um milhão de jovens saídos das suas terras, tantos deles do nosso Minho, para atravessarem mares e viverem e morrerem noutra continente ou dele regressarem alguns com traços indelévelis na sua saúde.

Esse tempo — da Guerra colonial — marcou a vida das famílias, dos lugares, das aldeias, das vilas e das cidades, durante treze anos ou um pouco mais e a dos que, por escolha, recusaram a partida, iniciando uma luta contra o que estava e queria permanecer.

Disse também que não foi um tempo “desprendido de outros tempos porque (...) prolongaram contextos que o haveriam de definir e condicionar”.

“Há no olhar de hoje uma densidade personalista, isto é, de respeito da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos, na condenação da escravatura, na recusa de xenofobias que se foi apurando e enriquecendo, representando um avanço cultural e civilizacional irreversível” — prosseguiu Marcelo Rebelo de Sousa.

O presidente coloca o dedo numa missão ingrata: “a de julgar o passado com os olhos de hoje, sem exi-

gir, nalgumas situações, aos que viveram esse passado que pudessem antecipar valores ou o seu entendimento para nós agora tidos por evidentes, intemporais e universais, sobretudo se não adoptados nas sociedades mais avançadas de então”.

Marcelo Rebelo de Sousa sugere algumas cautelas na análise do passado português, sendo que a primeira “é de não levarmos as consequências do olhar de hoje, sobre os olhares de há 8,7,6,5,4,3, 2 séculos ao ponto de passarmos de um culto acrítico triunfalista exclusivamente glorioso da nossa história, para uma demolição global e igualmente acrítica de toda ela, mesmo que a que a vários títulos é sublinhada noutras latitudes e longitudes”.

A segunda cautela, no seu entender, “é aprendermos a olhar, em particular quanto ao passado mais imediato, com os olhos que não são os nossos, os do antigo colonizador, mas os olhos dos antigos colonizados, tentando descobrir e compreender, como eles nos foram vendo e julgando, e sofrendo”.

A terceira cautela a cumprir por aqueles portugueses que têm menos de 50 anos não conheceram o Império colonial nem nas lonjuras nem na vivência, aqui: “O seu juízo é naturalmente menos emocional, menos apaixonado” mas para os portugueses com mais de 50 ou 55 anos “é mais desafiante. É uma mistura de recordações, de novos mundos descobertos, de desenraizamentos ou novos enraizamentos, de primeira desertificação do interior do Continente, de migrações e muitas mais imigrações, de transformações pessoais, familiares, comunitárias, de mortes choradas, de sinais na saúde e na vida, de traumas os mais diversos e em momentos diferentes por aquilo que sonharam e se fez, por aquilo que sonharam e se desfez, pelo que sofreram e ficou, pelo que esperaram aguentaram e sentem nunca ter tido reconhecimento bastante”.

Para todos eles e muitos mais o juízo é muito complexo — assinala o Presidente da República — porque não foi “resolvida uma pobreza estrutural de dois milhões de portugueses e desigualdades pessoais e territoriais”.

Referindo-se aos Capitães de Abril, Marcelo sustenta que eles “não vieram de outras galáxias, nem de outras nações, nem surgiram num ápice naquela madrugada para fazerem história. Transportavam consigo já a sua história, as suas comissões em África, uma, duas, três, alguns quatro, anos seguidos nas nossas Forças Armadas, tendo de optar todos os dias entre cumprir ou questionar, entre acreditar num futuro querido ou que outros definiam ou não acreditar, entre aceitar ou a partir de certo instante romper. Foram estes homens, eles mesmos, não outros, os heróis naquela madrugada do 25 de Abril”.



Tudo isso, não invalida a urgência de “assumir a justiça largamente por fazer ao mais de um milhão de portugueses que serviram pelas armas o que entendiam ou lhes faziam entender constituir o interesse nacional. Aos outros milhões que cá ou lá viveram a mesma odisséia. Aos milhões que lá e cá a viveram do outro lado da história combatendo o Império colonial português batendo-se pelas suas causas nacionais ou a viveram do mesmo lado, mas ficaram esquecidos, abandonados por quem regressou e condenados por quem nunca lhes perdoou o terem alinhado com o oponente”.

Como escreveu Pedro Tadeu, no Expresso, Marcelo está a pedir-nos o impossível? Sim, quando pede que olhemos para a História do país “sem autojustificações” nem “autoflagelações excessivas”?

Como se pode pedir a um preso político do Estado Novo e à sua família, aos seus descendentes, que aceite o repto do Presidente da República na forma de olhar esse passado, quando é o próprio líder do Estado democrático que nunca diz o nome do objetivo da luta que levou essa pessoa à cadeia e à tortura: o derrube do fascismo?

Mais duas perguntas para o nosso Presidente da República “filho de um governante na Ditadura”, como se apresentou: como pode pedir a um descendente de escravos de há 200 anos, ou de contratados de há 80 anos, ou de mortos na guerra colonial de há 60 anos, ou de um espancado por um capataz numa roça há 50 anos, um juízo “menos apaixonado” sobre o colonialismo?

Como, por outro lado, se pode pedir a uma família de colonizadores, proprietários ou altos funcionários durante décadas em África, regressada a Portugal apenas “com a roupa que trazia no corpo, que ache o mundo pós-colonial em geral e o processo português em particular um avanço civilizacional”? É muita contradição num só discurso.

Há uma guerra entre os laboratórios das vacinas

Abílio Francisco Conde

Percebemos que há uma espécie de guerra fria entre os laboratórios das várias vacinas. A população mundial é cerca de 7,874 biliões de habitantes. A China (1.4 biliões), a Índia (1.3 biliões) e Estados Unidos América (331 milhões) são os países mais populosos, assim como a União Europeia com 500 milhões pessoas. O negócio das vacinas para a Covid 19 é assim de milhares de milhões de euros porque todos têm de ser vacinados para se conseguir a imunização mundial. Vem esta conversa a propósito da guerra das vacinas. Se todos se unissem seria mais fácil vacinar toda a população mas os interesses económicos estão a impedir esta tarefa e só mais tarde se vai saber o que esteve por detrás dessas decisões. São muitos milhares de milhões que estão em jogo o que de certo modo justifica as pressões constantes para que o fornecimento e os contratos não sejam cumpridos a tempo e horas. A União Europeia está presa aos

compromissos com os seus aliados e é natural que não esteja interessada nas vacinas da Rússia e da China. Ninguém nos explica a razão da Agência Europeia de Medicamentos (EMA) ainda não ter testado e avaliado as vacinas desses dois países, quando os especialistas as consideram iguais às que estão a ser ministradas no nosso país. É um grande negócio em que muitos estão a enriquecer à custa da doença dos outros. Tudo isto é imoral e vergonhoso em pleno século XXI que não augura um bom caminho que está a seguir a humanidade. Verificam-se pressões constantes para atrasar a legalização das vacinas que não sejam europeias. Essa guerra é mais complicada do que podemos imaginar. O cinema têm aproveitado bem este tema como máfia da saúde e da droga. A EMA devia sem demora explicar as razões porque ainda não se pronunciou sobre as vacinas chinesas e russas ou o mundo vai estar a mercê



dos interesses das farmacêuticas porque a vacinação vai continuar nos próximos anos.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

ABRIL 2021

Manuel Fernandes volta à militância no PSD e integra Comissão Administrativa para preparar autárquicas 2021

João Martinho

Quase seis anos após a desfiliação do Partido Social Democrata (em Setembro de 2015) Manuel Fernandes, advogado, professor e ex-vereador do PSD na Câmara Municipal de Melgaço volta aos valores da social-democracia para levantar a estrutura local do PSD da “inacção” a que estava votada desde as últimas autárquicas e preparar o caminho para o candidato à Câmara.

Antes que a “normalidade organizacional” seja reposta, “com uma estrutura local a funcionar em pleno”, Manuel Fernandes integra uma Comissão Administrativa que irá gerir as autárquicas que se avizinham. Contudo, antes de falar do candidato, o jornal “A Voz de Melgaço” quis saber que motivações trouxeram o ex-vereador social-democrata de volta à política concelhia e à ‘casa’ partidária que tanto o “defraudou” em 2015.

A Voz de Melgaço (AVM) – Depois do afastamento e abandono da militância do PSD em 2015, o que o motivou a regressar ao partido e fazer ressurgir a Concelhia a tempo das autárquicas 2021?

Manuel Fernandes – Como já é conhecido, eu abandonei o PSD em Setembro de 2015 por questões relacionadas com a não abertura da Unidade de Cuidados Continuados de Melgaço. Este abandono veio na sequência do compromisso assumido de abertura da UCC de Melgaço, por parte do então Secretário de Estado da Saúde do Governo de Passos Coelho, Fernando Leal da Costa, a 29 de Julho de 2014, que não se concretizou. Pessoalmente, não poderia tolerar a quebra de um compromisso tão importante para os anseios e aspirações dos melgacenses, de tal modo que decidi renunciar à minha militância no PSD, o que ocorreu em vésperas da realização das eleições legislativas que levaram o Partido Socialista ao poder, em 2015, após a constituição da chamada geringonça.

Porém, o que ficou para a história é que o Governo de Passos Coelho não conseguiu fazer em quatro anos e meio o que ao Governo de António Costa bastou apenas dez meses. Só por desonestidade intelectual poderíamos fugir, e eu não fujo, a este reconhecimento a António Costa, que aliás é inteiramente merecido. Eu não poderia compactuar com a inacção e o desrespeito pelos compromissos assumidos por parte do Governo de Passos Coelho e saí do PSD. Na verdade, não poderia continuar a ser, localmente, o rosto de um partido que defraudou irresponsavelmente as legítimas aspirações dos melgacenses.

Entretanto, o meu regresso ao PSD está associado à simpatia e admiração pessoal que tenho pelo homem que actualmente lidera o PSD, Rui Rio, e por isso voltei à militância no partido em Janeiro de 2020. Revejo muito na forma como ele está na política, com pragmatismo, com verdade e frontalidade. Claramente, não é um vendedor de ilusões nem adepto da política espectáculo, qualidades que muito aprecio.

O regresso ao PSD de Melgaço tem a ver com a responsabilidade social que este partido deverá continuar a ter em Melgaço. Estamos muito próximos de um desafio que é muito importante para o nosso destino colectivo. Melgaço exige que o PSD esteja forte, unido, activo e seja interveniente no processo da escolha dos seus representantes nos órgãos autárquicos, seja na Câmara Municipal, seja na Assembleia Municipal, seja nas Assembleias de Freguesia. O PSD precisa de todos e eu apenas sou mais um “soldado” disponível para ajudar.

Não esqueço que Melgaço me concedeu o privilégio de ser vereador municipal durante três mandatos consecutivos, e, por isso, também tenho obrigações para com Melgaço. Como é sabido, Melgaço não me é indiferente e não poderia continuar assistindo, impávido e sereno, à implementação de políticas públicas erradas e muito gravosas para as condições de vida dos melgacenses.

Em conclusão, posso dizer que, por ser inteiramente a verdade, por Melgaço deixei o PSD e por Melgaço regressar. Só Melgaço me motiva, nada mais!

AVM – Que papel assume, na nova vida do PSD Melgaço?

MF – Face à inacção da comissão política do PSD de Melgaço e não havendo tempo para se abrir um processo eleitoral interno, foi criada uma Comissão Administrativa que tem por mandato preparar e organizar o processo eleitoral autárquico. **Essa Comissão é constituída por mim, pelo Manuel Rodrigues e pelo Manuel Reinales.** Depois de concluído o processo eleitoral autárquico, será nosso objectivo voltar à nossa normalidade organizacional, com uma estrutura local a funcionar em pleno, o que, aliás, caracterizou a minha liderança no PSD.

AVM – Contudo, sente que há alguma resistência à mudança, a nível local? Nas últimas autárquicas, em 2017, candidatou-se através de um movimento independente à UF de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro e acabou por verificar-se, àquela escala, também alguma resistência à mudança de líder.

MF – Reconheço que tem existido uma resistência à mudança e os resultados eleitorais obtidos pelo PSD falam por si. E não estão relacionados com a falta de qualidade das equipas apresentadas pelo PSD, antes pelo contrário. Por essa razão, achamos que muitos dos resultados obtidos são manifestamente injustos para os candidatos do PSD. Mas a pergunta que se deve fazer é se essa resistência à mudança tem sido benéfica para Melgaço. A nossa resposta é claramente negativa, sobretudo quando notamos que os concelhos que mais cresceram e se desenvolveram foram aqueles onde se verificou maior alternância de poder. E às vezes basta-nos olhar para o lado, para percebermos que a mudança foi muito boa. Para bem de Melgaço, gostaria que os melgacenses ousassem mudar e, para isso, mais uma vez vamos apresentar candidaturas constituídas por pessoas com muita competência e qualidade e com vontade de alterar o estado das coisas.

AVM – Esta tendência para apostar nos valores ‘sagrados’ não acontece também no PSD? Recorde-se que, a propósito de um evento numa escola, agendado para Março deste ano, Pedro Passos Coelho teve de cancelar a sua participação para não alimentar especulações do seu regresso à política. Também há aqui movimentos ‘sebastianistas’ que dificultam a aceitação de novas caras?

MF – Na política, não há “sebastiões”, nem “manhãs de nevoeiro”. Há pessoas que se sentem bem a contribuir para a melhoria das condições de vida e para o aumento do bem-estar dos seus concidadãos. Naturalmente, incluíme neste grupo de pessoas. No meu caso particular, devo dizer que não estive fora de Melgaço, apenas me recolhi à montanha onde, aliás, sou actualmente membro da Assembleia da União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro e na qual penso ter dado contributos muito positivos para o desenvolvimento local.

Quanto a esse senhor que referiu não sinto que haja, no seio do PSD, movimentos a impulsionar o seu regresso. Pela minha parte, acho que Massamá é uma palavra que lhe assenta bem e que por lá deverá ficar.

“A referência a uma candidata por parte do líder Distrital resultou de um equívoco. José Passos Rodrigo foi a nossa primeira e única escolha”

AVM – Desde as últimas autárquicas, o deputado do PSD na Assembleia Municipal, José Albano Domingues, tem sido a principal figura da oposição ao executivo socialista. O PSD Melgaço resgatará o deputado para a nova fase do partido ou criará uma equipa de raiz para apoiar o candidato à Câmara Municipal em 2021?



MF – Li a sua última entrevista dada a este Jornal e notei que ele deu muita ênfase ao facto de nada dever ao PSD. Salvo o devido respeito, a questão não é essa, se se deve ou não ao PSD e o que se deve ao PSD. A participação na candidatura aos órgãos autárquicos, à Câmara Municipal, à Assembleia Municipal ou à Assembleia de Freguesia nunca deverá ser visto como o pagamento do que quer que seja. Claramente, a questão deverá ser outra. Tem de ser outra. É se se deve ou não algo a Melgaço.

E quando nós olhamos para a nossa família, para os nossos filhos, para os nossos netos e sentimos um brilho nos olhos sempre que se fala de Melgaço. Quando sentimos naquelas pessoas que nos estão mais próximas, que amam Melgaço como ninguém, que querem muito a Melgaço, apesar de todos os seus defeitos e fragilidades, pela simples razão de que, para eles, Melgaço é memória, é felicidade e é saudade. Então, por todos eles, não podemos ficar indiferentes a Melgaço, sob pena de estarmos a desconsiderar o que Melgaço representa para cada um deles e, também, para cada um de nós.

É neste sentido, que considero que a participação numa candidatura aos órgãos autárquicos, mais do que um dever moral, mais que um dever cívico, será sempre um exercício de paixão. Um exercício de paixão, no sentido expresso, por Antoine Saint Exupery, no livro “O Príncipezinho “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

A todos, sem excepção, cabe a responsabilidade de cuidar de Melgaço. Ninguém tem o direito de se alhear dessa responsabilidade. O nosso candidato à Câmara Municipal, **José Passos Rodrigo, constitui um exemplo claro deste exercício de paixão. Não sendo natural de Melgaço, mas aqui residindo há mais de 10 anos, sentiu-se responsável por aquilo que cativou, e, em boa hora, aceitou ser candidato.** Naturalmente, sente-se devedor a Melgaço de todas as coisas boas que Melgaço lhe tem proporcionado ao longo do tempo em que cá vive.

O deputado municipal **José Albano Domingues já sabe o que esperamos dele. Em devido tempo, endereçamos-lhe o convite para que seja recandidato à Presidência da Assembleia Municipal, onde fez uma oposição de enorme qualidade, incansável e vigorosa ao modelo de desenvolvimento económico e social seguido pelo Partido Socialista.**

Melgaço e os melgacenses estão gratos pelo contributo que ele tem dado para a melhoria das suas condições de vida, mas os desafios de Melgaço não terminarão em Setembro ou Outubro próximos, continuarão a existir para além dessa data. Por essa razão, desejamos que ele aceite o convite que lhe foi dirigido, no sentido de renovar o seu mandato na Assembleia Municipal.

AVM – Ainda quanto a nomes e apostas do partido, no último mês de Março, o líder da Distrital avançava a este jornal de que a aposta seria numa candidata, para a corrida à Câmara de Melgaço. Desde aí até ao momento desta entrevista, surgiram novos elementos para a concelhia e avançou um candidato que não seria a primeira escolha da Distrital. O que aconteceu neste período, para que todo o processo ganhasse outros contornos?

Continua na pág. seguinte

Sócrates: a tenda da Justiça quer-se com quem a entenda

Costa Guimarães

1. O processo que se eterniza em torno do antigo primeiro ministro José Sócrates está a colocar em causa um velho princípio, atrás do qual António Costa se tem refugiado: “A Justiça o que é da Justiça, à política o que é da política”.

Com o despacho instrutório do Juiz Ivo Rosa, a “tenda está montada” e constitui um desafio ao velho ditado popular que apregoa: “a tenda quer-se com quem a entenda”.

Ora, é à Justiça que cumpre aplicar as leis que a política aprova. Se as leis são más ou insuficientes ou ambíguas, como pode haver boa Justiça? A lei que criminaliza o enriquecimento injustificado está há mais de uma década para ser aprovada. Não há razão para esperar mais. Desculpem: existe uma razão, a política.

Como alguém escreveu, está armada a tenda... O circo vai ser cada vez maior. Agora vão actuar os juizes desembargadores, quando se pronunciarem sobre os recursos que as decisões de Ivo Rosa suscitam.

O magistrado actuou em directo para as televisões. E todos nos transformámos em especialistas. Quando uma equipa de cirurgiões deixar entrar as câmaras na sala de operações, com transmissão em directo, todos ficamos especialistas em cortes e incisões e capazes de discutir qual o bisturi a utilizar? Não. Por que nos atrevemos — jornalistas incluídos — a ficar especialistas na investigação, acusações, instruções e sentenças?

Mas a Justiça não fica bem na fotografia; preferiu vir para a rua, e há quem pense que assim deve ser feita, para gáudio dos que se prostituem com sistemáticas violações do Segredo de Justiça.

A Justiça pôs-se a jeito: agora é ela própria que é julgada e acusada de impunidade pelas suas decisões e as suas corporações tornaram-se prepotentes e estão a arrasá-la.

Independentemente da fundamentação jurídica de cada uma das fases do processo (acusação e instrução) é funesto que o caso Marquês tenha derrapado para um ajuste de contas dentro da Justiça.

A Comunicação Social também ainda não percebeu que justiça espetáculo é um espectáculo deprimente para um Estado de Direito democrático.

E que faz o poder político? Imobilizado nas suas ambiguidades — traduzidas em leis mal feitas ou com alçapões — não toma a iniciativa.

E o povo assiste incrédulo e prostrado nos seus limitados poderes: não pode despedir quem — em nome dele — faz uma péssima acusação resultante de uma investigação mediocre nem que proferiu a decisão de instrução.

2. Da minha parte, Sinto-me um zero... Não sou político que comenta futebol... mas joguei à bola durante muitos anos. Não sou treinador que faz política, nem sou juiz a passear a toga nos Conselhos de Disciplina e de Justiça do Futebol.

Não sou licenciado em Direito — mas estudei Direito — pelo que não me sinto capaz de comentar decisões onde se aplica o Direito Penal que os Políticos aprovaram.

Não uso beca mas não percebo que se continue a entregar à justiça o que é da Justiça e à política o que é da

política. No entanto fui algumas vezes a Tribunal acusado de violação da Liberdade de Imprensa. Os Jornais matraquearam as sessões de audiência — porque subia audiência —, adiadas umas vezes porque não havia sala, outras vezes porque faltaram algumas testemunhas de acusação, anunciando que podia ser condenado a não sei quantos anos de prisão e não sei quantos euros de multa. Na véspera e no dia seguinte de cada audiência adiada, os jornais faziam “copy and paste” com a alegada acusação e a respectiva pena, mas quando fui absolvido — sempre — não publicaram a notícia da minha inocência. É assim que, em Portugal, se estruma a presunção de inocência, um Direito consagrado na Constituição.

Finalmente, mas não em último lugar: sinto-me enojado de ter votado num homem que se “encheu” com 1,8 milhões de euros e outros crimes que a ética republicana não deixa nem pode deixar prescrever.

E mais: o juiz reconhece que Sócrates recebeu do seu amigo 1,8 milhões de Euros para comprar a “simpatia e influência”, e esta é uma acusação forte e que me dá tristeza profunda. Ivo Rosa considera que este crime prescreveu como os outros crimes de corrupção. Cito o Ricardo Gonçalves: “muita gente pergunta como prescreve tudo tão depressa se é tão lenta a velocidade da justiça?” A ética não prescreve — dirá o leitor e bem. E a presunção da Inocência prescreve? Para quem condena José Sócrates, este preceito constitucional não existe. E porquê?

Eu explico porque estamos a viver uma das piores vilanias e a regressar ao primitivismo da natureza humana: apedrejar até à morte alguém caído em desgraça.

Como no circo romano a turba quer ver sangue e urra o seu desagrado quando Imperador — Herodes de hoje — ergue o polegar e poupa a vida ao gladiador.

Mais deplorável ainda é ver os Pilatos — a lavar as mãos — face àqueles que querem desfazer Sócrates em pedaços mas foram os que mais puxaram o lustro aos seus sapatos Vuitton, elogiaram as carteiras Cartier e poliram os botões dos fatos Prada quando ele estava no poder.

Desde a sua chegada a Portugal, José Sócrates tem sido objecto de um tratamento impensável num país que recuperou a Democracia há quase meio século, após quase meio século de ditadura.

O ex-primeiro-ministro ficou detido com o argumento de que a sua libertação permitia fuga. Estranho! Ele estava a chegar.

O período de prisão preventiva que lhe foi imposto ultrapassou o que era aplicado no antigo regime. Tentaram a libertação com imposição de pulseira electrónica mas não contavam com a coragem de um homem que, ao vexame, preferiu permanecer na prisão. A melhor resposta à cobardeia dos que queriam domesticá-lo.

Durante sete anos, lutou pelo que considera a sua verdade. Resistiu e enfrentou campanhas de manipulação da opinião pública. Face à decisão de um Juiz — com a mesma credibilidade de outro escolhido sem respeitar as regras (?) — os adversários perderam a cabeça. Há alguns



séculos atrás gritariam “Sócrates para a fogueira!”. Hoje, de forma mais refinada queimam uma pessoa, destruindo o seu passado e roubando o seu futuro.

3. Uma coisa aprendi a ouvir políticos, magistrados e treinadores: quando é a favor dos nossos é bom; quando é contra os nossos é estrume.

Mais de sete por cento — sete por cento, repito — do crescimento económico de Portugal não acontece (ver estudo do Banco de Portugal, citado abaixo) por causa do nosso sistema de Justiça (independente do Parlamento, do Governo e do Presidente da República).

Este é estermo em que Portugal se está a transformar. Mas o verdadeiro excremento — sublinhado por todos os relatórios internacionais — é a Justiça em Portugal. Ela é o maior entrave ao desenvolvimento de Portugal, (cf. www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/paper_13.pdf): é caríssima e inacessível ao povo (cf. www.tsf.pt/portugal/sociedade/a-justica-em-portugal-so-tem-acesso-os-muitos-ricos-e-os-indigentes-11696682.html), é demorada (fora de tempo quando surge, cf. <https://portal.oa.pt/media/116371/jas-a-quem-serve-a-degradacao-da-justica-portuguesa.pdf>), e incompetente, pelas razões anteriores.

Se não têm meios — fornecidos pelo Governo, seja ele qual for — os senhores presidentes dos Supremos Tribunais e Respective Procuradores Gerais, só têm um caminho: DEMITAM-SE. Provoquem um estrondo diante de quem legisla (Assembleia da República) ou de quem Governa. De outra forma, com este silêncio, indiferença, deixa andar, são coniventes com aqueles que acusam.

E se o Juiz Ivo Rosa conseguir provar a ilegalidade constitucional do sorteio que não foi do Juiz de Instrução Criminal, que resta de sete anos de trabalho. Nada. Porque tudo o que foi feito, a partir daquele momento pode ser ilegal e nulo, sem nenhum efeito.

José Sócrates já lançou, no... Brasil, um livro para muito breve. “Só agora começou” e tem todos os condimentos para acabar mal. A propósito de provérbios, existe um outro que afirma: “tenda, é preciso quem a atenda, senão que a venda”. Dizem que a Justiça é representada com uma “venda” nos olhos.

Estes factos apenas demonstram que todos — comunicação social, política e Justiça — estão ceguinhos.

Continuação da pág. anterior

MF – A referência a uma candidata por parte do líder Distrital **resultou de um equívoco para o qual a estrutura local do PSD em nada contribuiu.**

Indicar uma mulher para candidata à Câmara Municipal de Melgaço seria para nós uma enorme honra e, certamente, a melhor homenagem que poderíamos prestar à mulher melgacense, “mulher de armas”, que, em tantos contextos, foi mãe e pai, sobretudo quando os maridos estavam por esse mundo fora a lutar por uma vida melhor para a sua família. Poderia ser a versão moderna da Inês Negra em que, mais uma vez, uma mulher determinaria o nosso destino colectivo, por ventura, com mais rigor e mais eficácia. **Porém, ainda vamos ter que esperar por esse tempo novo.**

Ora, quem determina a escolha do candidato é a estrutura local do PSD e a Distrital tem a função de a aceitar ou não.

No que a Melgaço diz respeito, o único candidato submetido à apreciação da Distrital foi o José Passos Rodrigo e mais nenhum. Por isso, não podemos estar a

numerar as escolhas, pela simples razão de que não há um ranking de candidatos. O candidato **José Passos Rodrigo foi a nossa primeira e única escolha** e, para o efeito, teve-se em conta o seu percurso de vida e experiência profissional.

O nosso candidato, José Passos Rodrigo, é alguém com uma longa experiência empresarial, com um enorme conhecimento de gestão e de liderança sobre o funcionamento, a organização e as reais aspirações das empresas, cujo capital quer pôr ao serviço de Melgaço.

Felizmente que ele está disponível para contribuir para aumentar o bem estar e a felicidade dos melgacenses. Como melgacense, só posso agradecer. Aliás, curvo-me perante a sua coragem e o entusiasmo que coloca neste novo desafio. Reconheço que seria, para ele, sempre mais confortável ficar em casa, observar o mundo à sua volta e fazer de conta que nada está a acontecer em Melgaço. Agradeço a José Passos Rodrigo por este sobressalto cívico e por assumir esta candidatura.

Aliás, penso que o compromisso por ele assumido, po-

derá ser inspirador para todos os jovens melgacenses, sobretudo para aqueles que não se conformam nem se resignam com os caminhos errados que Melgaço está a trilhar.

Autárquicas 2021: Candidato do PSD à Câmara Municipal de Melgaço:

José Passos Rodrigo, natural de Vila Nova de Gaia, residente em Melgaço, há mais de 10 anos, é analista económico e financeiro e consultor de gestão empresarial.

Assumi cargos de direcção e administração em várias empresas no país e possui áreas de conhecimento e prática profissional transversal, desde as áreas administrativas e financeiras, comerciais e logísticas, até às áreas de produção.

A apresentação do candidato ocorrerá no próximo dia 22 de Maio, em local e hora ainda por definir. Nessa data, o candidato apresentará as linhas fortes do modelo de desenvolvimento cultural, ambiental, económico e social que preconiza para Melgaço.

Desde Junho de 2020, quase duplicaram os pedidos ao programa de apoio alimentar no concelho de Melgaço

Misericórdia distribui mensalmente cerca de 1,5 toneladas de alimentos que recebe do Banco Alimentar

João Martinho

A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço integra, desde 2017, o Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas, uma acção que já permitiu 42 entregas de mais de uma tonelada de alimentos por mês no concelho de Melgaço e que se prolongará até ao início de 2023.

O programa de apoio de âmbito nacional está organizado por áreas geográficas e a Misericórdia melgacense é uma das entidades parceiras para o território dos concelhos de Melgaço, Monção e Valença. A parceria é composta pelo Banco Alimentar Contra a Fome de Viana do Castelo, a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, a Câmara Municipal de Monção e Câmara Municipal de Valença.

Desde o início do programa de apoio alimentar, em 2017, até Abril de 2021, o número de agregados familiares no concelho e Melgaço quase duplicou. Desde Junho de 2020, o número de famílias beneficiárias do cabaz alimentar passou de 54 para 106.

O jornal "A Voz de Melgaço" questionou o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, Jorge Ribeiro, sobre o impacto deste projecto de apoio à população, os critérios para a distribuição de cabazes e a "radiografia" às carências sociais da sociedade melgacense de hoje.

A Voz de Melgaço (AVM) – De que forma chegou a operacionalização local/regional do Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas à Santa Casa da Misericórdia de Melgaço?

Jorge Ribeiro (JR) – A Misericórdia de Melgaço tem uma história com mais de quinhentos anos no apoio às famílias mais vulneráveis do nosso concelho, das mais diversas formas. Foi, até há relativamente pouco tempo, a única instituição com tal missão neste território. Também no tocante à distribuição de alimentos aos mais carenciados, sempre se assumiu como a organização de ligação às famílias, com a responsabilidade de lhes fazer chegar os bens.

Assim, naturalmente, a Santa Casa foi convidada a integrar este projecto, o que prontamente aceitamos, certos que desta forma cumprimos com a nossa missão junto da nossa comunidade, sempre norteados por aquilo que ditam as obras da Misericórdia.

AVM – Qual é a dimensão geográfica deste apoio e quantos agregados permite apoiar, em média por entrega?

JR – A nossa intervenção abrange todo o território do concelho de Melgaço, chegando, numa fase inicial, a 54 beneficiários. No entanto, em consequência da Pandemia, verificou-se um aumento no número de solicitações para beneficiar do programa, motivadas por dificuldades socioeconómicas. Desta forma, entre Junho e Julho de 2020 conseguimos apoiar mais 25 beneficiários, aumentando o total para 79. Desde o mês de Agosto seguinte conseguimos alargar esse número, juntando-se mais 27 pessoas. Desde essa data, apoiamos mensalmente 106 beneficiários.

AVM – Como é, para a Misericórdia, operacionalizar este programa de apoio? Há algum apoio suplementar que permita distribuir todos os bens recebidos?

JR – A logística necessária para efectuar a distribuição e entrega dos bens alimentares é bastante pesada. Importa ter presente que *estamos a falar de mil e quinhentos quilogramas de alimentos por entrega. Um dos aspectos a acautelar é o espaço para armazenamento dos alimentos e, no caso dos congelados, equipamentos de frio adequados* e suficientes para garantir as condições necessárias. Vimo-nos obrigados a reorganizar os espaços e a adquirir arcas frigoríficas. Contamos com um apoio da União de Freguesias de Vila e Roussas, que nos ofereceu uma arca.

Por outro lado, os recursos humanos a afectar ao projecto também são significativos. Nos dias de entregas, é necessário alocar entre seis a sete pessoas à tarefa.

O Programa atribuiu uma pequena verba à instituição para ajudar a custear algumas despesas, mas são valores tão exíguos que não são suficientes nem mesmo



para fazer face aos custos com electricidade inerentes ao funcionamento das arcas frigoríficas.

AVM – A distribuição destes cabazes pelas famílias tem por base algum trabalho de prospecção de necessidades sociais já feito pela Misericórdia de Melgaço, ou as orientações já vinham definidas pelo Programa?

JR – As famílias que reúnem condições para beneficiar do programa são seleccionadas após um processo de análise efectuado pela Segurança Social. A Santa Casa, quando identifica situações de carência ou é contactada para esse efeito, faz o reencaminhamento das mesmas para a técnica responsável.

AVM – Num meio mais pequeno e de proximidade como o caso de Melgaço, estas necessidades básicas da população estão mais mascaradas, ou as IPSS sempre tiveram noção deste diagnóstico?

JR – Acreditamos que esse receio de exposição condiciona algumas situações. Obviamente que todo o tratamento dos processos, assim como a própria distribuição dos apoios é efectuada com o máximo respeito pela privacidade e anonimato dos beneficiários. A Segurança Social e as IPSS com responsabilidades específicas no sector tem os diagnósticos do território, embora seja importante perceber que não estamos a falar de situações estáticas.

AVM – Qual é a perspectiva ou compromisso de continuidade deste apoio à comunidade, no pós-desconfinamento e retoma da economia?

JR – No tocante ao POAMAC, está estabelecida a sua manutenção até inícios de 2023, existindo sempre uma séria possibilidade da sua renovação. No entanto,

Continua na pág. seguinte

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

"Da Costa Congelados, até ao seu prato"

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438

O desastre Agrícola, Pecuário, Económico e Social Iminente se a Caça acabar em Portugal..

João A. S. Lemos

Conversando com alguns agricultores e representantes das atividades agrícolas, florestais, e pecuárias de diferentes partes do País, para saber dos seus pontos de vista, as consequências de se proibir a Atividade Cinegética em Portugal... seria uma catástrofe.

Uma catástrofe a nível pecuário

“Ao nível da pecuária, temos a sombra da peste suína africana (FSA) sobre todos nós. O fim da caça ao javali é uma preocupação para o controlo da doença. Embora as populações de javalis através de montarias e esperas tenham vindo a ser controladas, em tese, essa fonte de infeção foi controlada, agora parar de caçar, acreditamos que nada vai acontecer, presumindo que seja uma proibição temporária, o problema grave seria se a proibição fosse definitiva. Se passar mais tempo em discussões fúteis com políticos e ambientalistas desconhecedores das realidades, os animais começarão a se mover, haverá novos “currais” de parição, etc. etc, o que aumentaria as chances de a praga chegar a Portugal, seja por javalis, seja por transporte, seria uma catástrofe pecuária, económica e social

Javalis, veados, lobos...

Os criadores de suínos estão com medo, estes não querem ver javalis por perto das suas suiniculturas ou mesmo das “varas” de suínos que vagueiam livremente pelas suas propriedades, principalmente o “porco preto” criado livremente, mas também por outros possíveis transmissores de doenças como a tuberculose, sarna ou carrapatos – sair para passear no campo representaria um risco real à saúde dos animais de estimação e pessoas – assim como as perdas sofridas pelo grande predador, que prefere presas domésticas fáceis de caçar como veados ou javalis. Os “ambientalistas-urbanos” assim como toda a classe política – urbana (na sua maioria) não compreendem que o problema do lobo não é só a ovelha ou a vaca que mata, mas a repercussão que o ataque tem, por exemplo a ovelha que aborta.

“Todos quantos dependem do mundo rural como um todo, serão os que pagarão as consequências dessa irresponsabilidade e brincadeira de mau gosto que é a proibição da caça. É cada vez mais móvel, cruzando estradas, o que vai causar inevitavelmente mais acidentes. Se a proibição se estender no tempo, o seguro, quando chegar a hora, vai excluir esse tipo de sinistro das suas apólices, como é comum e já utilizado na Galiza, com as populações de corços e javalis”.

Invasão do javali e do coelho se não for caçado

No que diz respeito aos seguros relativos aos danos causados pelas populações de coelhos “descontroladas” nas explorações agrícolas, embora saibamos que esta situação não é generalizada ao País (por enquanto), quando se começar a reportar danos, a cobertura sai fora do seguro, com o qual cada agricultor teria de fazer face aos prejuízos do seu próprio bolso. Estamos a falar de cerca de 10 a 20% das lavouras que sofrem danos, por praga de coelhos, levando em consideração que é caçado. Se irresponsavelmente se proibir a caça é permitir que se reproduzam livremente, o que poderemos esperar? Teremos superpopulações com caça. Sem caça, o que teríamos? Invasão?

O javali também arrasa. Para agricultura e pecuária, deixar todos esses tipos de animais selvagens livres pode ser a ruína. O dano económico que pode ser feito a muitos municípios e concelhos inseridos no mundo rural é incalculável, selvagem! Temos um grande e grave problema de despovoamento das áreas rurais. A sobrevivência económica de muitos habitantes resulta do campo e da caça. Sem esse tipo de rendimento, qual seria a solução? Cobrar impostos aos moradores, que além de serem poucos, correm o risco de se irem embora? Economicamente falando, muito dinheiro vem da caça e, graças a Deus, ao governo e à população não está custando nada. Esse rendimento existe porque há



muitas pessoas cujo desporto favorito é a caça. Vivemos um do outro, logo não se pode deixar que todos os animais se soltem.

Mudanças dos animais na natureza

Vacas, ovelhas, veados...estão sendo atacadas durante o parto por “urubus” – que deveriam ser “carniçais” – devido às mudanças sofridas pela natureza em decorrência de tantas intervenções humanas. “Antes, quando morria o gado, podia-se atirá-lo ao campo para que estes animais os comessem”, agora tem que vir um camião, leva-o embora, paga o “dono”...no fim estás portador da doença daqueles animais que morrem em todas as estradas. Estamos rompendo com a corrente, estamos nos esquecendo que alguns animais têm que controlar outros, é algo que existiu em toda a vida...Os poucos restos de caça que ficam nos campo e na floresta ajudam essas espécies a sobreviver e não a extinguírem-se. Se elas pararem de caçar, o que vai acontecer?”

Gestor Cinegético

Continuação da pág. anterior

independentemente do programa, a Santa Casa sempre esteve atenta e disponível para apoiar os casos que nos chegam. É disso exemplo a nossa Cantina Social, que sempre mantivemos, mesmo sem qualquer tipo de apoio, fornecendo refeições confeccionadas a famílias que delas necessitem.

O nosso compromisso, que já dura há mais de cinco séculos, é que continuaremos atentos e a tudo fazer para apoiar os mais necessitados.

Inês Hipólito, Coordenadora do projecto Lado a Lado da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço e responsável pela operacionalização do programa alimentar de apoio às pessoas mais carenciadas no concelho; lista os bens alimentares de primeira necessidade constantes do cabaz e de que forma é agilizada a entrega aos beneficiários.

AVM – Em que consiste este cabaz e que gestão de consumo é feita, considerando periodicidade das entregas e o número de pessoas por agregado?

Inês Hipólito (IH) – O cabaz consiste em leite, cereais, tostas, bolachas, queijo, marmelada, manteiga, azeite, enlatados (atum, sardinha, cavala, ervilhas, tomate, feijão e grão-de-bico), congelados (alho-francês, cenoura, brócolos, feijão-verde, espinafres, macedónia, pescada, frango). Os cabazes entregues podem por vezes variar em certos alimentos, conforme o que é enviado pelo Banco Alimentar, em cada uma das entregas.

As entregas são feitas mensalmente, e **os cabazes são construídos com base na quantidade de bens alimentares enviados pelo Banco Alimentar e atendendo ao número de elementos de cada agregado.**

AVM – Este apoio adicional obrigou o projecto local de apoio a reorganizar a agenda de acções junto da população, reforçou a aproximação à comunidade e à realidade das famílias?

IH – Sim, este programa permitiu à Santa Casa da Misericórdia de Melgaço reforçar o apoio ao segmento da população que não beneficia das típicas respostas sociais, fortalecendo os projectos institucionais que já se encontravam no terreno: Cantina Social e RLIS – Rede Local Intervenção Social.

AVM – Em algumas das entregas já feitas recorreram ao apoio de voluntários. Que trabalho tem de ser feito, e em que prazo, desde a recepção dos produtos até à entrega às famílias e de que modo é importante este apoio voluntário?

IH – Todos os meses, as técnicas responsáveis recebem uma credencial que indica o dia da distribuição bem como a quantidade de produtos alimentares que vão ser fornecidos. Normalmente, a credencial é recebida uma a duas semanas antes do dia da recepção dos produtos. É com base nessa credencial, utilizando as fórmulas pré-estabelecidas que é construído o plano de entrega. Depois de construído o plano, iniciam-se os contactos telefónicos aos agregados, onde é informado do local, hora e condições de entrega. Desde o início da pandemia, que se reforça os cuidados ao nível de distanciamento físico, utilização de máscara e higienização das mãos.

Paralelamente é criada uma credencial na plataforma do balcão 2020, por cada agregado, onde são registados os bens alimentares e suas respetivas quantidades.

No dia da receção/distribuição, o camião do Banco Alimentar chega à nossa Instituição, entre as 12h e 13h. A nossa equipa juntamente com a equipa do Banco Alimentar acondiciona todos os produtos no armazém. Após organização dos congelados nas arcas congeladoras, organizam-se os cabazes dos restantes alimentos. Chegada a hora marcada, normalmente por volta das 15:30h, inicia-se a entrega dos cabazes por ordem de chegada dos beneficiários. De salientar que antes do Covid-19 este sistema funcionava por senhas.

No dia seguinte à distribuição, as credenciais anteriormente assinadas (à excepção de determinadas alturas em que temos indicação do programa para dispensa de assinaturas, devido à grande incidência de COVID-19) são submetidas na plataforma, dando por terminado o processo.

Na impossibilidade de algum beneficiário, por razões de força maior, não conseguir comparecer no dia definido para a entrega do cabaz, existe flexibilidade para realizar a entrega noutro dia, ou até para o entregarmos em casa, em situações devidamente justificadas.

Com o aumento de número de beneficiários, as três técnicas da equipa do Lado a Lado, sentiram necessidade de reforço, nos momentos de recepção de produtos e distribuição de cabazes. Além de contarmos com o apoio de colegas de outras respostas sociais da instituição, temos também lançado o apelo à comunidade e alguns jovens, principalmente estudantes universitários, tem-se voluntariado para nos ajudar nessa tarefa. A equipa considera este envolvimento dos voluntários e a sua ajuda como um grande contributo para conseguir dar uma resposta eficaz à comunidade.

O próximo Verão será o que cada um quiser...

Costa Guimarães

Os leitores são perspicazes. A inteligência faz-se com perguntas: como será o próximo Verão, com testes em massa, máscaras na praia, nas esplanadas ou vacinação devidamente calendarizada?

Vamos com calma. O próximo Verão será o que cada um de nós quiser, ou seja, usar máscara em recintos fechados (e outros), higiene das mãos e distanciamento físico, enquanto não chegarmos à imunidade do “bicho”.

Temos boas notícias. Haja esperança e responsabilidade de cada um de nós.

Responsabilidade? Sim, já sabemos que não vamos despedir-nos da máscara tão cedo, a higiene das mãos deve ser normal (não?) e o distanciamento físico não significa afastamento daqueles que gostamos.

Haja esperança? Sim, porque o risco de morrer por Covid-19 é agora cinco vezes menor, disse Henrique de Barros, presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

“Por Setembro, se tudo correr normalmente, esperamos não ter casos” — disse ele. Temos de acreditar e, sobretudo, confiar. Mesmo com as variantes mais letais e potencialmente mais transmissíveis, é possível que em Setembro não haja casos de covid-19 em Portugal, se se mantiverem as medidas em vigor e o plano de vacinação, afirmou Henrique de Barros.

Sem a vacinação, Portugal já teria retornado a um pico de infeção próximo daquele vivido há alguns meses. O especialista sublinha a “quantidade de vidas poupadas e internamentos evitados” graças à vacina.

A probabilidade de morrer, por contrair a Covid-19, chegou a ultrapassar os 4%, mas, agora, é de cerca de 0,5%, ou seja, agora, “o risco de morrer é cinco vezes menor”, embora o risco continua a ser maior no sexo masculino, em idade mais avançada.

A má notícia dos números — que são como o algodão, não enganam — é que região do Norte é aquela

onde a probabilidade de morrer é maior e a região autónoma da Madeira é aquela onde o risco de morrer é menor.

Outra — em Melgaço os nossos mais velhos dizem “oitra” — boa notícia desta etapa do plano de desconfinamento do Governo está prevista para 3 de maio.

É que, nas últimas duas semanas, houve uma tendência estável da incidência cumulativa a 14 dias, o que é um bom sinal”, adiantou André Peralta Santos, da Direção-Geral da Saúde. Já agora, temos de acreditar nestas pessoas.

Outra boa notícia, para este Verão: as pessoas com mais de 80 anos são agora o grupo mais protegido.

Porque? André Peralta Santos explica: “houve um aumento da intensidade de testagem” e que “os concelhos com maior incidência testam mais”. A positividade por idade está sempre abaixo do valor de referência, dos 4%” e “houve um aumento da testagem dos 15 aos 21 anos”.

Olhando para fora, verificamos que Israel tem cerca de 61% das pessoas vacinadas e está completamente desconfinado, já não usam máscaras. Em relação à semana passada, teve menos 34% de infeções comunitárias, Portugal teve menos 16%. Israel demonstra-nos assim que a imunidade de grupo funciona.

Os ingleses optaram por dar só uma dose de vacina, foi inteligente e conseguiu acelerar o processo de imunidade de grupo, poupando imensas vidas.



Por um lado estamos ótimos. Temos os grupos de risco controlados e se houver uma quarta vaga já não vai ser o que foi a terceira, mas não queremos correr o risco de sobrecarregar novamente o Serviço Nacional de Saúde (SNS) e pôr a vida das pessoas em perigo.

As pessoas que tiveram infeção severa têm uma recuperação mais lenta e podem ficar com sequelas e cicatrizes porque tiveram envolvimento multissistémico de vários órgãos e estiveram entre a vida e a morte. Isso é a lei da vida.

Cautela e caldos de galinha não fazem mal a ninguém. Sem sofreguidão. Afinal, dizem que há mais marés que marinheiros. Não?

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados),
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

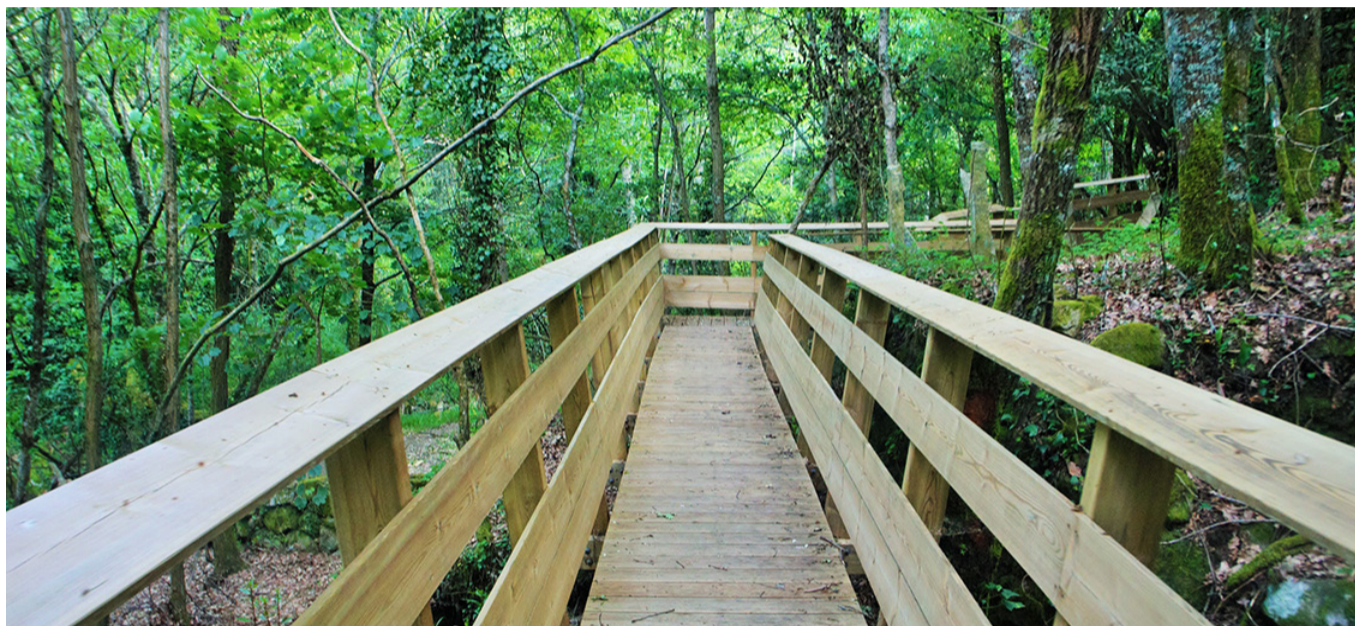
Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

TSF inaugurou desconfinamento das manhãs da rádio e do país em Cevide

“Espanta-me que lugares como este não sejam montra mediática”

João Martinho



No dia 19 de Abril, a localidade que guarda o marco Nº1 da nação portuguesa desde o Tratado de Limites entre Portugal e Espanha (que se realizou a 29 de Setembro de 1864), recebeu a visita da TSF e de uma das vozes mais aclamadas da rádio.

O jornalista Fernando Alves, um dos fundadores da cooperativa que deu origem à TSF e actualmente ao comando da emissão da manhã da rádio que tem como mote “ir ao fim da rua e ao fim do mundo, emitiu a partir de Cevide entre as 8 e as 10 horas da manhã do dia 19.

A emissão contou com a participação do Presidente da Câmara de Melgaço, do Presidente da Junta de Fre-

guesia de Cristóval e um dos actuais residentes em Cevide (entre outros entrevistados em bloco de reportagem) a partir de estúdio improvisado em casa de Mário Monteiro, o cevidense de que temos falado na última década a propósito desta sua luta para colocar Cevide no mapa da História do país.

O jornal “A Voz de Melgaço” esteve à conversa com Fernando Alves em véspera desta emissão, e quisemos perceber que ‘novas’ chegaram do Alto Minho até Lisboa que motivassem a equipa da rádio a subir no mapa até ao princípio do território luso.

Esta “emissão especial” marca “o início do desconfinamento quase geral e a minha proposta era ir

para o sítio mais longínquo de Lisboa”, começou por revelar-nos Fernando Alves, na sua visita ao marco Nº1, com o rio Trancoso em fundo.

“Tinha lido alguma coisa sobre Cevide e que este homem (Mário Monteiro), sobre o qual encontrei várias referências, seria o cicerone ideal para essa operação. Instalamos a mesa em casa do Mário – com alguma coisa que se beba, uma coisa leve, porque é de manhã – e conversamos sobre o que o prende a este lugar. E não tenho dúvidas de que o que o prende a este lugar não é muito diferente daquilo que me prende á rádio: Uma corrente emocional muito grande, que não se explica facilmente”, conta-nos o homem da rádio que já mereceu, em 2010, honras de condecoração pelo Presidente da República com o título de comendador da Ordem de Mérito Civil.

Foi em Cevide, “um paraíso escondido das grandes cidades” onde há “pedras com memória” que a rádio notícias inaugurou o seu desconfinamento das grandes cidades e iniciou a sua campanha em prol de novos recantos do país.

“Espanta-me muito que lugares como este, não sejam mais montra mediática”, notou Fernando Alves, assumindo ter sido acertada a aposta em ir “até onde chegar o gasóleo”.

“Este é um lugar de fronteira, de início de caminho. E o que é decisivo na rádio, como na vida, é um fio, ir pelo fio e esticar o fio”, observou ainda.

Foi recebido com um Alvarinho, ex-líbris do celheiro, mas da colheita que carrega o nome “Aqui começa Portugal”. Este vinho tem também a sua história e método ancestral que o torna sujeito à criação de depósito no fundo da garrafa. “É um vinho diferente, é turvo, mas é um depósito que não é sujidade, é alma”.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RAO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e dois de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas vinte e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **Padre Raul de Oliveira Fernandes**, solteiro, maior, natural da freguesia de Sampriz, concelho de Ponte da Barca, onde reside no lugar de Granja e **Padre César Manuel Araújo Maciel**, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Monserrate, concelho de Viana do Castelo, residente na Rua do Pereiro, número 167, União das Freguesias de Geraz do Lima (Santa Maria, Santa Leocádia e Moreira) e Deão, concelho de Viana do Castelo, na qualidade de **presidentes e em representação da "FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SALVADOR DE PADERNE"**, NIPC 501501185, com sede na freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, declararam:

Que a **"FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SALVADOR DE PADERNE"**, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes imóveis, todos situados na indicada freguesia de Paderne, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

VERBA UM: Prédio urbano, denominado **"CASA DA MESA"**, sito no Lugar de **CONVENTO**, composto por edifício de rés-do-chão e primeiro andar, com a área total e coberta de **cinquenta e quatro metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com António Caldas e Cemitério, de **SUL** e **POENTE** com Largo da Corredoura e de **NASCENTE** com Cemitério e Adro da Igreja, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1506**, com o valor patrimonial e atribuído de **€25 407,65**;

VERBA DOIS: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DE SÃO TIAGO"**, sito no lugar de **POMARES**, composto por capela e rossios, com a área total de **mil e vinte e três vírgula oitenta e cinco metros quadrados** e descoberta de **noventa e cinquenta e cinco vírgula oitenta e cinco metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Manuel José Esteves, de **SUL** com Estrada Municipal, de **NASCENTE** com Alberto Gonçalves Meleiro e de **POENTE** com Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1531**, com o valor patrimonial e atribuído de **€53 151,64**;

VERBA TRÊS: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DA SENHORA DOS REMÉDIOS"**, sito no lugar de **SANTE**, composto por capela e rossios, com a área total de **seiscentos e oitenta e dois vírgula trinta e um metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Caminho Público, de **SUL** com José Afonso e de **POENTE** com Estrada Camarária, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo**

1532, com o valor patrimonial e atribuído de **€99 874,69**;

VERBA QUATRO: Prédio urbano, sito no lugar de **SANTE**, composto por edifício com dois pavimentos e rossios, com a área total de **cem vírgula oitenta metros quadrados**, coberta de **oitenta e oito vírgula quarenta e sete metros quadrados** e descoberta de **doze vírgula trinta e três metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Joaquim da Silva Ribeiro, de **NASCENTE** com Teresa Cardoso Alves e Joaquim da Silva Ribeiro e de **POENTE** com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1533**, com o valor patrimonial e atribuído de **€12 151,55**;

VERBA CINCO: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DE SÃO JOSÉ"**, sito no lugar de **SAINDE**, composto por capela e rossios, com a área total de **mil trezentos e dezasseis metros quadrados**, coberta de **setenta e quatro vírgula quarenta metros quadrados** e descoberta de **mil duzentos e quarenta e um vírgula sessenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Jaime Vieites, de **SUL** com Estrada Camarária, de **NASCENTE** com Jaime Vieites e de **POENTE** com Jaime Vieites, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1534**, com o valor patrimonial e atribuído de **€57 071,26**;

VERBA SEIS: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DE SÃO SILVESTRE"** composto por capela e rossios, sito no lugar de **LONGARINHA**, com a área total de **seiscentos e oitenta e cinco vírgula zero dois metros quadrados**, coberta de **cento e um vírgula trinta e sete metros quadrados** e descoberta de **quinhentos e oitenta e três vírgula sessenta e cinco metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Dulcina Morais, de **SUL** com João Rodrigues, de **NASCENTE** com Manuel Fernandes e de **POENTE** com António de Castro e outro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1535**, com o valor patrimonial e atribuído de **€65 653,49**;

VERBA SETE: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DA SENHORA DA GUADALUPE E SANTA RITA"** composto por capela e rossios, sito no lugar de **CRASTOS**, cor a área total de **seiscentos e nove vírgula cinquenta e seis metros quadrados** e descoberta de **quatrocentos e quarenta e cinco vírgula cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **POENTE** com Caminho Público, de **SUL** com António de Abreu Rodrigues e de **NASCENTE** com Luís Gonçalves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1536**, com o valor patrimonial, e atribuído de **€98 151,79**;

VERBA OITO: Prédio urbano, denominado **"CAPELA DE SÃO ROQUE"** composto por capela e rossios, sito no lugar de **SÃO ROQUE**, com a área total de **oitocentos e setenta e dois vírgula setenta e sete metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **POENTE** com Maria Júlia Fontão de Sousa Lobato Gomes, de **SUL** com Monte de São Roque e Maria Júlia Fontão de Sousa Lobato Gomes e

de **NASCENTE** com Monte de S. Roque, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1537**, com o valor patrimonial e atribuído de **€61 464,66**;

VERBA NOVE: Prédio urbano, composto por edifício de dois pavimentos e rossios, destinado a palanque, sito no lugar de **SANTE**, com a área total de **mil duzentos e setenta e três metros quadrados**, coberta de **cento e treze metros quadrados** e descoberta de **mil cento e sessenta metros quadrados**, a confrontar de **TODOS OS LADOS** com Estrada Camarária, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1733**, com o valor patrimonial e atribuído de **€13 460,00**;

VERBA DEZ: Prédio Rústico, denominado **"MONTE DE SÃO ROQUE"**, sito no lugar de **SÃO ROQUE**, composto por terreno de pinhal e mato, com área de **dois mil e quatrocentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Maria Júlia Fontão Sousa Lobato Gomes, de **SUL** e **NASCENTE** com Caminho Público e de **POENTE** com Capela de São Roque, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 689**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 38,63**;

VERBA ONZE: Prédio Rústico, denominado **"ROSSIOS DA RESIDÊNCIA PAROQUIAL"**, sito no lugar de **PORTELA**, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de **seiscentos e trinta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Residência Paroquial, de **SUL** com António Alves, de **NASCENTE** com José António Rodrigues e de **POENTE** com Estrada Camarária, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1647**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 91,86**;

VERBA DOZE: Prédio Rústico, denominado **"PORTAL CERDEIRA"**, sito no lugar de **PINHEIRO**, composto por terreno de pinhal e mato, com a área de **mil e novecentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Alfredo da Silva e outros, de **SUL** com António Fernandes, de **NASCENTE** com Álvaro Rei e de **POENTE** com Manuel Araújo, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2069**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 35,60**;

VERBA TREZE: Prédio Rústico, denominado **"CARRICEIRAS"**, sito no lugar de **CASTELO DE SANTE**, composto por terreno de pinhal e mato, com a área de **setecentos e cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE**, **SUL** e **NASCENTE** com Estrada Camarária e de **POENTE** com António Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2168**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 3,50**;

VERBA CATORZE: Prédio Rústico, denominado **"GANZAIS"**, sito no Lugar de **ALDEIA**, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de **mil e cem metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Maria Fernanda de A. Gomes, de **SUL** e **POENTE** com Luísa de Abreu e de **NASCENTE** com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 5753**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 109,14**;

VERBA QUINZE: Prédio Rústico, denominado **"GANDARA"**, sito no lugar de **ESTIVADAS**, composto por terreno de mato, com a área de **quatrocentos e vinte metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Caminho Público, de **SUL** com Serviços Florestais e de **POENTE** com Armando Este-

ves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 6705**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 1,99**;

VERBA DEZASSEIS: Prédio Rústico, denominado **"RECHÃO"**, sito no Lugar de **POMARES**, composto por terreno de cultivo, com a área de **oitocentos e quarenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Joaquim Hilário Vaz, de **SUL** com Caminho Público, de **NASCENTE** com Emília das Dores Vieites e de **POENTE** com Arlindo Vieites e outros, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 4524**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 20,08**;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz, bem como os segundos antepossuidores por serem muito antigos, o que declaram sob sua responsabilidade,

Que a sua representada não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo destes prédios na Conservatória de Melgaço, mas após conversas com as pessoas mais idosas e consultas aos documentos existentes na paróquia, se infere que os prédios indicados sob as **verbas um a quinze** há mais de **cem anos** que estão na posse e fruição da comunidade paroquial de Salvador Paderne, sendo que o prédio indicado sob a **verba dezasseis** chegou à posse da sua representada em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **dois mil** por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Leonel Afonso e mulher Amábelia Lourenço Afonso, residentes ele que é e ela que foi no aludido lugar de Pomares, pelo que esta não é detentora de qualquer título formal que legitime a posse dos referidos bens;

Que a sua representada tem usufruído dos prédios, em nome próprio e através dos sucessivos párocos que serviram a paróquia, ocupando-os, sem pagamento de renda, praticando o culto, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custeia, mantendo os terrenos permanentemente limpos, desbastando-os, fruindo as respetivas utilidades, pagando as contribuições que sobre os mesmos incidem, agindo, assim, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ao praticar os diversos atos de uso, fruição, posse e defesa de propriedade, na convicção de que não lesa, nem nunca lesou quaisquer direitos de outrem;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e, assim, tendo a **"FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SALVADOR DE PADERNE"** exercido sobre os indicado prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que, dura **há mais de vinte anos**, justifica a sua aquisição **petuária**, que invoca para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e dois de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e sete de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas sessenta e uma e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL AMARO CERQUEIRA** e mulher **MARIA DE JESUS FERNANDES CERQUEIRA**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Bravães, concelho de Ponte da Barca, ela da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Bastida, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, do seguinte imóvel, sito no lugar de **LAGES**, na referida freguesia de **PENSO**:

TRÊS QUARTOS INDIVISOS DO PRÉDIO URBANO, composto por casa de morada de dois pavimentos e logradouro, destinado a habitação, com área total de **sessenta e seis metros quadrados**, área coberta de **cinquenta e quatro metros quadrados** e área descoberta de **doze metros quadrados**, descrito na Conservatória do Registo Predial de **MELGAÇO** sob o número **TREZENTOS E SESENTA E SEIS** da freguesia de **PENSO**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 75**, com o valor patrimonial tributário total de **€ 13 743,10** e o correspondente à fração de **€ 10 307,33**;

Que o prédio tem **registro de aquisição** quanto ao **restante quarto indiviso** a favor dos ora justificantes, pela inscrição relativa à **AP. 3 de 1997/11/05**;

Que os mesmos entraram na posse do citado prédio, na **aludida proporção de três quartos indivisos** e sendo já titulares da restante quota-parte, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e sete**, já no estado de casados, quando Manuel Bernardes e mulher Maria Rodrigues, residentes que foram na indicada freguesia de Penso, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda;

Que, no entanto, desde essa data entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, habitando-o inicialmente, mantendo-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura **há mais de vinte anos**, justificam a sua aquisição **petuária** que invocam na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados,

para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e sete de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e seis de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas cinquenta e sete e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOSÉ AUGUSTO ALVES** e mulher **ALICE DA CONCEIÇÃO ALVES ALVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Paderne, ela da extinta freguesia de Cubalhão, residentes no lugar de Baixo, número 3866, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, todas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito na indicada União das Freguesias de **PARADA DO MONTE** e **CUBALHÃO**, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado **"LEIRA DO TESO"**, sito no lugar de **TESO**, composto por terreno de cultivo, com a área de **duzentos e noventa metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Manuel Duque, de **NASCENTE** com prédio urbano do próprio e de **POENTE** com Manuel; Gonçalves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3390**, que teve origem no artigo 1774 rústico da extinta freguesia de Cubalhão, com o valor patrimonial tributário de **€ 22,29**;

Que desconhecem o artigo da antiga matriz rústica, bem como os segundos antepossuidores por serem muito antigos, o que declaram sob sua responsabilidade e adquiriram o citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e cinco**, já no estado de casados, por compra verbal que fizeram a Rosalina Gonçalves, viúva, residente que foi no lugar de Cima, na então Freguesia de Cubalhão, sem que tenha sido Lavrado o competente título formal para titular a referida compra e venda, tendo desde essa data entrado na posse e fruição do referido prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando e colhendo os respetivos frutos, amanhando-o, usufruindo de todas as suas utilidades, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito

Continua na pág. 21

VINHO E TERRITÓRIO



UMA RUBRICA DE
ANTÓNIO LUÍS CERDEIRA

Somos e seremos sempre a Origem

Um desafio é sempre um desafio e este de partilhar reflexões sobre o Alvarinho, as vinhas e o vinho, sobre o nosso Território é algo que me dá especial prazer.

Nasci em Melgaço e aqui vivi até aos 17 anos. No meu tempo ainda tinha de se sair daqui para “tirar” o 12.º ano. Eu fui para Viana com um amigo, outros para Braga ou para o Porto.

A experiência e o conhecimento não se obtêm por decreto, é preciso procurá-los. Estudei Enologia em Vila Real, passei por outras adegas em Portugal e na Borgonha e depois de muitas experiências como a de estar ligado à certificação do Vinho Verde durante quase 25 anos e de ver crescer o Soalheiro, continuo a querer desafiar-me e arriscar, por isso estou aqui a escrever-vos.

Nesta primeira reflexão quero abordar precisamente o tema do conhecimento e porque é que o conhecimento é tão importante para a sustentabilidade do nosso Território. Assistimos com agrado a que jovens (como eu já fui), que daqui saíram para enriquecer os seus horizontes, voltem agora aos poucos a fixar-se em Melgaço. Este fenómeno de retorno é fundamental para que novas ideias e novos projetos possam crescer com uma paixão singular, aquela que sentimos pelo local que nos viu nascer. Essa energia é inimitável e está na base daquilo que somos, mas novos desafios se colocam, e para os abraçarmos temos de abrir as portas à inovação e à digitalização, a novos conhecimentos, a todos aqueles que vêm por bem.

A partilha do que é nosso com quem ainda não o conhece, de forma despreocupada e descomplexada, ajuda a que consigamos ter uma visão diferente de coisas que já conhecemos como ninguém - é como se nos colocássemos distantes a observar uma paisagem que,

embora pareça um quadro, está sempre a mexer e na qual somos, todos nós, actores principais.

Isto para dizer que valorizo muito a abertura para o conhecimento e parece-me que no nosso Território esta máxima faz mais sentido do que nunca. Abrir portas, como o Alvarinho abriu para o mundo, permite sempre caminhar em dois sentidos: não apenas no sentido de partilhar o que conhecemos, mas também no de explorar e aprender com o que ainda não conhecíamos.

Sem dúvida que esta casta maravilhosa tem aqui origem e é um património nosso, mesmo muito nosso, que por isso temos que saber valorizar, valorizando o Território, quem o construiu e todos os que nele trabalham, aprendem e inovam. **Somos e seremos sempre a Origem, por isso, outros locais, outros mundos, têm e terão sempre este ponto de referência.** Para honrarmos este legado, temos que o continuar a afirmar todos os dias com o nosso trabalho, com inovação e sem medos que o conhecimento possa fluir porque, quando isso acontece, o nosso aumenta sempre!

Inovar é, sem dúvida, valorizar, e valorizar é crescer, é crescer bem, é ser sustentável. A sustentabilidade - económica, ambiental, social e cultural - sempre foi o pilar de um desenvolvimento harmonioso e coerente que permite a diferenciação do Território.

Por cá, a inovação começou quando plantámos Alvarinho no centro do campo em vez do milho, do feijão ou do feno. A inovação começou quando arriscámos todos investir numa uva que começou pouco a pouco a ser reconhecida em Portugal e depois em todo o mundo. Mas este é um caminho que não acaba, a inovação não pode parar porque o que é novo hoje, amanhã é tradição e para que esta se mantenha,

há que continuar a inovar.

Falamos agora muito mais de Monção e Melgaço como uma localização pois **dizem que foi um erro falar apenas de Alvarinho. Não creio que o tenha sido e não creio que o Alvarinho deixe algum dia de ser uma marca forte. Monção e Melgaço é o que é nos vinhos por causa do Alvarinho.** Penso que a nossa comunicação tem trilhado um caminho diferenciador: promovemos uma Origem Geográfica tal como o Velho Mundo sempre fez com as Denominações de Origem e IG's, vejam o exemplo da força da nossa Denominação de Origem Vinho Verde, do nosso Douro, do nosso Vinho do Porto ou dos franceses Bordéus, Champanhe ou Borgonha, mas com a diferença de fazer como fez o Novo Mundo, da Austrália à Nova Zelândia, que promoveu as castas.

A inovação não diz respeito apenas ao processo ou ao produto, a inovação também se faz na comunicação, e a nossa região, que tem tudo para caminhar para uma futura e inovadora Denominação de Origem dentro dos Vinhos Verdes, fez e continua a fazer diferente ao comunicar a origem, Monção e Melgaço, e a casta, o Alvarinho.

Mas, como referi anteriormente, o caminho da inovação não tem um fim, por isso temos de continuar a engrandecer o nosso legado com a atitude exploradora que sempre tivemos, continuar a descobrir novos mundos, outras castas que valorizem o nosso Território, por exemplo nos vinhos tintos, saber mais sobre o Alvarinho, sobre os nossos *micro-terroirs*, sobre as nossas vinhas, sobre outras formas de comunicar.

Na próxima reflexão, casos concretos e caminhos futuros. Até breve e tudo de bom!



Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

José Manuel de Melo
Vila | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Sónia Maria E. Rodrigues**
Paderne | 46 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Judite de Jesus M. Rodrigues**
Sainde - Paderne | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Lourdes Lourenço**
Prado | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rui Bruno da Rocha**
Alvaredo | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Adosinda Ana Esteves**
Carvalho - Alvaredo | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António José Fernandes**
Cristóval | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Henriqueta Augusta Lima**
Coto - Cristóval | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel António Gonçalves**
Penso (Nat. Alvaredo) | 72 Anos

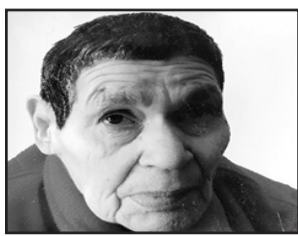
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Livramento Domingues**
S. Paio | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Claudina Conceição Sousa**
Peso - Paderne | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Alberta Domingues**
Adegas - Roussas | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aida de Jesus Rodrigues**
Fiães | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José António A. Ferreira**
Vila | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Maria Pereira
Ferraria - Paços | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Domingues**
Cortegada - ParadaMonte | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Zulmira Rodrigues**
Rodeiro - C. Laboreiro | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Esperança de Jesus ALves**
ChãoCancela - Fiães | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Augusto Soares**
Jugaria - Fiães | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



DEUS VOS RECEBA EM SEUS
BRAÇOS MISERICORDIOSOS

Adozinda Ana Esteves

Foi em 13 Abril, com uma morte não esperada, que a "Zinda do Carvalho" nos deixou, viúva de Francisco Cerqueira Gomes, mãe de 5 filhos: João, Madalena, Francisco, Fátima e Alberto, 11 netos e 8 bisnetos.

Por certo viverá para sempre nos pensamentos e coração dos seus familiares e amigos.

A família agradece todas as mostras de solidariedade, carinho e conforto com que foi ajudada a suportar tão dolorosos momentos.

Descansa em paz MÃE!

Mais um melgacense do
coração que nos deixa
José António Ferreira

Com apenas 66 anos, quando se digia a uma consulta médica, sentiu-se mal, parou o carro, pediu à esposa para chamar o INEM, mas morreu já dentro do Hospital de Viana, em 27 de Abril findo.

Este caro amigo era natural da freguesia de Carveiro, em Viana do Castelo, mas veio instalar-se em Melgaço com a esposa, a farmacêutica D.ra Júlia Eduarda Ferreira, dando origem à então Farmácia Dias Ferreira, no Rio do Porto.

José António foi pai de cinco filhos: António Pedro, farmacêutico e a trabalhar na Hungria; José Eduardo e Carlos Daniel, engenheiros, estão a trabalhar na Austrália; Vítor Miguel é médico e trabalha no Hospital de Penafiel, e o mais novo, o Fernando Roque frequentou a Academia Militar e é oficial no Estado Maior da Força Aérea, em Alfragide.

Este melgacense de coração pugnou à sua maneira por um Melgaço mais desenvolvido e próspero, empenhou-se, como antigo aluno dos Seminários de Braga em que os filhos seguissem as pisadas da educação cristã, tendo vários deles ajudado na Igreja, sobretudo na parte musical. Sou ainda testemunha do amor do José António ao Seminário e da generosidade com que procedeu por altura dos 75 anos de fundação do Seminário Menor e como patrocinou a edição de um livro e promoveu um encontro em Melgaço de antigos alunos dos Seminários de Braga que ficou memorável pelo número de participantes e pelo convívio em si.

O funeral foi em 30 de Abril, às 16 horas, com eucaristia na Igreja Matriz de Melgaço, indo a sepultar no Cemitério da Vila.

A sua esposa, D.ra Júlia, a seus filhos, noras, netos e demais família os sinceros pêsames pessoais e do jornal que ele tanto apreciava.

Carlos Nuno

CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Eugénia Adelaide S. Esteves
Chaviães | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Albertina Esteves**
Pereiral - P.Monte | 68 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de **vinte anos** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e seis de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e dois de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas trinta e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **Padre Raul de Oliveira Fernandes**, solteiro, maior, natural da freguesia de Sampriz, concelho de Ponte da Barca, onde reside no lugar de Granja e **Padre César Manuel Araújo Maciel**, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Monserrate, concelho de Viana do Castelo, residente na Rua do Pereira, número 167, União das Freguesias de Geraz do Lima (Santa Maria, Santa Leocádia e Moreira) e Deão, concelho de Viana do Castelo, na **qualidade de presidente e em representação** da **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE LAMAS DE MOURO”**, NIPC 505889137, com sede na União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, concelho de Melgaço, declararam:

Que a **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE LAMAS DE MOURO”**, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes imóveis, todos situados na indicada **União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, não descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

VERBA UM: Prédio urbano, denominado **“RESIDÊNCIA PAROQUIAL”**, sito no lugar da **IGREJA** composto por casa de morada de dois pavimentos e rossios, com a área total de **duzentos e dez metros quadrados**, coberta de **sessenta metros quadrados** e descoberta de **cento e cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho, de **SUL** com António Bernardo, de **NASCENTE** com Adro da Igreja e de **POENTE** com Manuel Joaquim Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3045** que teve origem no artigo 18 urbano da extinta freguesia de Lamas de Mouro, com o valor patrimonial e atribuído de **€14 240,45**;

VERBA DOIS: Prédio urbano, denominado **“IGREJA PAROQUIAL”**, sito no lugar de **IGREJA**, composto por edifício de um só piso, adro e Logradouro,

ro, com a área total de **trezentos e noventa metros quadrados**, coberta de **cento e trinta e três metros quadrados** e descoberta de **duzentos e cinquenta e sete metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Estrada Municipal, de **SUL** com Caminho, de **NASCENTE** com Estrada Municipal e de **POENTE** com Residência Paroquial, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3339** que teve origem no artigo 212 urbano da extinta freguesia de Lamas de Mouro, com o valor patrimonial e atribuído de **€90 914,57**;

VERBA TRÊS: Prédio Rústico, denominado **“CAMPO DO PADRE”**, sito no lugar de **IGREJA**, composto por terreno de lameiro, com a área de **dois mil e oitenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Silvério Bernardo, de **SUL** com Caminho, de **NASCENTE** com Álvaro José Pereira e outro e de **POENTE** com Ribeiro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1444**, que teve origem no artigo 684 rústico da extinta freguesia de Lamas de Mouro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€339,89**;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz, bem como os segundos antepossuidores por serem muito antigos, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que a sua representada não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo destes prédios na referida Conservatória, mas após conversas com as pessoas mais idosas e consultas aos documentos existentes na paróquia, se infere que os prédios indicados há mais de cem anos estão na posse e fruição da comunidade paroquial de São João Baptista de Lamas de Mouro, pelo que a sua representada não é detentora de qualquer título formal que legitime a posse dos referidos bens;

Que, a sua representada tem usufruído dos prédios, em nome próprio e através dos sucessivos párocos que serviram a paróquia, ocupando-os, sem pagamento de renda, praticando o culto, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custeia, mantendo os terrenos permanentemente limpos, fruindo as respetivas utilidades, pagando as contribuições que sobre os mesmos incidem, agindo, assim, quer quanta à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ao praticar os diversos atos de uso, fruição, posse e defesa de propriedade, na convicção de que não lesa, nem nunca lesou quaisquer direitos de outrem;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e, assim, tendo a **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE LAMAS DE MOURO”**, exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que, dura há mais de vinte anos justifica a sua aquisição pela usucapião, que invoca para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e seis de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte e dois de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas trinta e sete e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **Padre Raul de Oliveira Fernandes**, solteiro, maior, natural da freguesia de Sampriz, concelho de Ponte da Barca, onde reside no lugar de Granja e **Padre César Manuel Araújo Maciel**, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Monserrate, concelho de Viana do Castelo, residente na Rua do Pereira, número 167, União das Freguesias de Geraz do Lima (Santa Maria, Santa Leocádia e Moreira) e Deão, concelho de Viana do Castelo, na **qualidade de presidentes e em representação** da **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE CASTRO LABOREIRO”**, NIPC 501797912, com sede na União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, concelho de Melgaço, declararam:

Que a **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE CASTRO LABOREIRO”**, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes imóveis, todos situados na indicada **União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, não descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

VERBA UM: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DA SENHORA DE MONSERRATE”**, sito no Lugar de **CORISCADAS**, composto por capela e rossios, com área total de **dois mil cento e trinta e cinco metros quadrados**, coberta de **cento e cinquenta metros quadrados** e descoberta de **mil novecentos e oitenta e cinco metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Baldio, de **SUL** com Casa da Floresta e de **POENTE** com Estrada Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 45** que teve origem no artigo 1995 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€39 767,70**;

VERBA DOIS: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DO SENHOR DO BONFIM”**, sito no Lugar de **RIBEIRO DE CIMA**, composto por capela e rossios, com a área total de **mil e vinte metros quadrados**, coberta de **cento e sessenta e oito vírgula dez metros quadrados** e descoberta de **oitocentos e cinquenta e um vírgula noventa metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Junta de Freguesia e de **SUL, NASCENTE e POENTE** com Baldio, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 46** que teve origem no artigo 1996 urbano da extinta freguesia de

Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€34 641,95**;

VERBA TRÊS: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DO SENHOR DA BOA MORTE”**, sito no lugar de **AMEIJOEIRA**, composto por capela e rossios, com a área total de **seiscentos e setenta metros quadrados**, coberta de **cento e noventa e quatro vírgula trinta metros quadrados** e descoberta de **quatrocentos e setenta e cinco vírgula setenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE, SUL e NASCENTE** com Caminho e de **POENTE** com Estado Português, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 47** que teve origem no artigo 1997 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€39 788,00**;

VERBA QUATRO: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE NOSSA SENHORA DE NUMÃO”**, sito no lugar de **NUMÃO**, composto por capela, rossios e terreno adjacente, com a área total de **vinte e quatro mil metros quadrados**, coberta de **cento e oitenta e oito vírgula cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **TODOS OS LADOS** com Baldio, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 48** que teve origem no artigo 1998 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€50 445,50**;

VERBA CINCO: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE SÃO MIGUEL”**, sito no lugar de **MARECO**, composto por capela e rossios, com a área total de **noventa e dois metros quadrados**, coberta de **cinquenta e quatro vírgula oitenta metros quadrados** e descoberta de **trinta e sete vírgula vinte metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Joaquim Bernardo, de **SUL e POENTE** com Estrada Municipal e de **NASCENTE** com Duartina Gonçalves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13017** que teve origem no artigo 1138 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€8 394,05**;

VERBA SEIS: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE NOSSO SENHOR DA OLIVEIRA”** composto por capela e rossios, sito no lugar de **RIBEIRO DE BAIXO**, com a área total de **mil e sessenta e três metros quadrados**, coberta de **oitenta e sete vírgula vinte metros quadrados** e descoberta de **novecentos e setenta e cinco vírgula oitenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e POENTE** com Estrada Municipal, de **SUL** com Junta de Freguesia e de **NASCENTE** com Junta de Freguesia e Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13019** que teve origem no artigo 1140 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€21 741,30**;

VERBA SETE: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE NOSSA SENHORA DA VISTA”** composto por capela e rossios, sito no lugar de **CAINHEIRAS**, com a área total de **mil e cem metros quadrados**, coberta de

cento e noventa e três metros quadrados e descoberta de **novecentos e sete metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Fábrica da Igreja de Santa Maria de Castro, de **SUL** com Baldio, de **NASCENTE** com Estrada Municipal e de **POENTE** com Câmara Municipal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13020** que teve origem no artigo 1141 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€39 737,25**;

VERBA OITO: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE SÃO BENTO”** composto por capela e rossios, sito no lugar de **VÁRZEA-TRAVESSA**, com a área total de **duzentos e vinte e cinco metros quadrados**, coberta de **setenta e quatro metros quadrados** e descoberta de **cento e cinquenta e um metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e SUL** com Caminho, de **NASCENTE** com Felizardo Branco e de **POENTE** com Artur Afonso, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13255** que teve origem no artigo 1395 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial e atribuído de **€9 650,00**;

VERBA NOVE: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS”** composto por capela e rossios, sito no lugar de **RODEIRO**, com a área total de **setecentos e setenta e três metros quadrados**, coberta de **cem metros quadrados** e descoberta de **seiscentos e setenta e três metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e POENTE** com Caminho e de **SUL e NASCENTE** com Manuel António Fernandes, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13785** que teve origem nos artigos 13021 urbano e 4549 rústico ambos da União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, com o valor patrimonial e atribuído de **€28 630,00**;

VERBA DEZ: Prédio urbano, denominado **“CAPELA DE SÃO BRÁS”** composto por capela e rossios, sito no lugar de **ASSUREIRA**, com a área total de **trezentos e cinquenta metros quadrados**, coberta de **sessenta e sete vírgula cinquenta metros quadrados** e descoberta de **duzentos e oitenta e dois vírgula cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e POENTE** com Baldio e de **SUL e NASCENTE** com Caminho, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 13787** que teve origem no artigo 13016 urbano da União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, com o valor patrimonial e atribuído de **€10 250,00**;

VERBA ONZE: Prédio Rústico, denominado **“CAMPO NOVO”**, sito no lugar de **VÁRZEA-TRAVESSA**, composto por terreno de mata, com a área de **mil duzentos e trinta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho, de **SUL e NASCENTE** com Porfírio Alves e de **POENTE** com Manuel António Afonso, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2360**, que teve origem no artigo 1250 rústico da extinta freguesia de Castro

Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 5,84**;

VERBA DOZE: Prédio Rústico, denominado **“PARADELA”**, sito no lugar de **VÁRZEA-TRAVESSA**, composto por terreno de pastagem, com a área de **três mil quatrocentos e sessenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e POENTE** com Caminho, de **SUL** com Palmira Esteves e de **NASCENTE** com Angelina da Conceição Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2486**, que teve origem no artigo 1313 rústico da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 24,28**;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz, bem como os segundos antepossuidores dos bens por serem muito antigos, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que a sua representada não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo destes prédios na referida Conservatória, mas após conversas com as pessoas mais idosas e consultas aos documentos existentes na paróquia, se infere que os prédios indicados há mais de **cem anos** estão na posse e fruição da comunidade paroquial de Santa Maria de Castro Laboreiro, pelo que a sua representada não é detentora de qualquer título formal que legitime a posse dos referidos bens;

Que a sua representada tem usufruído dos prédios, em nome próprio e através dos sucessivos párocos que serviram a paróquia, ocupando-os, sem pagamento de renda, praticando o culto, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custeia, mantendo os terrenos permanentemente limpos, fruindo as respetivas utilidades, pagando as contribuições que sobre os mesmos incidem, agindo, assim, quer quanta à fruição, quer quanta aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ao praticar os diversos atos de uso, fruição, posse e defesa de propriedade, na convicção de que não lesa, nem nunca lesou quaisquer direitos de outrem;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e, assim, tendo a **“FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE CASTRO LABOREIRO”**, exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que, dura há mais de **vinte anos** justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e dois de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **treze de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas cento e quarenta e três e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MARIA ISABEL VELOSO LOURENÇO PINTO DA ROCHA**, viúva, natural da freguesia de Socorro, concelho de Lisboa, residente no lugar de Igreja, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, declarou:

Que é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

PRÉDIO URBANO, sito no lugar de **CAMPO**, na citada freguesia de **PENSO**, composto por casa de morada com logradouro e canastro, com **área total de duzentos e noventa metros quadrados**, coberta de **cento e cinquenta metros quadrados**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 144**, com o valor **patrimonial e atribuído de €34 398,35**, desconhecendo o artigo da antiga matriz, o que declara sob sua responsabilidade;

Que o imóvel tem **registro de aquisição** a favor de **Antonino Fernandes Dias**, casado, residente na Rua Cabo, número 41, segundo andar esquerdo, concelho de Lisboa, pelas inscrições decorrentes da **AP. 1 de 1951/11/06 e AP. 3 de 1952/08/05**;

Que por escritura de doação ou partilha o referido titular inscrito transmitiu o imóvel a **EDUARDO AUGUSTO VIEIRA DIAS**, solteiro maior, natural da freguesia de Santa Isabel, cidade de Lisboa, residente habitualmente na mesma cidade de Lisboa, à Rua do Cabo, número quarenta e um, segundo andar; a **ITALO GUILHERME FUENTES BORRANI ROCHA NEVES**, que também usava o nome de Italo Guilherme Borrani Fuentas da Rocha Neves e de Italo Guilherme Barroni Rocha Neves, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, da dita cidade de Lisboa e mulher **MARIA TERESA VIEIRA DIAS ROCHA NEVES**, natural da freguesia das Mercês, da mesma cidade de Lisboa, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes habitualmente na referida cidade de Lisboa, à Rua Sousa Martins, número 23, rés-do-chão, esquerdo; a **JOSÉ MARGARIDO PIRES**, que também usava o nome de José Margaride, natural da freguesia de Pero Viseu, concelho do Fundão e mulher **MARIA HELENA VIEIRA DIAS MARGARIDO**, que também usava o nome de Maria Helena Vieira Dias Margaride, natural da cidade de Lisboa, casados sob o regime da comunhão geral de bens, residentes habitualmente à Rua do Cabo, número 41, segundo, esquerdo, da mesma cidade de Lisboa; e a **HENRIQUE JORGE VIEIRA DIAS**, natural da dita freguesia de Mercês e mulher **EMA DOS SANTOS AGUIAR VIEIRA DIAS**, que também usava o nome de Ema Aguiar Vieira Dias, natural da freguesia de Socorro, da mesma cidade de Lisboa, casados sob o regime da comunhão geral de bens, residentes habitualmente na Avenida Adolph Buyl, número vinte e cinco, em Bruxelas, Bélgica e estes, por sua vez, **por escritura de compra e venda** lavrada no Extinto Cartório Notarial de Monção em vinte e quatro de janeiro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada a **folhas cinquenta e nove verso e seguintes do Livro de Notas Para Escrituras Diversas** Número **QUATROCENTOS E DE-**

ZOITO - C venderam o referido imóvel a HENRIQUE JOAQUIM FERNANDES DA ROCHA, autor da herança;

Que apesar de exaustivas buscas efetuadas em cartórios notariais **não lhe é possível localizar qualquer escritura pública que permita efetuar o registro predial**, desconhecendo e sendo lhe impossível determinar se o titular inscrito é vivo e qual é o seu paradeiro;

Que assim, a **primeira outorgante justifica por este meio o seu direito de propriedade** sobre o citado prédio.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, treze de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas dezasseis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOSÉ ANTÓNIO LOURENÇO** e mulher **ROSA MARIA PEREIRA GONÇALVES**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais ele da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem na Estrada Castelo de Sante, número 459, ela da freguesia de Macieira da Lixa, concelho de Felgueiras, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito na freguesia de **São Paio**, concelho de **Melgaço**, **não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado **"PONTE"**, sito no lugar de **PONTE**, composto por terreno de cultivo e vinha, com **área de novecentos e trinta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE e POENTE** com Manuel Fernandes e outro, de **SUL** com António Domingues e de **NASCENTE** com António Fernandes do Rosário, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 116**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 96,41, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que adquiriram o citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e nove**, já no estado de casados, por compra verbal feita a Manuel Rodrigues e mulher Orlinda da Conceição Rodrigues, residentes que foram na extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, sem que tenha sido lavrado título formal para titular o referido negócio e **desde essa data** entraram na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, amanhando-o, tratando a vinha, sulfatando-a e colhendo as uvas, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e

que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio **há mais de vinte anos** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **trinta de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas oitenta e seis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL JOSÉ ROUCEIRO FERNANDES** e mulher **IRADINA PIRES ESTEVES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Gaviéria, concelho de Arcos de Valdevez, ela da extinta freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Aldeia Grande, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na indicada **União das Freguesias de PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**:

VERBA UM: Prédio Rústico, denominado **"CAVADOSSO"**, sito no lugar de **CAVADOSSO**, composto por terreno de cultivo e vinha, com **área de quatrocentos e cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Armindo Pires, de **NASCENTE** com Manuel José Esteves e de **POENTE** com Constantino Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1641** que teve origem no artigo **760 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € **66,76**;

VERBA DOIS: Prédio Rústico, denominado **"CAVADOSSO"**, sito no lugar de **CAVADOSSO**, composto por terreno de cultivo e vinha, com **área de quatrocentos e quarenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Manuel Rodrigues, de **NASCENTE** com Maria Esteves e de **POENTE** com Manuel Luis Pires, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1649** que teve origem no artigo **764 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € **73,07**;

VERBA TRÊS: Prédio Rústico, denominado **"CANCELA"**, sito no lugar de **CHÃO DE BEZERRO**, composto por terreno de cultivo, com **área de novecentos e oitenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho Público, de **SUL** com Justino Esteves, de **NASCENTE** com Maria Pereira e de **POENTE** com David Augusto Pereira, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1663** que teve origem no artigo **771 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € **132,83**;

VERBA QUATRO: Prédio Rústico, denominado **"CABADOSSO"**, sito no lugar de **COTO SANTO**, composto por terreno de cultivo, com **área de quatrocentos e vinte metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Rosa Rodrigues, de **SUL** com Manuel José Esteves e de **NASCENTE e POENTE** com Manuel Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1677**, que teve origem no artigo **778 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € **22,05**;

Que os prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do registo predial de Melgaço, desconhecendo quanto a estes os artigos da antiga matriz rústica tendo vindo à sua posse em dia e mês que não podem já precisar por volta do ano de **mil novecentos e noventa e cinco**, por contratos verbais de compra e venda, em que foram vendedores:

Quanto ao prédio indicado sob a **verba um**, Manuel Esteves e mulher Danielle Presiaux, residentes ele que foi e ela que é em França; quanto ao prédio indicado sob a **verba dois**, Maria da Conceição Esteves e marido Manuel Pires, residentes que foram no lugar de Chão de Bezerro, na dita União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão; quanto ao prédio indicado sob a **verba três**, André Caetano Vaz e mulher Amélia de Barros, residentes no Lugar de Costa, na aludida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão e quanto ao prédio indicado sob a **verba quatro**, Rosa Maria Domingues, solteira, maior, residente no lugar de Coto, na aludida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão;

Que, no entanto, nunca chegaram a formalizar as respetivas escrituras públicas de compra e venda e, desde essas datas, já no estado de casados, entraram na posse dos referidos prédios, limpando-os, cultivando-os, sulfatando, tratando a vinha e colhendo os seus frutos, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios **há mais de vinte anos** conduziu à sua aquisição por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, trinta de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **trinta de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas oitenta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOSÉ ALFREDO CONDE**, casado com Ana Maria Esteves Rocha, sob o regime de se-

paração de bens, natural da extinta freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residente na Rua Conselheiro José Pinto, número 10, freguesia de Santa Marta de Portuzelo, concelho de Viana do Castelo e **SANDRA ALBERTINA CONDE** casada com Bruno Paulo Baptista Da Costa, casados sob o regime de separação de bens, natural da dita extinta freguesia de Castro Laboreiro, residente na Rua Luís da Silva Neves, número 848, primeiro andar direito, Gueifães, freguesia Cidade e concelho da Maia, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, **em comum e partes iguais** e com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito no lugar de **ASSUREIRA**, dita União das Freguesias de **CASTRO LABOREIRO E LAMAS DO MOURO**, **não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial:

PRÉDIO URBANO, composto por casa de morada de um pavimento e rossios, com **área total de dezanove metros quadrados e coberta de quinze metros quadrados e área descoberta de quatro metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Rosa Benta, de **SUL** com Caminho Público e de **NASCENTE** com Manuel Barreiros e de **POENTE** com Umbelina Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 12990**, que teve origem no artigo 1109 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 9 751,45;

Verba dois: **Prédio Rústico**, denominado **"AZEVÉM"** sito no lugar de **AZEVÉM**, composto de terreno de lameiro, com **área de duzentos e setenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho, de **SUL** com António José Rodrigues, de **NASCENTE** com Oliveira Rodrigues e de **POENTE** com António José Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 14716**, que teve origem no artigo 14075 rústico da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 14,24;

Que o referido prédio foi por eles adquirido, ambos **ainda no estado se solteiros, maiores**, em dia e mês que não conseguem precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e noventa**, por doação verbal que lhes foi feita por Rosaura Rodríguez González, solteira, maior, residente que foi no dito lugar de Assureira, sem que tenham chegado a formalizar devidamente a referida doação;

Que, contudo, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem exercido dentro de um espírito de comosse e que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, fazendo obras de conservação, procedendo à sua limpeza, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição, na proporção dos seus direitos;

Que assim, a **comosse pública, pacífica, contínua e em nome próprio** do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, trinta de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no

dia **trinta de abril de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas setenta e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL DE FIGUEIREDO** e mulher **FRANCELINA GONÇALVES** casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Castro Laboreiro, residentes no lugar de Várzea, União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, todas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na referida União das freguesias de **CASTRO LABOREIRO E LAMAS DO MOURO**, **não descritos** na Conservatória do Registo Predial de **MELGAÇO**:

Verba um: **Prédio Urbano**, sito no lugar de **DORNA**, composto por edifício de dois pavimentos, com **área total e coberta de noventa e oito vírgula setenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE, SUL e POENTE** com Caminho e de **NASCENTE** com Joaquim Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 12589**, que teve origem no artigo 604 urbano da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 9 751,45;

Verba dois: **Prédio Rústico**, denominado **"AZEVÉM"** sito no lugar de **AZEVÉM**, composto de terreno de lameiro, com **área de duzentos e setenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Caminho, de **SUL** com António José Rodrigues, de **NASCENTE** com Oliveira Rodrigues e de **POENTE** com António José Rodrigues, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 14716**, que teve origem no artigo 14075 rústico da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 14,24;

Que os justificantes entraram na posse dos citados prédios, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e noventa e quatro**, por partilha verbal que não chegou a ser formalizada, feita com os demais herdeiros, por óbito de Delfina da Anunciação Gonçalves, solteira, maior, residente que foi no lugar de Queimado, na extinta freguesia de Castro Laboreiro;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, limpando o terreno do urbano, amanhando a terra, apascentando o gado, no rústico, em ambos aproveitando todas as suas utilidades e suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito, e assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios **há mais de vinte anos** conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, trinta de abril de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves

Conceição Moita: um mulherão!

Costa Guimarães

Quando estava a ser torturada pela polícia política do Estado Novo, na prisão de Caxias, Maria da Conceição Moita desafia os seus algozes com estas palavras: “podem fazer o que quiserem que continuarei a lutar. Nem que tenha 80 anos quando sair daqui, vou continuar a lutar. E vocês hão-de cair!” Saiu de lá pouco depois, a 27 de Abril de 1974, viveu até quase completar 84 anos, sempre a lutar. Pela liberdade, pela justiça, pela dignidade e pela paz, alimentada pelo Evangelho.

Além dos nomes abaixo referidos, este texto é devedor também dos contributos e memórias de Ana Cordovil, António José Paulino, Cristina Brito, Inês Fontinha, Lucy Wainwright, Luísa Costa, Pedro Silva Rei e Teresa Vasconcelos, além do livro de João Miguel Almeida A Oposição Católica ao Estado Novo.

Numa oração para ler na Rádio Renascença, em Novembro de 2005, escrevia: “Faz, Senhor, que nos deixemos acolher por ti, no mais fundo que há em nós, confiadamente. Liberta a nossa liberdade.” Maria Vítor, que é como quem diz Maria da Conceição Moita, conhecida entre muitos amigos e vários círculos por Xexão, morreu na madrugada de 30 de Março, depois de alguns meses de luta contra uma doença oncológica. Completaria 84 anos no dia 5 de Abril.

A libertação e a liberdade foram motes maiores na sua vida. A 25 de Abril do ano passado, Conceição Moita escreveu, sobre a liberdade: “...não a queremos só mais alguns anos. Ela veio para ficar e nós só temos de a defender sempre. É uma condição da democracia, que é o regime que permite viver em comum dignamente.”

A justiça, participação cívica, direitos humanos, ética, fraternidade... foram opções fundamentais que se traduziram nos vários campos de vida por onde Conceição Moita passou: à intervenção política levava os seus valores cristãos; em grupos católicos usava os instrumentos profissionais da pedagogia e da sua formação em educação de infância; na profissão defendia a introdução de valores éticos e participativos; nas dinâmicas cidadãs que lançou ou nas quais se implicou confluía tudo isso.

Era uma Mulher inteira, como dizem os minhosos — um mulherão. Os seus vários empenhamentos fizeram dela militante pela liberdade e pela paz, antes da implantação da democracia em 1974 (e mais tarde, também quando se envolveria na luta contra a invasão do Iraque, em 2003, com Maria de Lourdes Pintasilgo ou o bispo Januário Torgal Ferreira, entre outros). Mas isso coincidia com o seu empenho em questões como o apoio a vítimas de prostituição, através do seu trabalho n’O Ninho. Ou como a participação em várias dinâmicas de resistência católica ao regime fascista e de contestação à guerra, nos anos 1960-70.

Foi uma das dinamizadoras da vigília de 48 horas pela paz na Capela do Rato e quem daria a voz: no final da missa na capela, a 30 de Dezembro de 1972, Xexão Moita explica-se: quem quisesse, poderia ficar dois dias em jejum (ou greve de fome), a rezar, cantar, reflectir e meditar, em sinal denúncia da guerra colonial, de solidariedade com as suas vítimas de ambos os lados e em protesto pela ausência de tomadas de posição da hierarquia católica contra a guerra que ceifara inutilmente milhares de vidas em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Quase um ano depois, a 6 de Dezembro de 1973, Conceição seria presa quando se preparava para sair de casa e fugir para Paris. O cerco à sua volta apertava-se, depois de vários outros amigos e companheiros terem sido detidos, incluindo o seu irmão Luís. Nos últimos instantes, a PIDE, a polícia política do fascismo, apareceu-lhe à porta: “Colaborei com as Brigadas Revolucionárias [BR] nalgumas acções; tinha uma casa em meu nome onde se refugiavam algumas pessoas que viviam na clandestinidade e colaborei com boleias para acções das BR”, contava ela à Ecclesia, em 2014, sobre a razão imediata da detenção.

No livro Católicos e Socialistas em Portugal (1875-1975), Augusto José Matias resume: “Tudo começa com um padre conservador (Gustavo de Almeida, assistente da União Noelista Portuguesa), que encoraja a ir mais

longe e a desenvolver sempre as capacidades. Depois vem a reflexão sobre as realidades sociais numa perspectiva caritativa. De seguida a passagem por um movimento como O Ninho — de recuperação de prostitutas — onde se vê que o problema é o sistema. E aí o confronto entre a compaixão e a acção nunca mais pára.”

Detida em Caxias, Xexão foi torturada com requintes de sadismo próprio da PIDE, oito dias de tortura do sono e uma cela de isolamento. A própria conta no livro Os Últimos Presos do Estado Novo, de Joana Pereira Bastos como por momentos se sentiu à beira da demência e do esgotamento, cansada “até ao fundo da alma”.

Ficaria em Caxias até à madrugada de 27 de Abril de 1974, quando os presos políticos ali encarcerados foram libertados, recorda Helena Pato, na página Fascismo Nunca Mais, no Facebook.

Nascida a 5 de Abril de 1937, Maria da Conceição Vítor Moita vinha de uma família da média/alta burguesia: pai industrial em Alcanena, homem da “situação” numa região muito republicana e anticlerical, mãe “muito cristã” e “muito convicta e nada beata”, Conceição foi educada catolicamente com os outros quatro irmãos. Mas nunca se sentiu “pressionada”: a fé “era como uma respiração”.

Aos 10 anos, Conceição mudou para Lisboa, com a avó materna e o irmão mais velho, que entrara na universidade. Torna-se-ia educadora de infância, num tempo em que a profissão era ainda rara. Trabalha na Casa Pia, onde chegou a ser directora pedagógica e, depois, também em educação de adultos e animação comunitária. As últimas duas décadas da sua actividade profissional foram dedicadas, na Escola Superior de Educação, à formação de professores e educadores.

Paralelamente à formação escolar e académica, Conceição Moita envolve-se, ainda na adolescência, na União Noelista. Criada em França no final do século XIX, o nome da organização remetia para o Noël (Natal) francês, e pretendia vincar o compromisso social e solidário das mulheres cristãs.

Por isso haverá noelistas na criação d’O Ninho em Portugal, em 1967, no apoio à reintegração dos refugiados e retornados das ex-colónias, em 1975, ou na já mais recente criação da Associação João 13, de apoio aos sem-abrigo, por exemplo.

O cruzamento entre a fé e a intervenção política continuaram depois do 25 de Abril de 1974. Nos primeiros anos, Conceição Moita dinamiza os Cristãos Pelo Socialismo (CPS), envolve-se nos Cristãos em Reflexão Permanente ou no grupo do jornal Libertar, e é uma das impulsionadoras das assembleias que desembocariam no Encontro Nacional de Cristãos. Neste último, havia pessoas marcantes do que viria a ser a intervenção ou a reflexão católica: frei Bento Domingues, padre João Resina Rodrigues, Manuela Silva, António Matos Ferreira ou Fernando Gomes da Silva, entre outros.

A militância política mais directa arrefeceria depois, ao mesmo tempo que crescia o seu empenho na vida profissional, com a APEI (onde fundou os Cadernos de Educação de Infância, ainda hoje publicados), em grupos católicos de debate ou intervenção, bem como em iniciativas cívicas.

No início dos anos 2000, Conceição Moita seria uma das coordenadoras de uma equipa que elaborou um dos projectos para novos catecismos para a infância, ilustrados por Madalena Matoso, e vendidos pela Paulinas Editora: Onde Moras?, A Quem Iremos? e Nascer de Novo. Nos subtítulos, explicava-se o programa: “uma história de encontro”; “uma história de libertação”; “uma história com futuro”.



Como escrevia no 7MARGENS o monge cisterciense Carlos Maria Antunes, do Mosteiro do Sobrado, na Galiza — onde Conceição Moita ia pelo menos uma vez por ano —, a sua vida estava “unificada em Jesus”: “Estava atenta ao acontecer da vida. Alegrava-se muito com o bem, com a liberdade, com a justiça e com a bondade. Amava a vida.”

Em 2013, num Encontro de Reflexão Teológica do Metanoia, Xexão voltava, a propósito da frase de Jesus “Bem-aventurados os pobres em espírito...”, a sintetizar o seu olhar: “Na verdade, ir às raízes das injustiças e destruir-lhes a fatalidade é dever da Igreja. Hoje, há que reconhecer que o modelo de desenvolvimento capitalista e neoliberal faz perder a milhões dos nossos concidadãos os mais essenciais laços de pertença social e de cidadania, que os lançam na marginalidade, afastados das oportunidades de integração.”

E em 2014, num debate evocativo dos 40 anos do 25 de Abril de 1974 (transcrito nos Cadernos ISTA, dos padres dominicanos), afirmou: “Uma vida empenhada não prescreve. E nenhum de nós se pode dar ao luxo de considerar que já fez o que tinha a fazer. Resta o aqui e agora. O nosso tempo é este. A situação que vivemos é de tal gravidade que exige que o nosso velho compromisso com a justiça, a liberdade, a dignidade e a paz se reacenda e nos faça encontrados na luta.”

Testamento final

Gostava de vos deixar sobretudo a certeza de quanto vos amei, com toda a ternura, por vezes com falta de jeito.

Se vos magoei nalgum momento, mesmo sem intenção, peço desculpas.

Querida muito que guardassem de mim esta ideia — só vale a pena viver com um encantamento, com um sentido.

Persegui-lo é o mais importante.

E saber que na vida, todo o bem é possível.

E que a frescura do riso é coisa a não perder.

E os amigos, o dom surpreendente de cada dia.

Que a grande tarefa é ir fazendo mais humano o tecido das relações, no tempo que nos é dado. E gastar a vida, a transformar o mundo que espera pela justiça e pela fraternidade.

Não deixar, a todo o custo, endurecer o coração. Porque o amor é de tudo o mais importante. Dá sentido à vida e é mais forte que a morte.

Querida que soubessem que fui uma mulher feliz. E que fiz a experiência do sofrimento indizível. Parece contraditório, mas não é.

Trabalhei em projetos com um empenhamento que me iluminou a vida. Fiz caminho a caminhar.

Tive a grande dádiva de ter comigo uma Mão que sempre me salvou. E é bem verdade que conheci a alegria mais funda.

É na certeza limpa e leve que parto, sabendo que na vida não existem rupturas e acreditando que o que me espera é a plenitude do que procuro, sem ser possível imaginar.

Obrigada por tudo quanto me deram. Gratuitamente. Até sempre.

Xexão

Apresentado projecto para a primeira fase da recuperação da Igreja do Divino Salvador de Paderne

Mais de 1 milhão de euros para acudir a situação “alarmante” de conservação

João Martinho



No dia 23 de Abril, a Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural, Ângela Ferreira, visitou o concelho para a apresentação do projecto “Reabilitação, conservação e Valorização da Igreja e sua envolvente do Convento de São Salvador de Paderne, Melgaço”.

A Igreja do Divino Salvador de Paderne vai ser alvo de profunda intervenção a partir do segundo semestre de 2021, a autarquia prevê início das obras até Agosto, com um prazo de execução de cerca de um ano e meio.

A intervenção permitirá colocar este monumento ao serviço da Estratégia Regional de atracção de visitantes. O alerta da paróquia, em Janeiro de 2020, posteriormente fundamentado após avaliação técnica, confirmam “sinais alarmantes” de problemas de conservação, quer do edificado, quer do recheio artístico, que obrigam a intervenções urgentes.

O projecto representa um investimento na ordem dos 1,05 milhões de euros (1.053.390,50€), apoiados pelo FEDER, Norte 2020 (500.000€) e por financiamento público nacional, através de protocolo com Estado via DGTF - Direção Geral do Tesouro e Finanças (553.390,50€).

“O município e o território não podem pensar o seu projecto futuro se não tiverem esta preocupação com aquilo que é a sua herança”, notou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, na sessão de apresentação do projecto.

O autarca de Melgaço recordou ainda que o “incómodo” com o património, no caso do templo religioso e de referência histórica da freguesia de Paderne, foi reforçado quando, “no início de Janeiro de 2020” o padre César Maciel alertou para as infiltrações que já existiam na igreja, tendo ponderado “chamar os meios de comunicação social” para testemunhar as condições de celebração da missa, “com o guarda-chuva aberto”.

A Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural, Ângela Ferreira, destacou a importância da intervenção no “lugar que é património cultural em praticamente todos os sentidos que esta palavra pode conter: Religioso, histórico, arquitectónico e testemunho de diversos estilos que ao longo do tempo foram compondo este lugar de culto”.

A primeira fase de intervenção incidirá essencialmente na resolução as infiltrações de água “a vários níveis” (fluviais e freáticas), ventilação e eliminação da térmita”, explicou Joana Araújo, projectista da empresa Lantana, a este jornal

Nesta fase de trabalhos em que a intervenção será sobretudo exterior, haverá já alguma recuperação do interior da igreja, “pontualmente, alguns elementos do recheio artístico, porque tem de ser protegidos e recuperação do tecto da capela-mor”, avançou ainda Joana Araújo.

Na segunda fase de intervenção será recuperado o “valor patrimonial interior”, o recheio artístico, móvel e integrado, nomeadamente as talhas, mobiliário, azulejo e pintura mural.

A dependência conventual, por ser privada, não está contemplada no projecto.

Para o presidente da Junta de Freguesia de Paderne, Amado Dias, reconhece o projecto como “um desafio” para a Câmara, autarquia local e paróquia, com o qual tem colaborado.

A preparação para a primeira fase de intervenção implica retirar uma fila de 29 sepulturas junto ao mosteiro e coube à Junta de Freguesia o primeiro contacto com os proprietários para determinar condições de trasladação de eventuais restos mortais para outro local.

“Num primeiro contacto as pessoas começaram por dizer que sim, depois ficaram renitentes, mas confiam em nós e sabem que teremos pessoas responsáveis a lidar com este processo, com respeito pelo que se está a tratar”, observou Amado Dias, a este jornal.

Até ao momento, foram já trasladadas meia dezena de sepulturas”, algumas para o cemitério novo e o autarca de Paderne admite que a Junta de Freguesia estará preparada para acompanhar o processo de trasladação das restantes sepulturas “quando houver condições para o efeito”.

Sobre eventual interesse dos proprietários do convento na renovação do edifício adjacente ao mosteiro, Amado Dias tem esperança de que o “arranque” das obras poderá estimular os privados “a preocuparem-se com o seu património”.

E de inauguração das Obras de Conservação e Valorização da Igreja das Carvalhiças, momento que contou com um concerto da Orquestra con Spirito.

A intervenção na Igreja das Carvalhiças foi pautada pelo rigoroso cumprimento dos princípios da intervenção em património cultural, não alterando a arquitetura ou funcionalidade do espaço, mas antes mantendo e valorizando as características que lhe conferem valor.

As intervenções foram ao nível dos rebocos interiores da Igreja, dos pavimentos e tetos, equipamentos de iluminação, conservação e restauro do teto policromado da Nave e da conservação do teto policromado da capela mor da Igreja das Carvalhiças.

O projeto representou um investimento de 132.290,00 EUR (85% FINANCIAMENTO no âmbito do PDR2020).



TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE

PORTUGAL

FRANÇA

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA




CONTACTOS:

FRANÇA

Tlm: 06 08 07 18 61

PORTUGAL

Tlf: 251 418 046

Tlm: 967 559 270

Tlm: 914 827 484

MORADA:

Lugar da Igreja

Roussas

4960 MELGAÇO

e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Melgaço inaugurou espaço Altice e integra rede de centros *maker* do Norte de Portugal e Galiza

João Martinho



Decorreu em Melgaço, dia 30 de Abril, a cerimónia de assinatura de acordos de cooperação com o Governo para a instalação de espaços de teletrabalho/*coworking* em territórios de baixa densidade do Alto Minho, nomeadamente Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Paredes de Coura e Vila Nova de Cerveira.

Melgaço inaugurou nesta sessão o Espaço Altice, com a presença da Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, da Secretária de Estado da Valorização do Interior, Isabel Ferreira, e do Secretário de Estado do Trabalho e da Formação Profissional, Miguel Cabrita.

Os acordos de cooperação foram firmados pela secretária de Estado da Valorização do Interior, Isabel Ferreira, pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), para além dos representantes da Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) e dos municípios abrangidos.

A CCDR-N assume o compromisso de, no âmbito da preparação do próximo Quadro de Financiamento Plurianual e no quadro do futuro PO Regional, considerar a existência de apoios à contratação e à mobilidade de trabalhadores para os referidos espaços, bem como a dotação desses espaços em termos de reorganização e/ou alterações de *layout*, de mobiliário e de equipamento informático.

Por seu turno, o IEFP compromete-se a disponibilizar apoios à mobilidade de trabalhadores através do Programa Trabalhar no Interior – Emprego Interior Mais e a divulgar ofertas de emprego situadas em territórios do interior, através da «Bolsa de Emprego do Interior», com o objectivo de fomentar a utilização destes espaços, quer com trabalhadores por conta própria, quer por conta de outrem.

Melgaço EmpreendeMakers e Melgaço Invest no Edifício Altice e Mercado Municipal

O antigo edifício da Altice foi alvo de reestruturação com o intuito de acolher o projecto **Emprendemakers** e, em breve, o **Melgaço Invest**, cujo intuito é contribuir para a criação de um ecossistema empreendedor

e inovador no concelho, indutor do micro empreendedorismo e capacitado para responder aos desafios da globalização.

Com o **Emprendemakers**, Melgaço integra uma rede de centros *maker* do Norte de Portugal e Galiza, cujo objectivo é criar e desenvolver uma rede de empreendedorismo, baseada nos centros de produção digital e prototipagem da euro-região Galiza-Norte de Portugal.

A funcionar no Espaço Altice, trata-se de um lugar comum de inovação tecnológica e criativa, onde os interessados poderão aceder a ferramentas que os ajudem a desenvolver uma ideia de projecto tecnológico e criativa, desde a concepção, prototipagem, teste de produto e de adaptação às necessidades de mercado.

O projecto pretende constituir-se como embrião de uma futura estrutura de maior dimensão capacitada para apoiar processos de transferência de conhecimento para as empresas já instaladas no concelho, particularmente para as empresas a instalar na Zona Empresarial de Alvaredo.

O projecto representa um investimento total de aproximadamente 175 mil euros e é co-financiado pelo FEDER, através do POCTEP, com uma taxa de 75%.

O espaço terá ainda uma vertente educativa e formativa, direccionada para empresas, jovens e crianças (espaço kids) nos domínios da capacitação tecnológica e apoio ao empreendedorismo e criação do próprio emprego, em estreita articulação com o já existente Gabinete de Apoio ao Investidor e com a comunidade local.

Quanto ao Melgaço Invest, será um espaço para a promoção do micro-empreendedorismo, do empreendedorismo social e da experimentação tecnológica. O projeto representa um investimento total estimado de 200 mil euros, co-financiado pelo FEDER no montante de 170 mil euros (85%), no âmbito do NORTE 2020. Estará instalado no Espaço Altice e no Mercado Municipal.

Foram ainda assinados acordos de espaços de teletrabalho/*coworking* no Interior. A acção tem por objectivo o estabelecimento de espaços laborais adequados à prática de teletrabalho ou *coworking*, con-



tribuindo para a dinamização dos territórios pelo seu efeito de atracção e eventual fixação de pessoas, com efeitos positivos no cumprimento das metas ecológicas, diminuindo a necessidade de deslocações e a consequente pegada carbónica.

O espaço de ‘*coworking*’ que vai integrar esta rede vai funcionar no Mercado Municipal.

Município de Melgaço e IPVC assinam protocolo para criação de Núcleo Tecnológico

Projecto visa avaliar potencialidades e condicionamentos das principais actividades agrícolas da região

Foi ainda assinado o protocolo de colaboração no âmbito do Núcleo Tecnológico para a Sustentabilidade Agroalimentar (NUTRIR): entre o Município de Melgaço e o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC).

O Núcleo Tecnológico, a instalar no concelho de Melgaço com orientação científica do CISAS – Centro de Investigação e Desenvolvimento em Sistemas Agroalimentares e Sustentabilidade do IPVC – tem como missão a caracterização territorial, avaliação das potencialidades e condicionamentos das principais actividades agrícolas da região. Inserem-se por isso neste âmbito a vitivinicultura e a produção animal, numa perspectiva de investigação, o desenvolvimento e qualificação para suporte à inovação empresarial, dinamização económica e promoção da sustentabilidade territorial.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA
SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

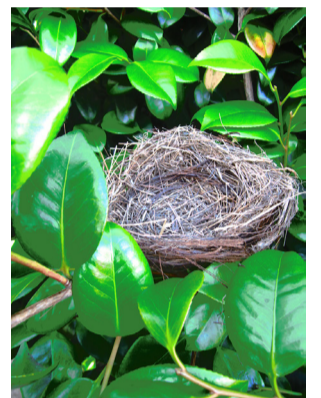
ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

O Ciclo da Flor

Rituais Assinalam Tempo Festivo e Coesão Social

José Rodrigues Lima



“Somos filhos da madrugada
Pelas praias do mar nós vamos;
À procura de quem nos traga
Verde oliva da flor no ramo”
(...)

Zeca Afonso

“Minha terra, quem me dera
Ser balseiro neste instante:
Ter a poesia dos ninhos;
Ver falar os passarinhos
Dos teus heróis e padrinhos,
Que te embalarão infante!”
(...)

Castro Gil, 1948

De cores se vestem os campos na Primavera.
Celebramos em Maio o ciclo da flor.

Da tradição fazem parte os cestos floridos em Vila Franca do Lima e os andores floridos de Alvarães. Manifestações que retratam arte e comunicam mensagens.

É um tempo novo, com símbolos de regeneração e fertilidade, onde não falta o canto do cuco e a chegada das andorinhas.

A poesia popular é consagrada no “Cante Alentejano” e assim ouvimos:

“Vamos lá saindo/ por esses campos fora; / e a manhã vem vindo/ dos lados da aurora”.

E ainda: “O maio moço/ele lá vem,/vestido de verde/que parece bem”

A poetisa Rosalia de Castro escreveu um poema intitulado, “ Maio longo...Maio longo”

“Maio longo...maio longo/todo coberto de rosas;/ para alguns telas de morte,/ para outros telas de bodas”.

PATRIMÓNIO CULTURAL E IMATERIAL NACIONAL

Os cestos floridos de Vila Franca do Lima, Viana do Castelo, têm sido objeto de estudo, sendo de mencionar os registos do etnógrafo José Rosa de Araújo, Floriano Lima, António Afonso do Paço, Alberto A. Abreu e Raul Pereira.

O escritor-jornalista Afonso do Paço regista no livro intitulado “Maravilhas de Viana” (1970) a propósito dos cestos floridos:

“Vila Franca patenteia os seus originais cestos das mordomas. Com simples flores constroem-se sobre cestos alvos de fina verga, verdadeiras maravilhas de arte e de bom gosto. Depois os cestos são absolutamente introduzidos no cerimonial litúrgico da festividade, no próprio dia, figuram como elemento imprescindível da procissão.

De acordo com os Estatutos da Confraria do Rosário, fundada em 1622, a obrigação do adorno dos cestos floridos era das mordomas, que seriam penalizadas se não o cumprissem.

Devemos sublinhar o grande empenho do Prior de Vila Franca do Lima, Pe. António Quesado, uma referência na memória da localidade. Ainda nos nossos dias, pelo brilhantismo da tradição, os cestos floridos

e outras marcas significativas de pároco durante largas dezenas de anos.

Para além da sua estatura, mais nobre era a de pároco-prior.

A Festa das Rosas, Senhora do Rosário é uma tradição com memória.

É de sublinhar o contributo do escritor Raul Pereira com o livro “Dentro de um cesto de rosas”, para a classificação dos cestos Floridos como Património Cultural e Imaterial Nacional.

ANDORES FLORIDOS EM ALVARÊS

José Augusto Vieira, no “Minho Pitoresco” refere notas curiosas a respeito dos andores floridos, sublinhando a beleza floral e os perfumes diversificados.

“Os andores floridos fazem deslocar inúmeros forasteiros à localidade de tradição cerâmica”. Entre os populares deparamos com extraordinária intuição artística nesta tradição que parece datar de 1946, por sugestão do Cónego Manuel Martins Cepa, figura notável como pároco da localidade e arcepreste que foi de Viana do Castelo.

Em Alvarães já em 1724 havia o costume de ornamentar as cruces, o que ainda se mantém.

A Festa da Santa Cruz faz parte da identidade da freguesia vianense. É o culto floral que torna os campos, os jardins, as praças e as ruas num belo jardim primaveril.

“A Nova Monografia de Alvarães”, resultado do investigador José Maria Miranda Pinto (2016), escreve a riqueza histórica da freguesia.

PROFUNDIDADE ANCESTRAL

No primeiro dia de Maio conserva-se a tradição de colocar giestas nas casas, nos veículos, nas unidades industriais, nos estabelecimentos comerciais e nas praças.

A tradição das “maias ou maios” tem muita força e por isso foi objecto de estudo no âmbito das ciências sociais, de modo especial na antropologia.

O reconhecido investigador J. G. Frazes, na sua grande obra intitulada “La Rama Dourada” (Magia e Religion) (1922), com título original “The Golden Bough”, lança-nos luz sobre a profundidade ancestral do culto da “Árvore na Europa Moderna”, seguindo a tese vegetalista.

Continua na pág. seguinte



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Na vizinha Galiza a festa das “Maiois” é muito expressiva, como nos apresenta o investigador Clodio González Pérez no seu livro “As Festas dos Maiois (1989).

As Publicações Dom Quixote, na coleção “Portugal de Perto”, editou a obra “Etnografia Portuguesa” da autoria de Rocha Peixoto, bem como divulgou na mesma coleção “Festividades Cíclicas”, do grande antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira.

Ainda sob as “maias” Jorge Dias, no estudo referente a “Vilarinho das Furnas - Uma Aldeia Comunitária” (1981), refere: “No 1º de Maio, também costumam colocar “maios” nas portas e janelas. Na véspera, seja muito ou pouco o serviço, vai sempre um de cada casa apanhar maias. Dizem eles, que é para comemorar o milagre que sucedeu quando Nosso Senhor andava perseguido e se refugiou numa casa de gente amiga. Um inimigo viu-o entrar na casa e marcou-a com uma flor de giesta, mas no dia seguinte, quando veio com muitos soldados para o matar, todas as portas e janelas estavam enfeitadas com maios, ele não pôde reconhecer a casa em que Jesus se escondeu”.

Aceitando os dois grandes grupos de plantas, umas boas e outras ruins, do primeiro fazem parte as giestas.

A narrativa referida por Jorge Dias e Rocha Peixoto é a mais conhecida no Alto Minho, como verificámos em entrevistas a pessoas que recolhiam giestas para colocar à entrada das habitações.

A giesta das serras é um arbusto caducifóleo, de ramos flexíveis, com folhas pubescentes, constituída por um ou três folículos de flores amarelas ou brancas. É nativa de Portugal mas é invasiva em alguns países.

Foi introduzida na Califórnia em 1960 com intuito de corrigir a erosão do solo.

MOLIMA DE PAREDES DE COURA

As giestas ainda hoje são utilizadas para elaborar vassouras, servindo na limpeza dos quinteiros das casas rurais e, por vezes, ainda se veem varredores a usá-las na limpeza dos espaços urbanos.

José Augusto Vieira refere nota curiosa a respeito da “molima”.

“Nos terrenos bravios semeia-se a giesta; durante meia dúzia de anos a sua rama “molima” é cortada e empregue para estrume e cama do gado; depois como a planta está cansada, arrancam o “brejão” ou as raízes e queima-se os resíduos.

O molima é pelos lavradores considerado como um bom adubo para as terras fundas.

A FLORÁLIA – FESTA ROMANA

O citado antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira sustenta “que é clássica a hipótese que procura a filiação das consagrações florais do 1º de Maio nas festas públicas romanas das “Florália” dedicadas à deusa Flora, que celebravam o renascer da Primavera; mas o parentesco entre essas festividades e celebrações atuais do 1º de Maio é muito problemático e não se pode estabelecer em termos gerais e concretos. A ideia de que se pode ajudar ritualmente o renascer das forças da natureza no princípio da Primavera tem contudo carácter universal e cremos legítimo, por vezes, interpretar estas cerimónias que existem em termos afins em inúmeros povos e civilizações”.

O 1º de Maio corresponde à noite de Valpurgis, que a demonologia medieval germânica povoou de bruxas invisíveis que andavam no ar e praticavam as suas obras infernais, certamente por herança da crença pagã nos espíritos nocivos do Inverno e da morte, de que era necessário purificar ritualmente a terra no Maio do ano agrário.

Assim sublinha Ernesto Veiga Oliveira.

A FESTA BELTANE

É de referir a importância da festa Beltane, festival celta comemorado ainda nos nossos dias, reconhecido nas celebrações da “Festa da Primavera” com calendário no 1º de Maio.

Durante o festival são acesas fogueiras nos topos dos montes, sendo um ritual importante nas terras celtas. O fogo gera força benéfica para os rebanhos e terras, segundo crença antiga.

No Minho, no dia 3 de Maio, dia litúrgico da Santa Cruz, havia o costume generalizado de enfeitar com flores os cruzeiros das aldeias e o pároco subia a um alto para abençoar as terras, para o ano agrícola ser abundante, de modo especial o milho e o centeio, cereais importantes para a alimentação.

O DIA DA ESPIGA

Não devemos omitir a comemoração do “Dia da Espiga”, presente nas comunidades a sul de país. Talvez esta celebração primaveril seja uma das muitas reminiscências de antigas tradições pagãs e esteja ligada à tradição dos Maiois ou Maiais. “O Dia da Espiga era também o Dia da Hora”. Era durante essa “Hora” que se colhiam as plantas para fazer o ramo de espiga e as ervas que se punham a secar para depois fazer chás.

Às várias plantas que compõem o ramo da espiga era dado um significado e um valor simbólico:

Espiga – o pão que mata a fome e nos faz livres;
Malmequer – O ouro e a prata, o dinheiro, que tantas vezes nos encandeiam;
Papoila – O amor que é vida e nos faz ser gente;
Oliveira – A luz que anuncia o Dia;
Videira – O vinho da alegria e da festa;
Alecrim – A saúde, a sabedoria, a fortaleza do espírito.
(In M. F.)

O Dia da Espiga é comemorado na quinta-feira da Ascensão.

O “ramo de espiga” deve ser colocado por detrás da porta de entrada, e só deve ser substituído por um novo no dia da espiga do ano seguinte,

Mas ainda, inserido no “Ciclo da Flor” não podemos omitir a grande manifestação que são os tapetes nas ruas e praças aquando da procissão do “Corpo de Deus”. São os itinerários festivos e coloridos para o Senhor passar.

Não há festa sem flores aromáticas repletas de simbolismo de emoções e vivências marcantes.

A gentileza da oferta de um ramo de flores é um sinal nobre de ternura, carinho, felicitação, agradecimento, homenagem, admiração, saudade e bem querer.

É sempre manifestação visual de sentimentos e vivências de fidalguia.

VAMOS COM A PRIMAVERA

Vivemos com símbolos e rituais que procedem do fundo da história e que constituem sínteses de manifestações culturais.

O poeta raiano e monçanense, João Verde, convidanos

“Vamos pois aldeia fora/À procura da saúde;/Q’eu prefiro a voz do açude/ à cidade estonteadora.”/Vamos com a Primavera,/ As aves deixam o ninho;/Como eu adoro a Chimera/ Nas noites claras do Minho!”

É sempre saudável recordar o poema “Povo” de Pedro Homem de Mello “Meu cravo branco na orelha./Minho, camélia vermelha,/Meu verde manjeriço”.

Se recuarmos no tempo encontramos o Rei D. Dinis, Trovador, a interpelar: “Ai flores, ai flores do verde pinho,/se sabedes provas do meu amigo?/Ai Deus, e u é”.

ANDORINHAS

No tempo primaveril foi sempre uma alegria sentir o regresso das andorinhas a fazer o ninho na varanda da casa paterna.

E a explicação foi-me dada por minha mãe: “Acredita-se que as andorinhas trazem a felicidade e a alegria à família e animam a Primavera”.

E mais: “Elas voltam nos aos seguintes ao mesmo ninho. Não se faz mal a um passarinho. As andorinhas são lindas.”

Recebi a lição, que não esqueci, e mais tarde comprovei com leituras o que minha mãe me ensinou.

A andorinha é a ave migratória mais conhecida.

Viaja em grupo.

É uma ave muito adaptável, assim, ela mesma encontrou forma de viver com o ser humano, pois tem um jeito que lhe interessa e não atrapalha.

Sendo uma ave migratória inicia o retorno em Setembro para zonas mais quentes, voltando na Primavera do ano seguinte.

Esta ave é fiel a um companheiro durante toda a sua vida.

OS NINHOS

Nos poemas de Miguel Torga encontramos um acerca dos ninhos:

“Sei o ninho
E o ninho tem um ovo
E o ovo, redondinho,
Tem lá dentro um passarinho
Mas escusam de me atentar:
Nem o tiro, nem o ensino.
Quero ser um bom menino
E guardar este segredo comigo
E ter depois um amigo
Que faz o pino no ar.”

OS PASSARINHOS

De Afonso Lopes Vieira, recordamos o poema “Os passarinhos”:

“Os passarinhos
tão engraçados
Fazem os ninhos
Com mil cuidados

São p’ra os filhinhos
Que estão p’ra ter;
Que os passarinhos
Os vão fazer

No bico trazem
Coisas pequenas;
E os ninhos fazem
De musgo e penas

Depois lá têm
Os seus meninos
Tão pequeninos
Ao pé da mãe.”

SABEM A MÚSICA DE COR

As vozes das aves deliciam-nos no tempo primaveril: palram as pegas e o papagaio; cacareja a galinha; os ternos pombos arrulham; geme a rola inocentinha; ouve-se o cantar do melro e do rouxinol.

Todos sabem a música de cor num concerto da natureza e avi-fauna.

Pelo sonho é que vamos.

“Este mês de Maio
É o mês das flores,
Quando os passarinhos
Deixam ver os seus amores”

Bibliografia:

- Castiñeiras, Manuel A, “Os traballos e os dias na Galicia medieval”
Cunha, Narcizo Alves, “Paredes de Coura”, 1909.
Ferro, Xosé Ramón Marino, “Antropoloxia de Galicia”, 2000.
Frazer JG, “La Rama Dorada”, Fondo de Cultura Economica, 1995
González, Pérez, “Festa dos Maiois en Galicia”, Pontevedra, 1987
Gonçalves, Gabriel, Cancioneiro Temático da Ribeira Lima”, 1992
Oliveira, Ernesto Veiga de, “Festividades Cíclicas em Portugal”, Publicações Dom Quixote, 1984.
Paço, Afonso, “Maravilhas de Viana”, 1970.
Peixoto, Rocha, “Etnografia Portuguesa”, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.
Theologica, II Série, Vol XXVII, Fasc. 2, 1992



Melgaço descrito há cerca de 200 anos

Em finais do século XVIII, havia a ameaça de uma nova guerra com Espanha. Em face disso, foi ordenado ao Real Corpo de Engenheiros, que realizasse uma série de estudos sobre as condições gerais de defesa da fronteira portuguesa e das terras raianas. Foi neste contexto que, há pouco mais de 200 anos, mais concretamente em 1800, o Capitão Custódio Gomes de Villasboas passou por terras de Melgaço deixou-nos um conjunto de memórias acerca das freguesias raianas de Melgaço.

Sobre Melgaço e as suas gentes, deixa-nos um conjunto de informações valiosas sobre as condições de vida na nossa terra, nestes termos: “Ao noroeste deste Couto de Fiães, e ao nascente de Valadares, fica o termo e villa de Melgaço, confinando pelo norte com o rio Minho, e pelo nordeste com a Galiza. He da sereníssima Caza de Bragança, e por isso pertence à comarca de Barcellos, donde dista 15 legoas. He governada por um Juiz de Fora, com três vereadores, e Procurador do concelho, como he costume nas judicaturas de vara branca. A villa he pequena e pobre; fora dos muros tem huma rua aonde passa a estrada, e nela alguns mercadores de pano.

O termo he de pouca extensão, e só tem 7 freguezias. Além da da Villa, a saber: S. Payo, S. Lourenço de Prado, Remoagens, Rouças, Chaviaens, Passos, S. Martinho de Christoval, a parte da freguezia de Paderne, que pertence ao oncelho de Valadares, das quaes três ficam núm valle mais largo ao sul da villa, limitada pela serra da Peneda; e outras correm ao longo do rio Minho, por uma ladeira estreita, e empinada, até à freguzia de Christoval, espaço de uma légoa, aonde intesta com a Galiza.

Por esta ladeira, vai também a estrada, que se dirige à Ponte das Várzeas, perto da qual há um pequeno lugar pertencente àquella última freguezia aonde se faz hum grande comércio de sal, e de panos, com os galegos. A extensão do districto anda por légoa e meia quadrada, e a população comprehendendo a villa, 1364 fogos; 1632 homens, 2016 mulheres, 553 rapazes, e 444 raparigas, o que dá 4645 pessoas. Há nesta villa Caza de Misericórdia com rendimento annual de 500\$000, e há, extramuros da mesma villa, hum convento de Capuchos.

Também para o sul do couto de Fiães existe o concelho de Castro Laboreiro da sereníssima Caza de Bragança, que ali põe as justiças, e pertencente à Comarca de Barcellos, donde dista mais de 14 legoas; he regido por dois juizes ordinários, de que o mais velho delles serve de Capitão Mor. Parte pelo nascente, Sul, e Norte, com a Galiza, como fica dito, pelo Poente com os concelhos de Valadares, e de Soajo. Nos mezes de inverno, hé quasi impossível aos moradores daquelle concelho, comunicar-se com a cabeça da sua comarca, por serem obrigados a vadear a nevoza e áspera serrania da Peneda. Seria mui cordato, e útil aos povos, unir este concelho e a villa de melgaço às jurisdições da borda Minho, que lhes ficam próximas, e mais comunicáveis.

Este concelho tem huma só freguezia, pobre, mas em terreno tem quasi 10 légoas de circuito, occupado pelas referidas montanhas, foras das quaes há poucos sítios planos e produtores. Não produz mais do que centeio, se os frios da Primavera o não tolhem, e ainda assim está um anno na terra, desde que se semeia até se colher: o valor desta produção anda por 16 mil cruzados hum anno por outro, e não chega para o sustento dos habitantes, que nos mezes de Inverno sahem para fora do concelho a trabalhar pelo officio de pedreiro, para ganharem o resto do sustento que o seu paiz não produz. Há poucos pastos e os lavradores são obrigados o vender no Inverno algum do gado vacum, porque a neve queima o sustento delle, e além disso não lhes são necessários, porque neste concelho não há cultura senão nos mezes de Verão, semeando hum centeio e colhendo o do ano precedente. Tem algumas ovelhas do que tiram lá para a sua vestidura, que he hum grosseiro burel, e bastantes cabras que lhe dão leite.

O terreno he mui estéril e não produz árvores de fruto. Algumas que se dão em sítios abrigados reduzem-se a carvalhos, giesta, urze, carqueja e tojos. Servem-se do carvalho para emadeirar as suas cazas que cobrem com palha de centeio, e esta com segundo emadeiramento, para escapar aos tufões do vento. He notável que tão perto da rica e amena ribeira do Minho, haja um terreno de tão diverso clima, produções, e costumas tão particulares.

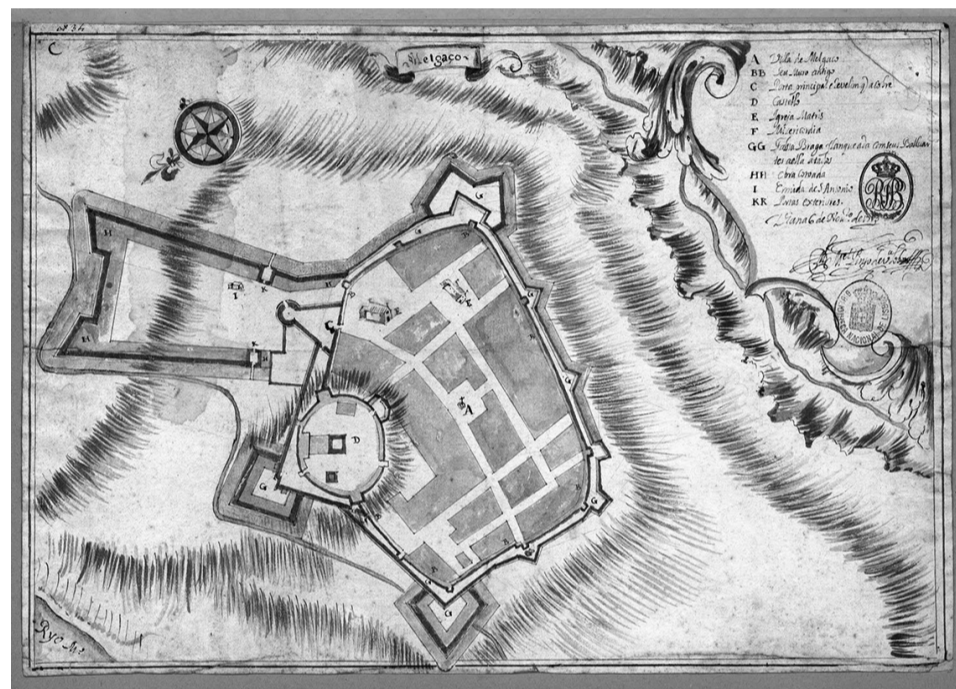
A freguezia tem 323 fogos, divididos em duas povoações, huma com 17 lugares tem o nome de “Verandas”, onde os povos vivem no Verão, e a outra com 23 lugares denominada “Inverneira”, aonde se recolhem no Inverno. A povoação anda por 470 homens, 454 mulheres, 247 rapazes, 188 raparigas, e ao todo 1359 pessoa. Descubrem-se neste concelho indícios de mineraes, particularmente no sítio as Coriscadas, há veas d’antimonio, e no das “Aveleiras”, encontra-se cristal de rocha, crystallus montana, de que também se acha abundância nas serras do Gerez, e da Amarella.”

Sobre Fiães, o capitão Villasboas escreveu que “o couto de Fiães he uma freguezia situada ao Nascente do concelho de Valadares, sobre um ramo da serra da Peneda, que se lança sobre a ribeira do Várzea, junto

a Christoval, entre o concelho de Castro, e o termo de Melgaço. Ali há um convento de religiosos da Ordem de Cister, que são os donatários do couto. Este é subordinado ao concelho de Valadares, ainda que temo seu juiz Pedaneo que conhece tão somente das causas cíveis. É posto pelo Dom abade do mosteiro, com as mais justiças. Os moradores desta freguezia colhem milho, e algum centeio, muita castanha, e pouco dos outros géneros. O seu território abrange mais de uma légoa, e tem 211 fogos, 356 homens, 232 mulheres, 20 rapazes, 34 raparigas, e ao todo 642 pessoas (...).

O concelho de Castro Laboreiro está situado no centro daquella serrania perto da raya, equidistante dos dois mencionado rios Minhos e Lima. Ao sul da povoação de Castro, chamada Varandas, existe o castello, sobre hum penhasco. É obra antiga e pequeno recinto, guarnecido com algumas peças de artilharia. Hé bella situação para dalli descobrir as gargantas dos montes, ainda que estes pela sua amiudada ondulação, offercem muitos esconderijos.

De Castro para o interior da província, há duas veredas principais através da serra da Peneda, de muito mau caminho, e contínuos desfiladeiros, por onde não



passa carro. Huma dirige-se ao concelho do Soajo, que lhe fica em distância de 3 légoas para o sudoeste, e outra vai para o concelho de Valladares, donde dista 4 legoas ao Noroeste. Além daquellas avenidas, há outra que vai a Lindozo, correndo para o sul pelo lugar da Inverneira, passa na Portela da Pereira, que he uma garganta entre a serra das Chans de Castro e a Peneda pela qual corre a demarcação: entra na freguezia d’Entrimo, pertencete à galiza, e correndo pelo lugar da Ilha, vai atravessar o rio Lima em huma barca de passagem, que anda abaixo de Lobios.

Também de Castro Laboreiro para Christoval, ao longo da pequena ribeira de Várzeas, vai uma estrada mui trabalhosa, que passando pelos sítios da Portelinha e Alcobaca, atravessa o rio Trancozo no meio da ribeira, em huma pequena ponte denominada de “Pouzafolles”. Esta ribeira he cercada d’altos montes por hum e outro lado, e no fim della, em Christoval, passa a estrada que vai das terras da borda Minho para o interior da Galiza, a qual atravessa o rio Varzeas em huma ponte arruinada, para cuja defeza se construiu na Guerra de 1762, hum reduto sobre a eminência que lhe fica fronteira perto do lugar de S. Gregório, da mesma freguezia de Christoval. Este reduto hé de mui pouca monta para a defeza daquelle passo, entretanto que pela profundidade em que o rio corre, e pella mais circunstância do terreno que lhe fica sobranceiro, he assaz defensável.”

Extraído de:

VILLASBOAS, Custódio Jozé Gomes de (1800) – Descrição Topographica das Comarcas Fronteiras da Província do Minho.

Moinhos de Melgaço: António Oliveira estima haver mais de 400 no concelho e quer descobri-los todos

“Só uma cooperativa e a iniciativa privada poderia fazer isto funcionar”

João Martinho

Há pelo menos uma década que António Oliveira, natural de Prado (Melgaço), se dedica a re-descobrir, literalmente, a paisagem que alberga um dos patrimónios históricos que povoam o território melgacense.

Entusiasmado pela descoberta dos antigos moinhos de água, António começou por assinalá-los com base em mapas cartográficos antigos e estabeleceu como primeiro objectivo descobrir duzentos. A paisagem escondia mais surpresas: Já registou mais de trezentos, “e se calhar ainda chego aos quatrocentos”, conta o entusiasta melgacense que não resiste a partilhar com o mundo um pouco dos registos fotográficos que faz dos moinhos visitados, através das páginas de Facebook e Instagram “Moinhos de Melgaço”.

Contudo, não é apenas um viajante com propensão para a descoberta de novos trilhos e motivos de visita.

“Onde são os moinhos, antigamente eram locais cheios de vida. Há locais onde havia três ou quatro moinhos, com socacos que eram campos agrícolas, ou com árvores e que hoje estão completamente ao abandono”, começa por mencionar, desvelando aos poucos a sua análise de potencialidades destes pequenos edifícios que outrora eram usados na moagem de cereais (sobretudo milho ou centeio), um dos principais produtos da actividade agrícola da região até aos anos 70 do século XX.

“Vejo potencialidades. Seja para percursos pedestres, para visitar, até os próprios rios são locais fantásticos porque encontramos lagoas e cascatas. O que muitas vezes vemos em imagens do Gerês, nós temos aqui nos nossos ribeiros”, considera.

Com o apoio de um software de mapas, onde assinala os locais, muito deste levantamento é feito com a colaboração da população, que completa o que a cartografia dos mapas antigos não adivinhou, com o aviso adicional de que “se calhar não vai conseguir lá chegar!”.

“Estou a fazer um mapa onde vou assinalando os moinhos já verificados e os que tenho de verificar. Confirmados são já cerca de 320 e quando vou verificar os que tenho anotado, acabo sempre por descobrir mais dois ou três. Há dias, em Penso, descobri cinco dos quais não havia sinais de marcação”, revela.

Não faz levantamento das características dos moinhos ou sequer descrição da tipologia, contudo, regista em fotos diversos pormenores de conservação e localização de cada um dos edifícios. Esse trabalho, como nos vai contando em estratégia que se adivinha estruturada, caberia às escolas profissionais e superiores locais e da região, assim como do associativismo e cooperação das comunidades envolvidas.

“Recuperar os moinhos nunca deverá ser um processo que passe pela Câmara Municipal ou pelas Juntas de Freguesia. As Câmaras, com os fundos comunitários, estão em estado de graça e fazem tudo e mais alguma coisa. Para tudo se pode arranjar um projecto, mas o caminho não é por aí. Temos provas, no caso de Melgaço, de uns moinhos que foram recuperados pela Câmara e junta de Freguesia e estão deitados ao abandono. Nunca mais ninguém quis saber

daquilo para nada. A população não quer saber porque não se envolveu nisso, a Câmara faz a obra porque o povo pede”, analisa.

António Oliveira sugere que ao poder autárquico seja apenas reservado o papel de sensibilização da comunidade para a preservação dos moinhos, assim como de legislação que evite a degradação ou destruição deste edificado.

“Para que não aconteça o que aconteceu em Penso, em que atiraram com pedras para o meio da linha de água. Podia ter-se um cuidado especial com este património. A ideia seria, dentro da lei, tentar que não se estrague o que existe ainda ou, se alguém quiser intervir, que cumpra as normas”, reiterou.

No âmbito da sensibilização para a importância turística e até de funcionalidade para a pequena economia local, António sugere que se premeie os proprietários que ainda hoje zelam pela funcionalidade destas estruturas.

“A Câmara poderia ajudar os proprietários dos moinhos que estão bem preservados. Ainda existem moinhos intactos e que ainda funcionam. Em Castro Laboreiro, Parada do Monte e Penso, alguns rodízios ainda estão bons”, indica.

António Oliveira considera que “a iniciativa tem de ser das pessoas”, dos herdeiros e do associativismo de cada uma das freguesias do concelho que considerem o seu património de moinhos passível de recuperação para os mais diversos fins, sem descaracterizar a génese do edificado.

“É mais viável mobilizar um grupo e valorizar um conjunto de moinhos, independentemente da Junta pertence, para que não haja ali divisões por território administrativo. Teria de envolver os herdeiros dos moinhos e herdeiros das levadas. Faz sentido que, se há uma levada, haja um percurso pedestre que ajude a preservar a levada, mantê-la limpa”.

António reconhece que, num universo de três ou quatro centenas de moinhos, a iniciativa privada, associativa ou de cooperativa será a única solução para recuperar e manter economicamente activa qualquer ideia que venha a ser implementada em qualquer destes núcleos de moinhos.

“À Câmara punha-se um desafio difícil: Vai recuperar os moinhos, mas quais? Os de Castro [Laboreiro], os de Parada do Monte, os de São Gregório? Nem todos podem ser resgatados, depende das pessoas de cada terra, para que haja cuidado e manutenção. Ali em Paderne há um conjunto de moinhos bastante interessantes e umas azenhas que dariam para fazer um percurso pedestre interessante”.

E o que fazer com estes moinhos, para além do respeito pela ruína ou pontual manutenção operacional, que estimule o interesse económico dos proprietários para além do turismo? António Oliveira vai buscar fora de portas alguns exemplos que funcionaram e estão a gerar entusiasmo.

“Em termos económicos, tem-se visto projectos

noutros lados que por cá poderiam funcionar. Por exemplo a produção de farinha, que é actualmente há um mercado em crescimento com o mercado das lojas de produtos biológicos, onde há mercado para a farinha. Mesmo cá, em Melgaço não se faz pão tradicional, faz-se pão tipo tradicional, porque a farinha é comprada, então o ciclo deste pão não é o do tradicional”.

Nesta cadeia de produção, “só uma cooperativa poderia fazer isto funcionar”, refere António, idealizando um organismo que mantenha funcional um circuito produtivo desde os produtores de milho, quem mói e o circuito de venda.

Junto ao rio Trancoso – “onde há moinhos bastante grandes e se poderia aproveitar o próprio edifício para alojamento” – ou mesmo em Alvaredo, a proposta de preservação poderia ser de cariz mais turístico.

“Em Alvaredo, em cerca de 500 metros há nove moinhos. Um deles é ruínas de um engenho de seração. Se fosse permitida a construção de pequenas casas sustentáveis nos terrenos ao lado dos moinhos, algumas sob estacas, em que a intervenção no terreno é mínima, teríamos turismo rural e ao mesmo tempo valorização dos moinhos e conservação daquela linha de água. Em vez de ter aquele monte a ganhar silvas, onde não dá nada, porque não permitir este tipo de construção?”, sugere António Oliveira.

A estratégia de António, idealizada em linhas mestras, pressupõe ainda o envolvimento das escolas profissionais, superiores e até a escola Secundária local. Desde a concepção de projecto arquitectónico de intervenção nos espaços, as técnicas de recuperação dos edifícios em ruínas, a recolha de dados históricos ou até histórias recolhidas junto de testemunhos vivos um pouco por todas as Freguesias do concelho, haveria toda uma vertente de estudo, aos mais diversos níveis e áreas, que estimularia pais e filhos em torno deste processo.

“Muitos dos mais idosos têm pena de verem este património perder-se e não acreditam no interesse dos mais novos pelo território ou pelas coisas com que cresceram. Esta era uma forma de ir sensibilizando uns e outros para a importância disto”, remata António Oliveira”.

Moinhos de Arubha, uma raridade? Só porque não conhecem Melgaço

Uma nota informativa do site do Turismo de Porto e Norte de Portugal sobre o que visitar em Boticas, refere a existência de um moinho do tipo Arubha que, “segundo alguns especialistas”, “seriam apenas conhecidos mais dois ou três exemplares no mundo inteiro”.

António Oliveira assegura que, ao longo da última década de visitas aos vários moinhos de água de Melgaço, já terá visto cerca de duas dezenas de edificados com as características supostamente raras, associadas àquele tipo de moinho, caracterizado por receber a água a partir de um ponto superior, que entra num ‘tubo’ de anéis de pedra antes de desembocar no rodízio que faz mover a mó.

Viajar pela Birmânia – 6

M. J. Lobo Elias



Ângulos de enquadramento muito bonitos



Uma casa no meio dos palmeirais...



Uma praia de uma enorme extensão



Os palmeirais a proteger a área da praia



Os nossos banhos numa praia ainda fora da época balnear...



O alinhamento das cadeiras esperando pelos veraneantes... Paisagens de sonho!

Uma praia de sonho no Oceano Índico

Uma grande surpresa para os últimos dias desta extraordinária viagem, sem nos ter sido transmitida grande informação para a surpresa ser maior, foi usufruir nesta viagem a mais bela praia da costa oeste da Birmânia, junto ao Oceano Índico.

Nas viagens de visita ou turismo a este país poucos circuitos incluem esta estadia à beira mar com as maravilhosas praias protegidas de um acesso fácil, entre as altas montanhas e o mar. Na verdade, uma barreira difícil de transpor por terra. Por isso o plano da nossa viagem englobou um percurso menos comum: a realização de um voo interno, relativamente curto, de

1h para norte, muito directo e cómodo, desde a maior cidade, Yangon, até um pequeno aeroporto que nos permitia aceder à zona litoral das praias mais interessantes nesta costa do Oceano Índico sem ter que fazer o difícil e demorado percurso montanhoso.

Ficamos instalados num simpático alojamento local ainda em época pré-balnear. Os dias absorvidos, respirados, nesta zona lindíssima, tornaram-se inesquecíveis. A nossa época de viagem, decorrendo estrategicamente ainda em Outubro, um pouco antes da época turística tradicional, de Novembro a Março, permitiu usufruir da praia sem turistas... Quem sabe, sabe.

A nossa instalação, muito próxima da enorme e



A vista das pequenas casas de madeira na praia vistas de um barco de madeira a remos



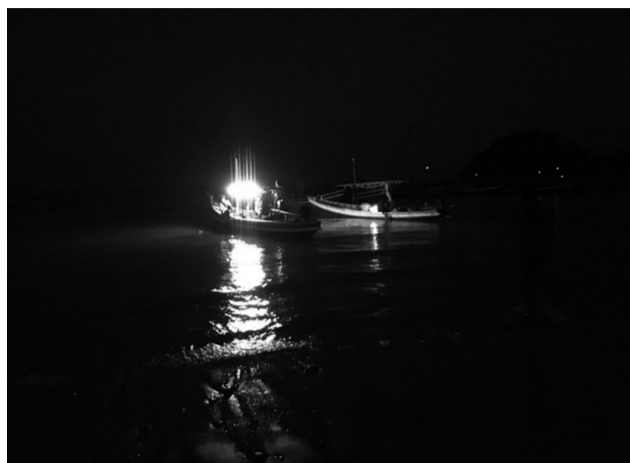
Com locais que andavam a preparar as praias



A preparar protecções contra sol com materiais locais



Com as pessoas na sua tarefa de divisão do peixe



Os barcos iluminados ao longe e um já próximo da praia



Um pôr do sol inesquecível



Outro aspecto da descarga ainda estava escuro...

lindíssima praia, permitia-nos percursos simples a pé sem ser perturbados, serenamente contemplativos, pois quase pudemos desfrutar só nós, nestes dias, ainda fora da época tradicional, desta praias lindíssimas.

Foram experiências e memórias de um país singular em que nesta segunda vez que o visitei, imprimiu em mim a ideia de um país onde sempre apetece voltar.

O Sol mergulhava a Oeste sobre o oceano

Ao fim da tarde o sol descia lentamente sobre a linha do horizonte num mar calmo e sem fim, pois afinal estávamos com a mesma orientação litoral Norte-Sul que existe em toda a costa portuguesa.

O ocaso sobre a água do oceano é sempre um pouco mágico, e contemplado de um areal quase desértico, com fiadas de palmeiras protegendo-nos num cenário como enquadramento de fundo, vivemos um toque de magia inesquecível...

A larga faixa de areia fina da praia aparecia por isso enquadrada entre o mar e os palmeirais sem fim num cenário contínuo em pano de fundo que nos transportavam a uma atmosfera de filme de aventuras, com narrativas de desembarque em ilhas desconhecidas. Respirar e contemplar este areal em modo natural, foi uma oportunidade de mestre, muito bem calendarizada para este mês de Outubro de 2019.

Ngapali, uma praia inesquecível

Descoberta já pelas grandes rotas turísticas foi uma surpreendente surpresa nesta Birmânia extraordinária mas completamente diferente de tudo o que viramos e viveramos antes neste país. A experiência do nosso líder de viagem Jorge Vassallo, permitiu acertar primorosamente a data de fruição desta maravilha da natureza. Esta zona entraria no calendário da sua época alta balnear uns dez dias depois, com a chegada dos inúmeros e tradicionais frequentadores quer nacionais do país, quer turistas estrangeiros. Uma época que se estende de Novembro a Maio, e localmente concentra não só famílias birmanesas que aí possuem casas de férias, mas ainda inúmeros turistas e além de mergulhadores que vêm para explorar as espécies marinhas nas águas transparentes destes mares tropicais

Foram para nós uns dias de surpresa em modo de fruição e contemplação inesquecíveis: a inserção tran-

quila numa atmosfera diferente, uma mudança de ritmo, a envolver-nos neste cenário sereno e singular.

Ngapali é considerada a mais bela praia da Birmânia, não só pelas condições naturais, mas pelas condições para mergulho submarino. Há aqui muitos alojamentos e vivendas em madeira ou de construção adaptadas discretamente à beira mar (resorts) nesta zona. Sabemos que se instalaram também mas bastante mais afastados, hotéis de grandes cadeias internacionais que não se avistam da praia que permanece assim num enquadramento muito natural rodeada dos tradicionais palmeirais.

Atraíam-nos irresistivelmente as caminhadas ao longo do areal onde descobríamos toda a espécie de conchas trazidas pela maré... tantos sinais de vida marinha! Os exploradores do mundo subaquático encontram por aqui um dos seus paraísos!

Pesca nocturna com lanternas a bordo

Seguindo informações recolhidas sobre vivências locais, levantei-me às 4 da manhã para percorrer, com uma pequena lanterna na mão, toda a longa praia de Ngapali a pé e entrar na zona tradicional em que a vida local dos pescadores se desenrola em cada noite. Era a hora de irmos a tempo de ver a aproximação dos barcos iluminados que toda a noite pescaram e que iriam ancorar perto para descarregarem antes do alvorecer. Uma experiência... Caminhando no escuro da noite chegamos à zona de pesca tradicional, de onde pequenos barcos de madeira saíram de véspera, pela luz do fim do dia quase ao pôr do sol para iniciar a sua singular pesca nocturna.

Os barcos tradicionais são de madeira e navegam toda a noite exibindo no escuro numerosas lanternas acesas bem colocadas e visíveis a bordo sobre o mar. Percebi que além de iluminar teriam a função de atrair os peixes. Na verdade eram muitas lanternas, muitas luzes!

Este regresso, de madrugada, torna-se um cenário um pouco surreal: antes do sol despontar todas as luzes em movimento que se vislumbram na escuridão criam uma atmosfera de mistério.

Envio algumas fotos a documentar, quer os barcos iluminados a navegar já próximos da praia quer a seguir a descarga e as partilhas do peixe pelas famílias que os aguardavam na praia, em geral mulheres. Estas rece-

biam uma parte do resultado da pesca que lhes cabia para as respectivas famílias e procediam sobre a areia a curiosas divisões de peixes contados. Montinhos sobre a areia... Portanto os primeiros pequenos lotes eram para os próprios pescadores e família segundo percebi, havendo depois vasilhame com maior capacidade para venda ao público que carregavam em veículos a motor que aguardavam junto à estrada.

Muito tradicional e inesperada esta humanização da partilha prioritária para as famílias dos trabalhadores da faina.

A tranquilidade numa praia de sonho

Nesta segunda quinzena de Outubro, notavam-se no areal já os preparativos para o início da época balnear.

Inesquecíveis estes poucos dias numa das mais belas praias onde até hoje estive. Apetece-me acrescentar "fora de Portugal" porque na verdade parece-me que temos um conjunto surpreendente de praias em quantidade e variedade que me surgem no pensamento com outros perfis é certo, mas também muito interessantes e de uma variedade incrível. Esta é mais exótica e belíssima, com as suas palmeiras a envolver-nos e a manter-nos em atmosfera natural destas paragens, uma sabedoria de gestão do ambiente.

Do lado de terra sublinho que, apesar da sua importância turística, nunca foram as palmeiras originais abatidas para permitir construir prédios ou vivendas directamente sobre a praia. Parece-me uma louvável sensibilidade perante este cenário genuíno e autêntico.

As imagens fotográficas que envio procuram transmitir alguns aspectos desta belíssima atmosfera e paisagem banhada pelo Oceano Índico. Talvez aqui também uma imagem valha mais do que mil palavras.

Percorri várias vezes o areal, de manhã ou ao fim da tarde, entre ondas e conchas lindíssimas, numa Natureza preservada que me espantou quando tomei consciência da sua dimensão turística internacional. Parece-me incomum e louvável manter uma atmosfera tão preservada e natural.

Seguem apenas algumas das muitas e inevitáveis fotografias e que agora revejo como imagens inesquecíveis e cheias de sensibilidade pela conservação da Natureza.

Maio 2021



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Vendem-se

Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:
251 414 973 / 969623094

Moinhos de Melgaço

